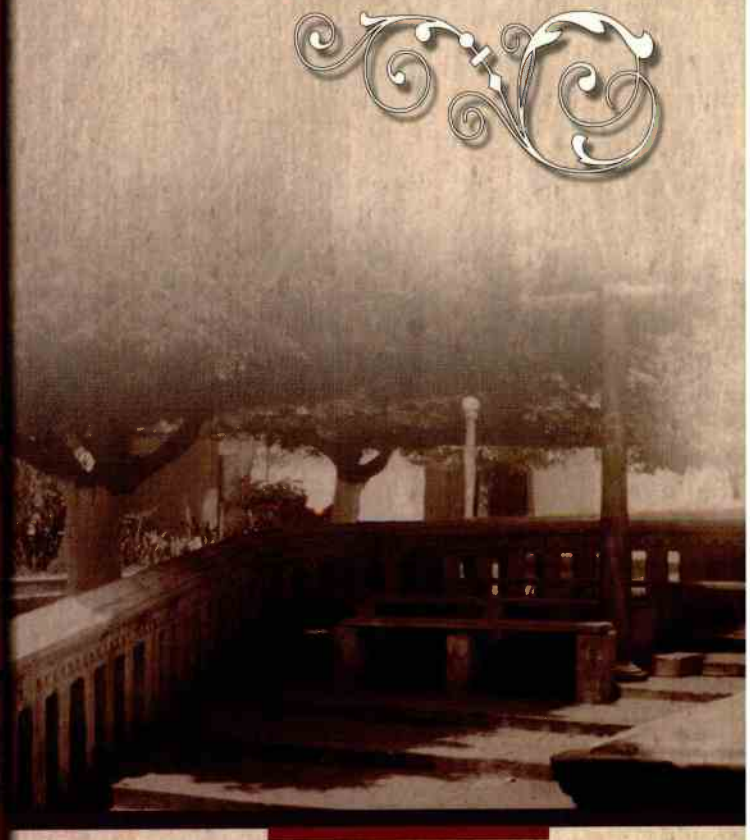
Quintal dos Dias



Nilto Maciel

Projeto Gráfico e capa:

GERALDO JESUINO

Editoração Eletrônica
e tratamento de imagens:

GERALDO JESUINO / VIRNA JESUINO

Revisão:

VIANNEY MESQUITA

Imagens: ARQUIVO DO AUTOR

Verso da capa:

UMA DAS MAIS ANTIGAS CONSTRUÇÕES EM BATURITÉ

QUINTAL DOS DIAS

NILTO MACIEL

PORTO ALEGRE / 2013

Copyright © 2013 by Nilto Maciel

Todos os direitos desta edição
reservados à Editora Bestiário
www.bestiario.com.br
Rua Marques do Pombal, 788/204
90540-000 - Porto Alegre, RS.
Telefone: (51) 3343.5784 | 9325.1366 | 9491.3223

M152g Maciel, Nilto Quintal dos dias / Nilto Maciel. Porto Alegre: Editora Bestiário, 2013.
196p.
isbn: 978-85-9880-239-8
1. Autobiografia - crônica. I Título
CDU 869.0(81) - 94
CDD 920.71

Sumário

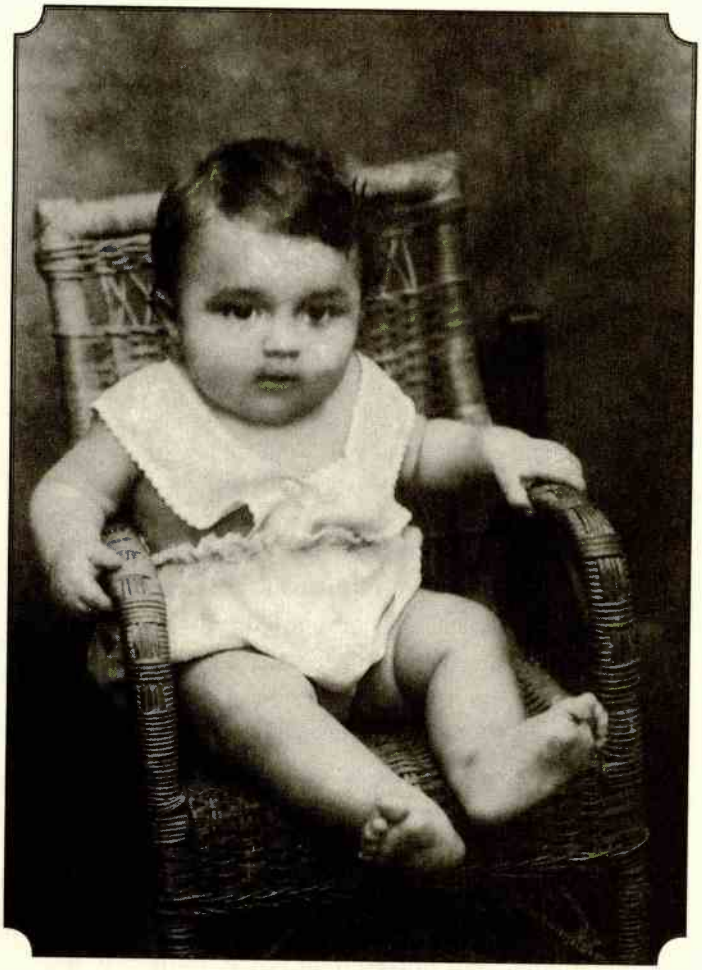
07 Perfil não convencional
09 Breve notícia dos Tarairiús
17 Palma na planta
21 O suave milagre
25 A besta humana
29 Papelada repleta de traça
33 Pedaço de ferro
37 Noite de missões
39 Carrinhos, passarinhos, passeios
43 Vamos comer sapoti?
49 Carnavais, insetos, loterias
53 *Dominus vobiscum*
59 Da bola de meia ao rádio
63 Modelos, livros, jornais velhos
67 De heróis e bandidos
71 No ringue com Éder Jofre
75 Trapo humano
79 Pândegas e peripécias
83 Primeiros rabiscos
87 A fúria da paixão
91 Fossas

95 Minha doença infantil do esquerdismo
99 Achados de um menino perdido
103 Contos rudimentares
105 Guerreiros fictícios e aventuras reais
109 Personagens históricos: episódios imaginários
113 Prêmios e agruras
117 Breve história de uma antologia do conto marginal
129 A revista O Saco
137 O grupo Siriará
141 Epistolário hoje: muita comunicação, pouca literatura
157 Conversa ao pé do computador
163 Homem realizado ou satisfeito
171 Escritores criativos, aprendizes, iludidos
177 Vocação é diferente de talento
183 O que significa talento?
187 Se ficar o bicho pega, se correr o bicho come
191 Dados biográficos de Nilto Maciel
192 Livros publicados

Perfil não Convencional

Venho da serra, do verde do Ceará, mas meus pais e avós vieram do sertão seco. Do tempo do trabuco, da injustiça, da perseguição, de Antônio Conselheiro (Antônio Vicente Mendes Maciel), aquele de Canudos, que as tropas militares massacraram. Não esqueci isso. Li a História desses povos, dessas gentes. Mas li também Camões, a Bíblia, Alencar, Machado, cordel, Moreira Campos. E me pus a escrever também. Mais para relembrar aquele povo e seus descendentes. Para recriá-los. Ou mesmo criá-los, porque talvez nada exista. O que existe é a obra de arte, que é ficção. Nada é real. Quanto mais antigo mais irreal. Ninguém me conhece, ninguém me lê. Sou marginal da literatura. Há muito deixei de sonhar com glórias e famas. Tudo isso é passageiro. O que é bom fica, permanece. Sem precisar de muletas, fanfarras, galardões, medalhas. Sou apenas um escritor de poemas, contos e romances.

[ ]



Eu, aos oito meses de idade
(Foto de 9/9/45)

Breve Notícia dos Tarairiús

A FAMÍLIA línguo cultural dos tarairiús proveio dos Láguidos, tipo étnico de cultura paleolítica primária, resultante da evolução das duas primeiras correntes de povoadores asiáticos da América. A primeira imigração se deu no máximo há 28 milênios e no mínimo há 20. A segunda, há 20, no máximo, ou há 15, no mínimo. E ambas partiram da Sibéria.

Os Láguidos chegaram ao Ceará há 7 ou 6 milênios, provenientes do Piauí e de Pernambuco. Um milênio depois chegaram os tremembés, que eram Nordéstidos, tipo étnico de cultura mesolítica, resultante da evolução da terceira corrente de povoadores asiáticos da América, oriunda também da Sibéria, de onde partiu há 10 ou 9 milênios. Os tremembés saíram do Sul, pela costa, e se localizaram nas praias do Ceará. À época da colonização portuguesa, viviam entre o estuário do rio Curu e o Maranhão.

De cultura mesolítica, entre os séculos IX e X da Era Cristã, chegaram os cariris, que eram Brasílidos, assim como os tupi-guaranis. Tomaram parte da quarta corrente de imigração, há 7 ou 6 milênios, vindos da Indonésia e da Polinésia.

Os tabajaras (tupis) conheceram o Ceará por volta de 1300 a 1400 e se localizaram na serra da Ibiapaba, onde passaram a exercer domínio sobre os tarairiús da região.

Para completar o povoamento primitivo do Ceará, entre os séculos XVI e XVII, chegaram os potiguaras, também tupis.

Até fins do século XVI somente estes selvagens conheciam o território do Ceará, embora desde 1500 as praias cearenses viessem sendo visitadas por aventureiros europeus. Vicente Yañez Pinzón lá desembarcou naquele ano para abastecer de água e lenha suas quatro caravelas, tendo denominado o local onde aportou de cabo de Santa Maria de la Consolación, que é Jarabatana ou Ponta-Grossa, em Aracati. Um mês depois, outro espanhol estacionou no Mucuripe, em Fortaleza, denominando a ponta de Rostro Hermoso.

Em 1603 chegou ao Ceará o primeiro colonizador português, o açoriano Pero Coelho de Sousa. Em 1612 foi a vez de Martim Soares Moreno. Em 1630 os holandeses conquistaram o Nordeste. E novamente os tarairiús entraram em cena. Desceram do sertão e, sob o comando de Jandoí, aderiram aos novos conquistadores, para se voltarem contra os lusos. Um personagem importante faz parte dessa história: o judeu Jacó Rabbi, que se uniu a uma nativa jandoin ou janduí e se tornou guia dos índios.

De 1637 a 1644 os batavos dominaram o Ceará. Derrotados, fugiram, mas voltaram em 1649 e lá permaneceram até 1654. Em 5 de abril de 1646, o judeu Jacó foi assassinado, a mando dos flamengos. Irritados, os índios exigiram a cabeça do assassino. Os estrangeiros se negaram a entregar o culpado aos nativos, que se rebelaram. Após a derrota dos holandeses, os índios deixaram Pernambuco e rumaram para o Ceará. Queriam fundar na Ibiapaba um estado indígena. Jandoí e seu povo fugiram para o sertão, onde se mantiveram por dois anos, até se voltarem novamente contra os luso-brasileiros.

Em 1664 estouraram rebeliões indígenas em diversos lugares. Dois anos depois os portugueses, aliados a alguns tupis, atacaram os paiacus, em Precabura, e os jandoins. Em 1669 existiam no Ceará apenas 200 moradores brancos. No entanto, contavam com a aliança de muitos nativos. Sendo minoria, lançavam tribos contra tribos. Em 1671 os tremembés foram atacados em Jericoacoara. No ano seguinte os paiacus pediram paz. Apesar das derrotas consecutivas, muitas tribos se mantinham em pé de guerra e em 1687 explodiu de vez a guerra, a começar pelos jandoins, de Açu, Mossoró e Apodi, no Rio Grande do Norte, limites com o Ceará. Entraram também na luta os paiacus, cratiús e icós do Ceará. Começava a chamada Guerra dos Bárbaros ou Levante Geral dos Tapuias. De um lado quase todas as tribos tapuias, isto é, tarairiús, cariris e tremembés. De outro, os portugueses e paulistas, auxiliados por tupis. Ao mesmo tempo eram concedidas terras por El-Rei Dom Pedro II aos seus súditos em várias localidades: Choró, Jaguaribe, Pacoti, Maranguape, Guaiúba, Paca-

tuba. Ou seja, as terras mais férteis, banhadas de rios e cercadas de serras.

Em 1692 o maioral dos jandoins, de nome Canindé, se rendeu. Apesar disso, outras tribos passaram a invadir terras habitadas por brancos, a incendiar fazendas, matar gado e gente. Em contrapartida, foram enviadas expedições contra paiacus, jandoins, icós e outras tribos rebeladas. Os que conseguiram escapar da morte foram feitos cativos e vendidos. Alguns, aldeados, como os paiacus. Em 1694 a Corte de Portugal determinou que se doassem terras aos índios e a quem quisesse cultivá-las. Os paiacus são fustigados. No ano seguinte os nativos aniquilaram totalmente os moradores das margens do Jaguaribe e do Banabuiú. Em 1704 os paiacus se levantaram, por duas vezes, e assaltaram o fortim de São Francisco Xavier, na ribeira do Jaguaribe. No outro ano incendiaram o referido forte.

A guerra continuou por longos anos em diversas partes. Em 1712 os jenipapos se aliaram aos canindés e pegaram em armas na bacia do Banabuiú. Passado um ano, unidos a outras tribos, como a dos jaguaribaras e anacés, assaltaram a vila de Aquiraz, causando grande mortandade. Talvez mais de 200 mortos. O fato ficou conhecido como Rebelião de 1713/1715, que quase pôs fim aos brancos no Ceará.

Finda a guerra, uns poucos nativos continuaram dispostos a enfrentar os estrangeiros e seus descendentes. É o caso dos jenipapos, derrotados finalmente em 1721. Quatro anos depois chegou a vez dos anacés e jaguaribaras, atacados no riacho Aracoiaba, em Baturité.

Enquanto isso, avançavam as concessões de terras aos mais combativos matadores de índios.

Em 1739 o jenipapo Miguel da Silva Cardoso (os nativos aldeados ou em fase de aldeamento receberam nomes portugueses), com 32 anos de idade, pediu ao governador de Pernambuco amparo à sua gente, concedendo-lhes aldeamento. Atendida a ordem, foram os jenipapos reunidos aos canindés no Tabuleiro da Areia, em Banabuiú. A seguir foram conduzidos para O Saco da Serra de Baturité, local depois chamado de Comum. Nascia a missão de Nossa Senhora da Palma, primeiramente localizada na barra do Sitiá, no Município de Quixadá, por volta de 1691.

Em 14 de abril de 1764 instalou-se a Real Vila de Monte-mor o novo d'América, elevada à categoria de cidade em 1859, com o nome de Baturité. Em 1808 a vila contava com 1500 habitantes, fora os 1500 moradores dos núcleos de Candeia, Acarape, Cajuais e Pindoba. Para a formação da vila contaram as autoridades com os quixelôs da Missão da Telha, localizada na hoje cidade de Iguatu, com os jenipapos e canindés da Missão de Nossa da Palma, e mais alguns remanescentes de tribos diversas, catados aqui e ali.

Jenipapos e canindés eram tarairiús, família dita tapuia, que falava a língua travada de uma das duas grandes tribos do grupo, os jandoins, ou um dialeto afim. Os jenipapos viviam primeiramente no Jaguaribe, de onde foram retirados para o Piauí, juntamente com os icós, por ordem do governador, mais ou menos em 1723. No ano seguinte agregaram-se aos Feitosas na luta contra os Montes (famílias de sangue europeu) e sossegaram nas cabeceiras do Choró, no sopé da serra de Baturité, até serem aldeados em 1739. Os canindés, seus parentes, viviam no Rio Grande do Norte e

apoiaram os holandeses no século XVII. Em 1699 estavam pacificados no Ceará, após a derrota dos flamengos. Ocupavam as vertentes do rio Curu, ao poente da serra de Baturité. Em 1712 aliaram-se aos jenipapos na guerra. Em 1721 foram batidos no lugar Boqueirão e fugiram para a aldeia de São João do Jaguaribe, onde se refugiaram numa igreja. Mesmo assim sofreram aprisionamento. Em 1739 reuniram-se de novo aos jenipapos para a formação da missão de Nossa Senhora da Palma.

Os quixelôs, que talvez fossem cariris, habitavam a margem esquerda do Alto Jaguaribe e em 1817 foram reunidos na Missão da Telha, dirigida por um frade carmelita. A povoação deu origem à vila do mesmo nome, depois cidade de Iguatu.

Tarairiús eram também os jandoins, os paiacus, os jenipapoaçus, os javós, os camaçus, os tocarijus, os arariús ou irariús e os xucarus ou xocós. Os jandoins ficaram célebres nas lutas contra os portugueses durante a dominação holandesa e a Guerra dos Bárbaros. Uma parte dos paiacus saiu do sul do Ceará, pressionou os cariris para o norte e tomou conta do baixo Jaguaribe, do Açu e da serra do Apodi. Outra parte se localizou entre os rios Pirangi e Choró e foi aldeada em Araré por padres seculares. Posteriormente foram conduzidos para a aldeia ou missão de Monte-mor o velho, atual Pacajus. De lá os retiraram para Porto Alegre, Rio Grande do Norte, onde viviam os potiguaras, e finalmente reconduzidos à missão. Os jenipapoaçus foram missionados em São João do Jaguaribe, depois chamado Jandoim e finalmente rebatizado. Os tocarijus passaram à História pelo trucidamento do padre Pinto no

ano de 1608, em Ubajara. Os arariús se tornaram famosos quando em 1713 assaltaram a ribeira do Acaraú. Os xocós vagavam pelo vale do riacho dos Porcos e pé da serra do Araripe.

Não existem, portanto, notícias do destino da maioria dos tarairiús. Provavelmente desapareceram durante a Guerra dos Bárbaros, a Rebelião de 1713 e as perseguições rotineiras ou dizimados antes de qualquer aldeamento. É o caso dos jandoins, javós, camaçus, tocarijus, arariús e xucurus ou xocós.

Ficaram, porém, os jenipapos, canindés e paiacus de Baturité, os paiacus de Pacajus e os jenipapoaçus de São João do Jaguaribe. Dos primeiros sabe-se que deram origem às famílias Andrade, Carrilho, Correia, Dávila, Figueira, Figueiredo, Mendonça, Montes, Mota, Pereira e Vieira. Canindés são as famílias Bezerra, Calado, Santos e Soares. São paiacus os Barbosas e Ferreiras. Existem também em Baturité descendentes dos groaíras e da chamada nação caboclo, isto é, de índios mestiçados com brancos.

Brasília, 1984

Edinardo, meu irmão mais novo
(fins de 1946 ou início de 1947)

Palma na Planta

Quase todas as minhas narrativas longas têm como cenário a fictícia cidade de Palma. E também alguns contos. Palma seria Baturité. A padroeira da cidade é Nossa Senhora da Palma. A cidade se originou da Missão de Nossa Senhora da Palma, instalada em 1755, com a finalidade de aldear os índios jenipapos e canindés. Palma e seus personagens são relativamente antigos. Quando a ditadura Vargas chegava ao fim, no Ceará ainda mandava Francisco de Meneses Pimentel, no poder desde 1935. Em 1937 tornou-se interventor, sendo demitido em 28 de outubro de 1945. Em Baturité ainda dominava o Comendador Ananias Arruda, apesar de ter exercido o cargo de prefeito até maio de 1943, nomeado em 1935 e eleito no ano seguinte.

Meu pai, Luiz Maciel Filho, nasceu no Distrito de Guaramiranga, termo de Pacoti, comarca de Baturité, em sete de dezembro de 1908, sendo filho de Luiz Fernandes Maciel e Raimunda Nunes Maciel, e faleceu

em 10 de janeiro de 1988, em Fortaleza. Minha mãe, Francisca Alves Maciel, filha de Luiz Alves Pereira e Francisca Alves Pereira, nasceu em 11 de abril de 1908 e faleceu em 14 de julho de 1995, em Fortaleza. Casaram-se na Matriz de Baturité em 18 de setembro de 1930.

Não sei se a omissão do nome real da cidade decorreu da à vontade de me esconder, me sentir mais livre para criar ou de não parecer tão real, não ser cronista. Para substituir Baturité, inventei primeiro Jeriquitiba. Depois Tamboaçu.

O topônimo Palma apareceu primeiro em "A Beata de Palma", "As Pontas da Estrela" e "Tony River", de *Babel*, revelado em 1997 (engendrado logo após *Itinerário*, entre 1975 e 1976). Originalmente, no entanto, nas três peças eu ainda não denominava Palma a cidade de minha ficção. Assim, a segunda intitulava-se "O Menino com uma Estrela na Testa" e se passava em Tamboaçu, tal como a primeira. Este nome perdurou talvez até 1982, quando passei a reescrever meus relatos expostos em jornais e revistas.

Jeriquitiba apareceu apenas uma vez, em "História da Selvagem Batalha das Cruzes em Jeriquitiba e na Estrada que a Liga ao Resto do Mundo", construído em junho de 75, reformulado em julho de 85 e transformado em "Calvário". "A Beata de Palma" se inicia assim: "Quando o trem parou na estação, o sol acabava de se esconder". Em outras composições curtas e romances, se verá a estação de trens, comum a diversas cidades do interior. Maria Efigênia é o nome da protagonista, que reaparece em "As Pontas da Estrela". As beatas também estão presentes em episódios de *Babel* e de outras coleções. Na verda-

de, tencionava criar uma saga. A beata seria uma das personagens.

A primeira descrição da cidade está também naquele manuscrito: "Por pouco não me perdi naquele labirinto de ruelas, becos sem saída, florestas de árvores nas praças, coretos, igrejas, capelas. Sim, além da majestosa igreja matriz, outras dez se espalhavam pela cidade".

Quando Getúlio ainda não se matara, o velho Luiz Maciel falava, com fervor, de Carlos Lacerda. Não me interessava por isso. Preferia, aos domingos, após as missas, assistir aos jogos de futebol na praça. O "campo" parecia enorme. No entanto, talvez não passasse de 50 metros de comprimento. Apenas parte da praça. Os rapazes vestiam uniformes coloridos, calçavam chuteiras. Os goleiros se paramentavam de joelheiras e camisas de mangas compridas. Muita gente saía à rua para ver o espetáculo. Quando Getúlio se matou, o prefeito ou o vigário devem ter proibido tais jogos diante da prefeitura e da matriz.

As cercanias de Palma podem ser vistas em "Calvário" (a estrada, a poeira levantada pelo caminhão, a cruz fincada no chão) e "O fim do mundo de Sinhá" (o sitiozinho, a choupana velha, a roça), bem como a própria cidade ("A Noite das Garrafadas").

A nomenclatura dos logradouros de Palma, no entanto, surgirá somente com a novela *A guerra da donzela*, escrita entre 1976 e 1977. Em *Tempos de mula preta*, segundo conjunto de contos impresso, porém concebido logo após os de *Babel*, o nome Palma só aparece em "Impossível contar a história de Palma", de abril de 78. Entretanto, em outros conflitos há referências a nomes

de logradouros e à sua arquitetura e geografia, como em "Ave-Marias": "Pela 7 de Setembro, Isidoro cavalga o jipe a toda. Esporeia, chicoteia, upa, upa, bicho danado. À porta do Caffé Portuguez, uma rodinha ri, gesticula, cabriola em redor do Dr. Pinheiro"(...) "Pela Dom Bosco, o jipe pula, relincha, peida, em tempo de voar" (...) "A moça continua debruçada à janela, olhos voltados para o namorado que caminha no rumo da Matriz"(...) "Montado no jipe, Isidoro escramuça pelos becos do Potiú. A poeira vermelha o persegue". Também em "As sete onças de Neo": "Eu até me lembrei do sobradão do Dr. João Ramos, com suas cem janelas"; em "Cavalos de Tróia": "No telhado do Caffé Portuguez pombos arrulhavam. Um casal se beliscava sobre um dos *jacarés*. O alto-falante cantarolava uma valsa"; e em "O castigo de Deus", gerado em fevereiro de 78: "Sim, o fogo devoraria tudo, coisas e pessoas. A menos que fôssemos todos para o meio da rua, as praças. Ou para a igreja matriz. Lá o fogo não entraria. Na casa de Deus a salvação. Quando o mar invadisse a terra, no dilúvio do fim do mundo, quem quisesse se salvar, buscasse abrigo no interior da igreja. As águas não passariam dos degraus do patamar, enquanto o mundo estaria alagado".

O Suave Milagre

SOU APENAS LEITOR de poemas, relatos e romances. Desde cedo, desde menino. Adorava o compêndio escolar de português. Não a gramática, os exercícios, a História da Literatura, mas os poemas, ficções breves e capítulos de obra mais robusta. Eu os lia todos durante os primeiros dias do ano letivo. Impressionou-me, sobremaneira, uma narrativa, pela beleza rítmica das frases, pela poesia: "O suave milagre", de Eça. Cheguei a decorá-la. Eu tinha 13 anos, cursava a 1ª série ginasial, correspondente hoje ao 5º ano do ensino fundamental. A joia eciana assim começa: "Nesse tempo Jesus ainda se não afastara da Galileia e das doces, luminosas margens do Lago de Tiberíades: - mas a nova dos seus milagres penetrara já até Enganin, cidade rica, de muralhas fortes, entre olivais e vinhedos, no país de Issacar".

Nesse tempo, ainda não me afastara da Igreja Católica e das doces e luminosas margens da lagoa de Porangabussu. A descrença viria dois ou três anos de-

pois. Quando troquei Eça por Engels. Não sei se o livro apresentava a história na íntegra. Pois me lembro muito mais da parte final: "A tarde caía. O mendigo apanhou o seu bordão, desceu pelo duro trilho, entre a urze e a rocha. A mãe retomou o seu canto, mais vergada, mais abandonada. E então o filhinho, num murmúrio mais débil que o roçar de uma asa, pediu à mãe que lhe trouxesse esse Rabi, que amava as criancinhas ainda as mais pobres, sarava os males ainda os mais antigos".

Adolescente, cioso de ser também rebelde, descuidei-me dos estudos. Contudo, mergulhava nas antologias, não somente aquelas de minha série escolar, nos jornais, revistas e almanaques. Conhecia poemas, contos, trechos de romances. Portugueses quase todos; alguns brasileiros. Nada dos modernistas ainda. Sondava tudo antes do dia da lição, com muita antecedência, por curiosidade e prazer. Enquanto ria da cara do professor de Geografia, devotava-me, com sisudez, a Garret, Herculano, Camilo e outros. E compunha sonetos líricos. Mais tarde, cheguei aos impressos da pequena biblioteca de meu irmão Amadeu. Não sei se por ele eu nutria admiração. Talvez o visse mais criticamente, como ser humano, embora ele se disesse poeta (os outros também assim o chamavam), porque criava e copiava sonetos alheios, num caderno ou canhenho do comércio, de anotações mercantis. O tema mais frequente podia ser resumido em duas palavras: amores não correspondidos. Um dos poemas se iniciava assim: "Ser feliz! Ser feliz estava em mim, Senhora..." Muito mais tarde, encontrei-o em Juca Mulato, de Menotti Del Picchia.

Fui me encantando mais e mais, a cada tomo explorado. Vieram outros lusitanos: Camilo Castelo Bran-

co, Alexandre Herculano. Minha primeira aproximação de livro parece ter sido ao ignoto *Três Figuras: o Frade Poeta, o Padre Voador e o Frade Preceptor*. Entranhei-me nele durante retiro no colégio dos salesianos, em setembro de 61. Convidado a visitar a biblioteca e a retirar publicação para leitura, depois de alguns minutos de pesquisa, interessei-me pelas três figuras. Talvez por se tratar de um dos poucos alfarrábios com aspecto (pelo título) mais ou menos profano da pequena biblioteca.

Em casa havia alguns volumes. Um deles, *Pussanga*, de Peregrino Júnior. A seguir, folheei o obsceno e proibido *A Mulher do Caixeiro-Viajante*, de autor desconhecido, certo Alcides Vaz. Recomendado para maiores de 18 anos. Puro erotismo. Deste período é também a leitura de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Li-o, devagar, com muito sacrifício. Parecia-me obscuro, sobretudo a primeira parte. Mesmo assim, não tive, em nenhum momento, vontade de desistir da leitura. A pequena biblioteca doméstica devorei nos anos seguintes.

Em 1962, eu me abismei, pela primeira vez, num romance, num grande romance: *Quo vadis?*, de Henryk Sienkiewicz. Contava 17 anos de idade e acabava de chegar a Fortaleza, pela segunda vez.

Velocípede e criança arrumada
(talvez Ailton)

A Besta Humana

JÁ PREPARADO para leituras mais agudas, logo me aproximei de *A besta humana*, de Émile Zola. Durante e logo após a leitura, senti profunda repugnância pela nossa espécie. Então éramos aquilo? Causou-me verdadeira comoção. Pois, acostumado aos românticos, defrontava-me com o naturalismo. Por muitos dias, o céu me pareceu mais escuro, sombrio, baixo, como se fosse chover muito, desabar tempestades duradouras. As ruas, de uma tristeza inexplicável; nas casas escondiam-se assassinos em potencial; as pessoas tramavam, em silêncio, bestialidades inomináveis. Permaneci doente por longo período. Afora isso, no rádio, as canções de Silvinho e Orlando Dias me deixavam aniquilado, deprimido. Não havia perspectiva de sucesso em minha vida. Iniciava-me no alcoolismo. No entanto, outras aventuras me dariam um pouco de alegria, como *Agulha em palheiro* e *Amor de perdição*, de Camilo Castelo Branco.

Enquanto isso, metia-me em lutas e leituras políticas. Com o golpe de 1964, dediquei-me em tempo

integral à literatura. Entre outubro de 65 e setembro de 67, embebi-me de dezenas de compêndios: *O amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos; *Joias do conto ídiche; Quem perde ganha*, de Graham Greene; *A tragédia de Zilda*, de Menotti Del Picchia; *A volta ao mundo em 80 dias; A brasileira de Prazins; Sete palmos de terra; Iracema; Ubirajara; O gaúcho; Senhora.* Cinco ou seis anos depois, voltei a *Iracema*. Passaram-se mais dez anos para reler os dois primeiros de Alencar nesta relação e pela primeira vez conhecer *O Guarani e O Sertanejo*. Alcancei também *O moço loiro; Eurico, o presbítero; O vinagre e a sede*, de Sinval Sá, meu professor de Português; *Clara dos Anjos; Memórias póstumas de Brás Cubas; Memorial de Aires; Quincas Borba; As relações perigosas*, de Choderlos de Laclos; *A mortalha de Alzira*, de Aluísio Azevedo; *Poemas*, de Verlaine; *Pensamentos*, de Pascal; umas novelas do Marquês de Sade; *Os vegetarianos do amor*, de Pitigrilli; *Contos escolhidos*, de Machado; *Ascânio*, de Alexandre Dumas; e outros. Lembro-me também de duas edições antigas: *A última encarnação de Vautrin*, de Balzac, e *A fossa*, de Alexandre Kuprin. Empeguei-me também em *Cleo e Daniel*, de Roberto Freire.

Da biblioteca do colégio retirei, por empréstimo, grossos tomos, como a série "Maravilhas do conto moderno". Um para cada país ou segmento: norte-americano, italiano, russo, brasileiro, fantástico etc. Fascinou-me neles a oportunidade de me aproximar do melhor do universo literário. Ora, em pouco tempo, alcancei Guimarães Rosa, D'Annunzio, Trilussa, Pitigrilli, Moravia, os russos, todos os pilares da ficção curta.

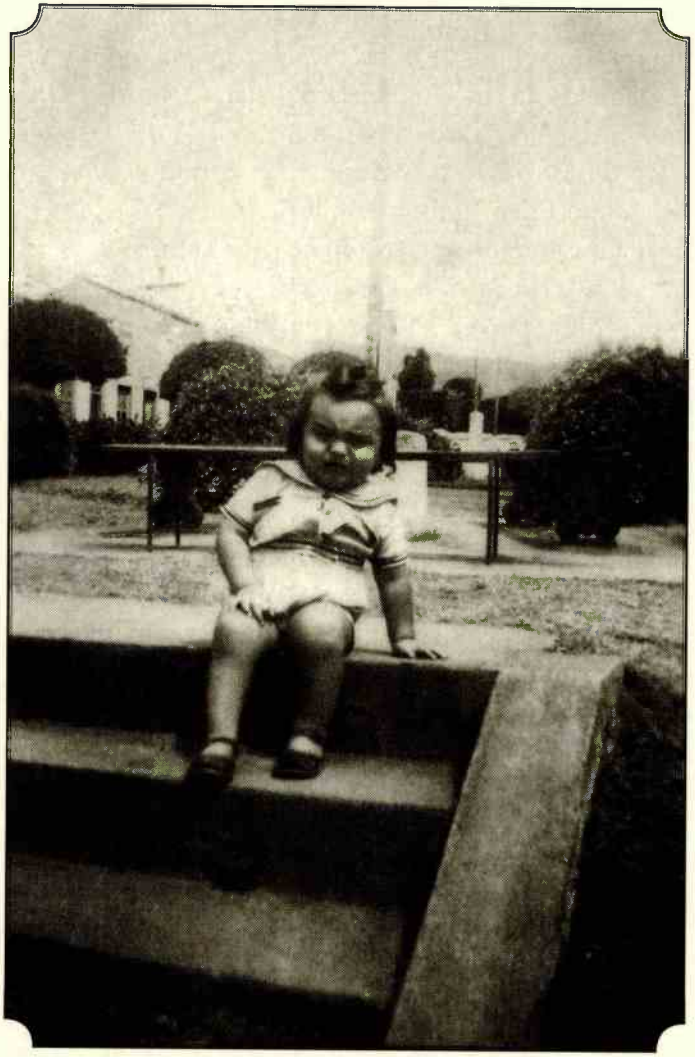
De muitas daquelas publicações não me lembro sequer dos títulos. Não sei precisar quantos. Recordo-

me, no entanto, de ter vendido mais de quinhentos volumes, todos lidos, a dono de sebo, talvez um daqueles camelôs da rua Guilherme Rocha. Não gostava dos ficcionistas brasileiros, especialmente dos nordestinos. Nem de Machado e Alencar. Outros nunca consegui ler. Como Érico Veríssimo e Jorge Amado. De ambos devo ter estudado apenas um ou dois impressos.

Quando descobri Graciliano (já depois de 77), devorei-o de uma vez. Morava em Brasília e queria "conhecer" o Nordeste. Nostalgia, talvez. Antes disso, devo ter sondado apenas trechos desses pergaminhos em antologias. Sentia ojeriza por tudo quanto cheirasse a sertão, mato, interior. José Américo, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego não passavam de contadores de patranhas sertanejas. Eu queria escrever como Machado de Assis, uma prosa sem cheiro de mato, urbana, nacional, universal. Ainda não sabia da lição da aldeia e do universal ou não a compreendia. Queria personagens universais, atemporais, criaturas sem nenhuma semelhança comigo mesmo. Nada de românticos, naturalistas e realistas.

A fase de leituras dos clássicos estrangeiros e brasileiros acabou cedo, talvez em 1980, embora desde os anos 1970 mantivesse contato com escritores contemporâneos. Julgando-me pronto para o embate com a fantasia, a palavra, a frase, pouco realizei como escrita depois de 1990. Passei a ler a pedido dos amigos e novos escribas. Recebia livros diariamente. E, assim, ficaram esquecidas muitas pérolas. Escritas mais de 200 narrativas curtas e poemas, além de uma dezena de histórias mais longas, resta-me reescrevê-las e difundi-las

[❧]



Eu, na pequena escadaria da praça de Santa Luzia,
Baturité
(datado de 8/9/47)

Papelada Repleta de Traça

Nesse tempo vivíamos – toda minha família – uma de nossas piores fases. Iniciada ainda nos anos 50 e estendida até os 70. Papai já não possuía nada. Morávamos em casa alugada. Apesar disso, estudava tudo o que surgia diante dos olhos e tentava desenhar umas letrinhas no caderno. Não por desejar ser literato. Nunca tive essa ilusão. Lia por prazer e entretenimento e fazia anotações para me confessar ou dar opinião.

Com Edinardo e uns amigos, vivia para beber cachaça. Um deles (nem adianta dizer-lhe o nome) me chamava para andar. Certo dia, mostrou-me uma garota, por quem se disse apaixonado. De tanto ele falar dela e de tanto eu vê-la, terminei também apaixonado. Chamava-se Fátima essa menina loirinha e linda, de olhos azuis, risonha. Eu, porém, cada vez mais me fechava em mim, feito caracol, sem coragem de dizer a ela minha paixão adolescente. O tempo passou, e ela sumiu de meus olhos, feito meteoro de cabeleira amarela e olhos azuis. Para sempre.

Nesse tempo, já o sonho revolucionário da "liga" se havia desfeito. Refiro-me ao grupo socialista criado em 1963 por mim, meus irmãos Ailton e Edinardo, pelos conterrâneos Joatan e Autami e uma vizinha de quem não guardei o nome.

Eu estudava à noite, em colégio público. Bebia muito, sobretudo antes do início das aulas. Um colega de classe me acompanhava nos tragos. Trabalhava a despachar cereais, na bodega do marido de Alda, minha irmã mais velha. Trabalhava pouco e lia muito.

Ganhava pouco, quase nada, e só conseguia ler coleções ou romances de bibliotecas públicas ou emprestados. Principalmente de uma mocinha do bairro. Mantinha em casa estante repleta de boas histórias. Depois de visitada sua pequena estante doméstica, andei à cata de alfarrábios, de bom preço. Nas livrarias nem pensar, porque não dispunha de dinheiro.

Deixava de merendar ou assistir a filmes, para comprar aqueles objetos de papel. Encontrava-os expostos nas calçadas das ruas Guilherme Rocha e Liberato Barroso. Camelôs vendiam tomos usados, velhos, antigos, cheios de mofo, roídos de traças, sujos, páginas amarelecidas, rasgadas, anotadas, que me causavam espirros em sequência quase eterna. Alguns nem capas tinham mais. Havia escritos de todos os gêneros, dos mais variados autores. Todavia, de nenhuma delas eu sabia da existência. Passava horas a folheá-las. Nada daqueles nomes das antologias escolares. Nada de Camões, Machado de Assis, Herculano, Alencar, Bilac e outros citados e analisados em sala de aula. Então quem seriam aqueles exibidos em vias públicas? Seriam bons escritores? Valeria a pena ler aqueles calhamaços

tão antigos? Os nomes eu nem sabia sequer pronunciar, todos ingleses, franceses, alemães, russos. Folheava um volume, explorava um trecho, apanhava outro, espirrava, tal o pó acumulado nas páginas. Depois de algum tempo, perguntava o preço de um cartapácio, capa vermelha, título curioso. Obtinha dois, três, de acordo com minhas finanças, e passava uma semana metido em romances góticos, novelas de cavalaria, relatos fantásticos, misteriosos. Com sede de conhecimento, de leitura, devorava todas as letras, com os olhos, indiscriminadamente. Fazia empréstimos, adquiria livros no chão das ruas, embora não dispusesse de quase nenhum numerário. Passava horas a folhear aquela papelada repleta de traça. Entretanto, aquilo não me satisfazia. Sem condições de frequentar livrarias, sonhava com bibliotecas inexistentes.

[❧]

Parte de nossa família: da esquerda para a direita:
Izeida, Lúcia, eu, desconhecida atrás do arbusto,
Ailton (sentado no chão), José (mais atrás) e Alda,
na praça de Santa Luzia
(Foto de 8/9/47)

Pedaço de Ferro

Antes dos papiros ou das letras, descobri, naturalmente, as coisas. Apareceu-me, um dia, pedaço de ferro, cerca de dez centímetros, cheio de dentes. Talvez resto de moinho. Em vão, pergunto onde fui achá-lo, para dele fazer minha primeira importante propriedade e meu mais antigo e rico brinquedo. Ele virava boi, cavalo, trenzinho, caminhão, arma e instrumento de trabalho. Por vezes, mugia, irado, a quebrar cercas. Mais além, trotava doidamente, a dar coices, a torto e a direito. No mesmo instante, soltava baforadas de enegrecer o céu, apitava na curva da estrada, a anunciar sua chegada ao povoado. Rápido, carregava na carroceria toneladas de cereais e se atolava nos caminhos tortuosos.

Com ele, eu destruía formigueiros, partia minhocas, esmagava besouros, destroçava bois, cabritos e galinhas da fazenda imaginária. Cavava buracos e poços, mudava o curso dos rios, abria picadas, derrubava florestas, revolvia montanhas.

Muita vez, perdia a essência mineral e se metamorfoseava em bicho bruto, todo carnes pesadas, ossatura descomunal, sangue rubro a movimentar-lhe o colosso. E rugia, monstro de mil pés a rolar sobre a terra, a afugentar o gado dos currais, a ameaçar todos os que se pusessem à sua frente, incontrolável e mau. O terror solto no quintal, antes tão quieto.

Com ele, eu construía estradas longas, que iam do centro do mundo até onde o vento fazia a curva. Ora cortavam o rio, ora lhe seguiam paralelas, e atravessavam de ponta a ponta minhas muitas terras. Meu imenso latifúndio, habitado por feras, criações, bichos domésticos e população humana variável. Eu, o coronel, a mandar e desmandar. A dar ordens absurdas e caprichosas. Faça-se ponte aqui. E vinha minha mãe a me contrariar: "Saiam já de perto desse esgoto!"

Naquele chão quase sempre úmido, algumas vezes ressequido, eu costumava ser tudo na vida: fazendeiro, motorista, vaqueiro, trapezista. De caminhos de sete palmos, fazia estradas largas e empoeiradas, por onde andavam boiadas inteiras, tangidas por vaqueiros encourados e tostados de sol, corajosos sobre cavalos ligeiros. Soltos no campo, misturados ao gado, eu criava porcos, galinhas e capotes. Tangia-os pelos ermos, recolhia-os a currais. E logo me dispunha a matá-los, para vender suas carnes.

Súbito e como por encanto, desapareciam todos os animais e surgiam caminhões de carga. O coronel carrancudo virava dono de frotas de carros e, a seguir, precário chofer, a girar o mundo na boleia de velho Chevrolet.

Repentinamente, esquecia o transporte e me dedicava de todo à matéria-prima transportada. Saía a ber-

rar, pelos quatro cantos, novas ordens absurdas. Para fulano, sicrano e beltrano irem buscar tantas sacas de feijão, arroz e milho. Um regressava de mãos abanando, outro dava desculpas moles, terceiro feito palerma. Então tomava a súbita decisão de arranjar, por cima de pau e pedra, conteúdo para as carrocerias vazias. Corria a casa, revolvia malas, vasculhava a despensa, à cata de lenço, caixa de fósforos, boneca de pano. A esta cortava cabeça, braços e pernas, e consumava-se perfeita saca de arroz ou feijão.

Bicho ou máquina, aquele pedaço de ferro escalava morros, atolava-se na lama, pesadão, impetuoso, sem rumo. Alcançava propriedades fantásticas e miraculosas: voava sem asas, falava sem boca, andava sem pés. Crescia assustadoramente, assombroso e terrível, o só desejo de alçar-se à altura dos muros, espiar os quintais vizinhos, descobrir segredos e mistérios, meter a mão nas parreiras, laranjeiras e bananeiras.

Findo o chafurdo de tantas horas, cansada a mão que o fazia tão danado, aquietava-se o ferro-para-toda-obra, e eu, sua alma, o lavava e o enxugava nos calções sujos como o chão.

Mamãe ameaçava jogar no lixo aquela porcaria. E me repreendia e batia, irada com tanta sujeira. Por precaução, corria a conversar com ele – o ferro – alisar-lhe a crina fria, o lombo negro, sua carcaça ameaçada. Falava-lhe ao ouvido, abraçava-o, beijava-o. E, para dormir sossegado, metia-o na terra, escondia-o detrás de pedras e tijolos.

Tempos depois, auscultei-lhe o coração cansado e percebi-lhe a moléstia fatal. Os sintomas se patenteavam à primeira vista: amarelecia e, se o chamava para

brincar, sujava-me todo de borrão doentio. Tratava-o com muita água e sabão, e nada de cura. Desiludido, abandonei-o aos ventos. E nunca mais o vi. Arrependi-me e, com saudade, busquei-o, por todo o quintal. Perguntei às pedras pelo amigo desterrado. Tudo se calava à minha angústia. Em vão, virava e revirava o chão. Havia morrido decerto o pobre boi, o coitado do cavalo, o bichinho-papão de meus delírios.

A certeza de sua morte me foi dada por mamãe: "Estava enferrujado, menino". Por túmulo teve o monturo, sem reza e sem vela, sem caixão e sem choro. Cemitério distante, para mais adiante dos fundos das casas, buraco para onde se jogava o lixo da cidade. Lugar distante, sombrio, fétido, pátria de urubus.

Os tempos se passaram e nem percebi isso. Súbito, me vi na rua, só, sem mãe e sem brinquedo.

[❧]

Noite de Missões

Não conhecíamos objetos de brincar industriais. Meu primeiro passeio de bicicleta, na garupa, se deu de noite. Tive medo, emoção. Um rapaz me convidou a passear. Morava na mesma rua. Saímos, lenta e cuidadosamente, por becos e vielas escuras ou semi escuras. De vez em quando, falava. Tomasse cuidado, para não aproximar os pés das rodas. Ouvi de minha mãe informação reconfortante: Esse rapaz e seus irmãos se preparavam para vestir batina. Parecia-me que toda a cidade vivia ao redor das igrejas, contava o tempo pelo bater dos sinos, pelo soar da Ave-Maria na torre da matriz e andava ao compasso do andar dos padres.

Muito antes disso, ainda na casa onde nasci, certa noite o mundo me pareceu mais triste do que em todas as noites de grilos e sapos. Velha noite de meu abandono. Episódio antigo e fincado em mim, feito estaca no chão. Chorava muito. Tempo de missões católicas contra o comunismo e o ateísmo. Mamãe saiu de casa

ao anoitecer e fiquei em tal desamparo, em tal abandono, que mais lembrava um mártir. Triste e só, embora na companhia de Edinardo e outra pessoa. Não sei se empregada ou vizinha. Talvez fosse Zeneida.

Em nossa casa sempre viveu alguma parenta. A mais querida terá sido Zeneida. Vivia conosco, quando nasci. Sua mãe, irmã de minha mãe; seu pai, irmão do meu. Conheci apenas este. E acompanhei seus últimos momentos, num quarto, abandonado. Assim também morreu, mais tarde, tia Nazaré.

Vem-me à lembrança uma enchente na cidade. Chovia muito havia dias. As ruas não se enchiam de água porque há declive e todas as águas descem para o rio Potiú. Fomos (eu, Edinardo e mamãe) à casa da tia Nazaré, inundada e muito próxima ao Rio. Acontecera ou acontecia escândalo na cidade e, em especial, em nossa família. A tia envolvida (acusada) em adultério. O sujeito da trama seria um ferroviário. Meu tio, o marido traído, envergonhado, abandonou a casa e a família e se retirou para o Cariri. Para nunca mais se ter notícia dele.

Pois me contavam - Zeneida e minhas irmãs - suas proezas de mocinha. Puxavam-me o cabelo da nuca, forçando-me a dizer "sim", para sair de casa. E então íamos à praça, onde se realizavam quermesses.

Volto à noite das missões. O sono me entristecia ainda mais. A lua parecia pouca; a solidão, demais. Mamãe tinha ido rezar, para que o mundo não se acabasse naquele ano. Não sei quando voltou. Nem quando dormi.

[❧]

Carrinhos, Passarinhos, Passeios

Brincava-se também com carrinhos de madeira, feitos de ripas, pregos, parafusos, borracha, sebo ou graxa para azeitar as rodas. Os choferes quase sempre necessitavam de ajudantes, para dar o primeiro empurrão. Sem isso, os carrinhos só rodavam nas descidas. Apenas os bons choferes conseguiam escapar aos acidentes.

Aconteciam também pequenas tragédias domésticas. Quando Edinardo caiu da rede, na casa de tia Nazaré, nada vi. Terá caído mesmo? Pode ter sido sonho. Eu não sabia sequer onde ficava a casa dela. Devo ter imaginado os detalhes do acidente: Edinardo a balançar-se em rede e, súbito, a queda. Teria levado forte pancada na cabeça e desmaiado.

Na morte de um passarinho, tive papel mais atuante. Criava-o desde o surgimento da primeira plumagem. Não sei como chegou a mim. Presumo ninho no quintal, o ovinho, o despertar para a vida, o sumiço

da mãe. Andava pela casa, sob meus cuidados. Certo dia, balançava-me, displicentemente, em cadeira. O pássaro piava e andava pelo chão. E aconteceu a tragédia. Ouvi o piado de agonizante, parei o balanço da cadeira e vi o bichinho, esmagado, ainda a se mexer.

Lá fora, outros passarinhos morreriam todo dia. E pessoas também. Pois eu percebia a desgraça da vida de algumas pessoas. Uma delas bebia demais e morava em casa situada na esquina de ruazinha estreita. Via-o rolar do alto da calçada. E me arrepiava. Outro homem de cara feia, a saltar com uma só perna, amparado em muletas, me deixava com o coração aos pulos. Chamavam-no de bêbado. Revoltado, gritava impropérios. Quando o avistava, só me vinha à cabeça sua queda. Como conseguia se manter em pé?

Íamos passar férias no mato. Sempre no sítio da localidade chamada Candeia, proximidades de Baturité, onde viviam o padrasto e a madrasta de mamãe. E lá não havia nada de especial. Casinha de taipa. E lá havia pouca gente, nenhuma criança. A única diversão consistia nos banhos de riacho. A água corria mansa. Não havia fundura e brincávamos de catar pedrinhas debaixo da água. Peixinhos nadavam tranquilos.

O pior de tudo terminava na latrina. Porcos enormes e barulhentos chafurdavam nas fezes. E não havia papel. Usávamos folhas de árvores para limpeza do traseiro.

A noite parecia de infinita tristeza. Grilos e sapos gritavam sem parar. As lamparinas mal alumiavam o chão de barro. Nas paredes, coladas estampas de "santos" diversos. Pois o padrasto e a madrasta se diziam muito católicos. Rezavam novenas e terços todas as noites.

Brincávamos debaixo das inúmeras e gigantescas mangueiras. Chupávamos mangas, para depois tomarmos banho no rio. Ou então íamos à moenda, ver os animais puxar, em roda, madeiras horizontais acopladas a um pau mais grosso plantado no chão para o alto. O movimento circular dos bois fazia moer a cana. Depois íamos ver como se fazia rapadura e mel. Na volta para casa, em cima de burros, mulas ou cavalos, levávamos presentes - frutas, rapaduras, alfenins. Viagem curta, de cerca de uma hora.

Certa vez, ao chegarmos da cidade, encontrei na casa Maria e Rita. Seriam adolescentes, pois riam muito e pareciam muito vaidosas. Eu teria cinco anos ou pouco mais. Viviam com os avôs. Apaixonei-me imediatamente pela segunda. A paixão deve ter durado uma semana. No máximo, um mês. Porque voltei a Baturité e não a vi mais. Pelo menos, durante aquele ano.

Férias mais emocionantes aconteceram em Apuiarés. A começar pela viagem, pelo meio de transporte. Alda combinou com mamãe e papai, certamente, me levar a passar uns dias na cidadezinha onde morava. Algumas horas na boleia de velho caminhão transformado em meio-ônibus. Passei a maior parte do tempo na mercearia do dono da casa onde me hospedaram. Ao final da tarde, os cassacos (trabalhadores braçais contratados pelos governos em períodos de seca para construção de estradas e serviços afins) iam fazer compras, falar do trabalho pesado, da seca. Conheci também o rio, que, apesar da seca, corria volumoso.

Antes disso, metera os pés apenas em lugarejos e sítios ao redor de Baturité, como Olho d'Água. Por estreita trilha, coleante e em subida crescente, depois de

uma hora de caminhada chegava-se lá. Terras dos jesuítas, onde mantinham convento, imponente construção de pedra, perfeitamente visível desde a cidade. Mamãe frequentava a velha e distante igreja, com assiduidade, sobretudo para se confessar. E quase sempre levava com ela os filhos pequenos. Divertíamo-nos muito ao redor do templo e da escola. E chupávamos mangas.

Em 1957 se deu minha primeira viagem a Fortaleza. Com Ailton. De trem ou de ônibus. José morava em hotel à rua Senador Pompeu. Manhã brilhante e nova para mim. Via o centro da Capital pela primeira vez. Da janela da hospedagem. Na rua, muitos carros. Burburinho nunca suposto. No quarto, apenas cama e armário.

[❧]

Vamos Comer Sapoti?

De tarde, Lúcia e minhas primas se balançavam nas redes e cantavam "Índia" e "Meu primeiro amor". Cantavam e comiam batata-doce. E eu sonhava, solitário. Devia ser muito miúdo. Nem sabia que se chamavam Cascatinha e Inhana os cantores. Como não sabia por onde andava mamãe. Certamente no quarto, a dormir, sofrida. E Edinardo e Ailton? Talvez matassem lagartixas no quintal. Papai conversava lorotas na mercearia. Alda já devia viver em Pentecostes. Amadeu e José com amigos.

Tenho tanta pena de minha mãe. Porque sempre a vi sofrida. Em certo período da vida (eu devia ter menos de dez anos), apareceram eczemas em seu corpo. Eu e Edinardo íamos à farmácia de Oziel Rabelo buscar pomadas (na conta de nosso pai). Mamãe se maldizia continuamente. Para irmos de casa à bodega de nosso pai, precisávamos passar por uma ruazinha estreita, cheia de bois da cara feia. Isto me aterrorizava. Porém,

nossa mãe nos proibia buscar outros caminhos. Pois na rua de baixo morava a ralé, além de prostitutas. E nela se localizava a delegacia de polícia. Seguir pela via de cima, embora mais nobre, sem perigos, seria encompridar a caminhada.

Os eczemas - pensei depois - seriam resultado "psicológico" do abandono sofrido por nossa mãe. Nosso pai não a teria mais como mulher. Ou seria a menopausa? Não sei, nunca conversei isso com ela ou qualquer pessoa de casa.

Tempos depois, os tais eczemas desapareceram.

Nesse tempo, Alda nos visitava, uma vez por ano. Trazia novidades e presentes para todos. Como um conjunto de cadeiras de balanço, de palhinha. Ou brinquedos para nós, seus irmãos menores. Trazia também revistas. Divertia-me com "O amigo da onça". Recortava as "figuras" e as colava num "álbum". Alda se fazia acompanhar, algumas vezes, de uma mocinha chamada Maroquinha. Pequenina, bonita, sapeca. Para mim, boneca de carne e osso.

Numa tarde, a brincar no passeio do palácio, o aroma de sapoti maduro atiçou-me os sentidos. Certamente preparavam a merenda do prefeito. Ou de mais alguém? Aquele odor antigo vez em quando me entra pelos sentidos. E com ele vêm carrinhos de madeira, bolas de pano, bonés de papel, barquinhos de jornal, jogo de castanha e de bila (bola de gude). Invejava os meninos "afortunados", possuidores de objetos tão sofisticados. Além disso, só os mais danados, mais machos, ousavam dirigir tais carrinhos. Só os bons choferes conseguiam escapar aos acidentes. Nos declives, os carros atingiam velocidades espan-

tosas. E, para rodarem novamente no mesmo lugar, deveriam subir as calçadas inclinadas. Para isso, os donos dos carros necessitavam de ajudantes.

Essa geringonça seria a versão pobre ou rudimentar do velocípede. Por outro lado, já se viam bicicletas, poucas, na cidade.

As bonecas das meninas se faziam artesanalmente de pano e recheio de algodão ou trapos. Na calçada, brincávamos com castanhas de caju. Cada jogador utilizava tampa circular de lata. Tamanho médio de pires. Recheava-se a tampa com cera de abelha ou vela derretida. Colocavam-se algumas castanhas nas extremidades de triângulo riscado no chão. O primeiro jogador, postado a cinco ou mais metros de distância do desenho, lançava a latinha na direção das castanhas. Se errasse o alvo, o outro jogador se agacharia para desferir o golpe na sua latinha. Ganhava quem conseguisse atingir maior número de castanhas. O vencedor se apossava das peças em jogo.

Brincar com castanhas exigia força nos dedos e pontaria. O dedo fura-bolos, acionado pelo indicador da outra mão, atingia a lata e a fazia deslizar pelo chão e atingir as frutas. Como no boliche. O jogador de pouca habilidade só conseguia alcançar uma ou duas castanhas. Quem deslocasse o maior número de frutos para fora do triângulo teria direito a nova jogada.

Havia também as brincadeiras perigosas, proibidas pelas mães. Jogos, na verdade. Um deles acontecia em chão de barro e não em passeio revestido de cimento. Primeiramente desenhava-se triângulo, com a ponta de arame em forma de punhal. Jogavam dois ou mais meninos. O primeiro deveria lançar a arma ao

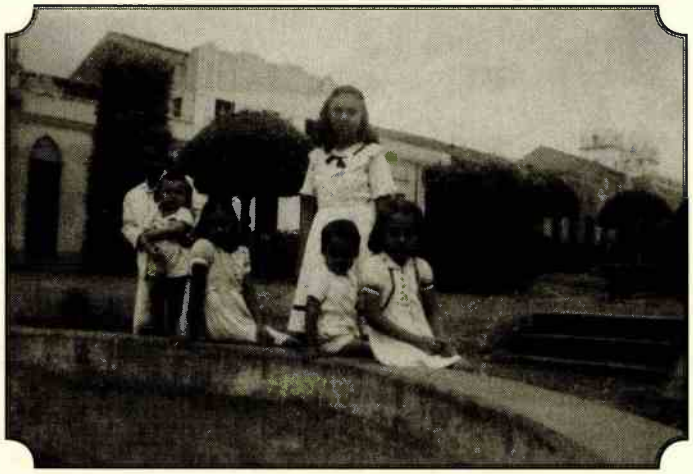
chão, fincando-a, ao lado do triângulo, e traçar reta de ligação de uma das pontas do desenho ao furo provocado pela arma. E assim se formava, ao redor da figura geométrica, traçado de linhas interligadas, espécie de teia. Cada jogador se dedicava a impedir a formação da teia adversária. Quanto mais próximo de uma das linhas, melhor. Se atingisse o interior do desenho, estaria fora do jogo. O segundo jogador repetia a ação do primeiro e, desse modo, desenhavam-se traços quase paralelos. Aos poucos, num entrançado indecifrável, as linhas se emaranhavam ao redor do triângulo. Perdia o jogo quem atingisse as linhas do concorrente. Vencia quem conseguisse "fechar" o oponente, isto é, bloquear os traços do parceiro e alcançar novamente o triângulo, sempre no sentido horário. O perigo de tal folia ou jogo se fazia iminente: a arma, pontuda, poderia espetar os pés dos jogadores. Menos perigosos se revelavam os carrinhos de madeira, feitos de ripas, pregos, parafusos, borracha, sebo ou graxa para azeitar as rodas.

Tive, então, o grande sonho de também ser possuidor de um daqueles carrinhos. E fiz o pedido a minha mãe. Lavava roupa ou cozinhava e pouco me deu ouvido. Restava saber como se fazia carrinho: madeiras, pregos, parafusos, borracha, sebo ou graxa para azeitar as rodas. Expus o projeto em mais detalhes. Arranjaria as madeiras na oficina do marceneiro, pregos, o parafuso central, tudo. Mamãe se opôs ao plano. Não, aquilo não daria certo. Diversão de vadio. Fosse estudar, decorar os verbos e a tabuada. Estudei, decorei o verbo ter, a multiplicação do sete, e voltei ao pedido. Onde arrumar tanta madeira, tanto prego?

Dias e dias depois, meu carrinho descia a calçada da prefeitura, sem ajuda de ninguém. Contudo, de tão frágil, não durou muito. Ao bater num tronco de árvore, espatifou-se.

Restava, pois, voltar a correr feito doido pela rua, sujeito a tropeços e quedas. O nome do folguedo talvez fosse manja ou variação dela. Possivelmente o pique, o pega-pega. A folia perdia a graça, se na calçada ou às janelas não estivesse a plateia. Donas de casa e suas filhas arrastavam cadeiras de balanço até a calçada e lá permaneciam horas e horas da noite, a parolar e ver meninos em algazarra. Quando as primeiras cadeiras voltavam às casas, só nos restava parar, enxugar o suor e partir para o repouso.

Sento-me diante da televisão. Vão e vêm bandidos, presidentes, modelos, jogadores, soldados, mendigos. Além, muito além da parede, vejo barquinhos de papel, carrinhos de madeira, bolas de pano. Vamos comer sapoti?



José, eu, Lúcia, Ailton, Alda (em pé) e Izeida,
na praça de Santa Luzia
(Anotado na foto original 8/9/46,
mas acredito ser de 47)

Carnavais, Insetos, Loterias

Como terá sido meu primeiro dia de aula no grupo escolar? A sala repleta de meninos, lápis e cadernos sobre a "carteira", a professora desconhecida, a olhar para mim e falar alto, sem parar. Depois de uma hora de tormento, um sino soou muito alto. Todos correram, aos atropelos. Iniciava-se o recreio. Permaneci nos degraus, a olhar para o pátio coberto de capim. Tive medo da algazarra de tantos meninos estranhos.

Como seria o carnaval? Talvez jovens se divertissem no clube recreativo, à noite. A única manifestação carnavalesca de minha infância deve ter sido numa tarde, ao voltarmos do grupo escolar. Havia chovido. Pequenas poças d'água se tinham formado. Finda a aula, saímos, um magote de meninos, pela rua. Puseram-se a cantar, alegres e cheios de malícia: "menina vai, /com jeito vai, / se não um dia / a calça cai". Riam, gargalhavam. Parecíamos borboletas a voar. Saltávamos poças d'água e corríamos para o arco-íris.

O que seria a morte? Um mistério. E a dor? Intervalo das alegrias. A tristeza? Mentira de gente grande.

As casas todas tinham quintal, com árvores frutíferas, hortas, galinheiros, pocilgas. E portão aos fundos, a comunicar a moradia com um caminho de pouco uso, depois transformado em rua. Esse caminho estreito conduzia à praça de Santa Luzia. Vala o separava do mato. Se se seguisse em frente, ia-se dar em um dos rios que cercam a cidade. O nome do prédio da prefeitura (anteriormente, cadeia pública) é, por isso, Palácio Entre Rios.

Em certo tempo, precisávamos carregar diariamente lenha para o fogão. Só a partir de 1958, já em Fortaleza, passamos a usar carvão. O gás butano chegou muito tempo depois à nossa casa. As achas de lenha conduzíamos, eu e Edinardo, nos braços. Da bodega de nosso pai até a casa. Cerca de mil metros de caminhada. Um suplício! O pior certamente não seria conduzir os paus, apesar do peso e do desconforto. Tornava-se um martírio a simples ideia de descer ao porão da mercearia, onde a lenha se amontoava, e ser obrigado a enfrentar bichos e insetos de toda a ordem: sapos, ratos, lagartas, baratas, aranhas, cupins. Uma descida aos infernos!

Em dias comuns, alto-falante irradiava marchinhas carnavalescas, valsas, sambas, chorinhos. Vicente Celestino ainda fazia sucesso na Baturité dos anos 1950: "Eu ontem rasguei o teu retrato / ajoelhado aos pés de outra mulher..." ("Rasguei o teu retrato", 1935); "Tornei-me um ébrio e na bebida busco esquecer..." ("O ébrio", 1936); "Disse um campônio à sua amada..." ("Coração materno", 1937), e tantas outras. Cantavam também Carlos Galhardo, Orlando Silva, Luiz Gonza-

ga, Dalva de Oliveira, todos os grandes intérpretes. As letras dessas canções se fincaram em minha memória e, mais tarde, me conduziram a criar personagens, situações, dramas. Assim, "A moda da mula preta", na voz de Luiz Gonzaga ("Eu tenho uma mula preta / Tem sete palmos de altura / A mula é descanelada / tem uma linda figura"), me fez criar o personagem José Coité, de "Tempos de mula preta": "Corria os bares, os cabarés, as ruas e os caminhos montado na mula preta, feito um capeta". Outra canção, "Mariposa", gravada por Nelson Gonçalves ("Segue o teu caminho, mariposa / já que esta luz te embriaga..."), me levou a criar o drama "Tadeu e a mariposa".

Eu juntava frases de canções (quase sempre dramas amorosos), histórias ouvidas em casa e na rua, misturava tudo, e, com alguma invenção, mais tarde escrevi contos e romances. Também passava horas a pintar e ler. E cismar em ser pintor, como aqueles dos quadros, das capas dos livros escolares e cadernos "Avante". Copiava figuras e tentava imitar pinturas rudimentares ou famosas.

Papai comerciava. Exportava produtos da região. Ainda alcancei a pontinha final do negócio: montanhas de coco de carnaúba. Vivia bem, tinha prestígio, viajava para Fortaleza, vestia-se como rico. Empobrecido, se tornou pequeno comerciante (ou bodegueiro, como se dizia), preocupado com apólices, seguros, jogos, loterias.

Na cidade circulavam algum jipe antigo e caminhões em dias de feira. No entanto, eu via fotos de carros nos jornais e nas revistas. Então um dia papai nos falou num prêmio da loteria. Chegou com essa "notícia" milionária. Ou não terá falado nada? Comprara bi-

lhete e iria ganhar um automóvel, um Studebaker. Passei várias noites a rezar, a pedir a Deus uma ajudinha. E ainda perdia o sono, de tanto rezar e sonhar.

O sonho do prêmio terá sido apenas meu. Pois em casa nunca falaram em tal assunto.

Enquanto papai jogava e sonhava com riqueza fácil, mamãe cuidava da casa e dos filhos. Todos os partos realizados por parteira. Dois ou três morreram bebês, das chamadas enfermidades infantis. Morávamos, quando nasci, em casa comprida e estreita da avenida Dom Bosco, chamada vulgarmente "calçamento". O batismo da tal avenida deve datar de 1939 ou mais adiante. Pois é dessa época a edificação do Ginásio Domingos Sávio, dos Padres Salesianos, construído em amplo terreno à margem dela. No meio, a dividi-la em duas, havia árvores. Depois, não sei quando, o prefeito ordenou cortá-las, matá-las. O asfalto viria muito mais tarde.

[❧]

Dominus Vobiscum

FOMOS MORAR na Capital, em casinha da rua Conrado Cabral, no Monte Castelo. Vinha de longe, à noite, a voz de Nelson Gonçalves: "Boemia, aqui me tens de regresso / E suplicante te peço a minha nova inscrição". Aquilo me deixava comovido como o diabo. E ainda nem sabia de luas e conhaques.

Mal me acostumara à rua e à casa, e lá chegou a notícia de que iríamos nos mudar. Para outra casa pequena, em Joaquim Távora. Mudamo-nos. A rua parecia mais estreita. E não havia quermesse por perto. Ou alto-falante. Não pude mais ouvir Nelson. Ouvia apenas a voz de minha mãe, a nos acordar cedo, para irmos à igreja. Somente aos domingos. Acordávamos cedinho. Os galos cantavam nos quintais. Todas as casas ainda de portas fechadas. O friozinho da madrugada nos empurrava para os braços de Deus. Rezávamos, ajoelhados, aos pés da santa cruz.

José aparecia, de vez em quando. Morava no Montese, com uma mulher. Amancebado, diziam. Passava apenas alguns minutos. Sempre apressado. Enquanto conversava com mamãe ou almoçava, nos mandava ficar de olho no ônibus. Quando surgisse, avisasse. Um de nós subia ao muro. O coletivo se metia em voltas pelas ruas, até chegar à esquina da via de nossa morada.

Mamãe e Zeneida produziam docinhos de coco e de leite. Chamávamos tijolinhos. Eu, Edinardo e Ailton tínhamos o trabalho de levá-los às bodegas, às mercearias, para revenda. Papai se quedara em Baturité, cuidando do minguado comércio, em sociedade com tio Quincas. Mandava-nos alguns alimentos e dinheiro, semanalmente. Pelo ônibus da empresa Redenção. Havia dia determinado. Íamos à rua São Paulo buscar os pacotes.

Naquele tempo eu só pensava em futebol. Tudo fazia para escutar as transmissões radiofônicas dos jogos do Brasil na Copa da Suécia. No entanto, não tínhamos rádio. O primeiro aparelho radiofônico de nossa casa chegou muito tarde. Posto sobre mesa na sala de estar, imperava imponente no meio da pouca mobília. Media mais de meio metro. Cheio de válvulas, esquentava feito forno. Passou a ser meu entretenimento predileto, à noite. Rodava o botão para lá e para cá, à cata de novidades, músicas, notícias e jogos de futebol. Anotava tudo: nomes dos times e jogadores do Rio, de São Paulo e da Europa. Decorava e copiava frases de canções. Quando todos iam dormir, continuava a manejar os botões. Ou metia a mão atrás. Mamãe se aborrecia: fosse dormir, desligasse o aparelho. Abaixava o volume

e aproximava da tela do alto-falante um ouvido. No entanto, as ondas iam e vinham em descompasso, e ora se tornavam inaudíveis, ora cresciam.

Volto a 1958. Sem rádio em casa, restava ir ao centro da cidade, onde se localizavam as lojas de eletrodomésticos. Lá, sim, se podia ouvir tudo. Os vendedores ligavam os aparelhos em alto volume, para atrair clientes. Todavia, os jogos só se davam à noite. Se conseguisse sair mais cedo do colégio, se as lojas ainda estivessem abertas, se não houvesse perigo de perder a última viagem do ônibus, se... Ailton, Edinardo e eu estudávamos à noite. Às vezes, voltávamos para casa a pé, quando perdíamos o horário do ônibus ou os estudantes saíam às ruas, em protesto. Com medo, os motoristas recolhiam os veículos às garagens. Ou por ordem dos patrões.

De dia, brincávamos de jogo de botão. Cada um de nós possuía dois ou mais times. Por sorteio, coube a mim Calouros do Ar e Gentilândia. Ailton ficou com Fortaleza e Usina Ceará. Edinardo, com Ceará e América. Com quem terá ficado o Ferroviário? Cada campeonato durava dias. Chegado o momento de os times do mesmo "dono" se enfrentarem, convocava-se um dos irmãos para manejar os botões de uma das equipes.

No final do ano, voltamos a Baturité. Para a mesma casa da avenida Dom Bosco, por onde caminhões subiam e desciam, aos sábados, cheios de mercadorias da feira livre. Não esquecemos as brincadeiras aprendidas na Capital. Levamos os botões, acondicionados em caixinhas de fósforo. As pequenas peças seriam de paletó. E quem vestia paletó naquele fim de mundo áspero, seco, de matutos, matos, animais? Não sei onde

e como os adquiria. Talvez nos armarinhos. Raspávamos as bordas a gilete. E cada botão recebia nome de jogador de futebol. Servia de campo mala de madeira, antiga, de mais de meio metro de altura.

E a bola? Ah, a bola não rolava, porque nem de longe se mostrava redonda. Apenas deslizava na tábua, atingida pelo botão. Ou voava para o gol, levantada pelo toque sutil ou violento do "jogador". Parecia miniatura de panela - tampinha de creme dental. A meta, a baliza, o gol, também chamado de trave, media cerca de dez centímetros de largura, cinco ou seis de altura. Feita de madeira, trazia ao fundo pedaço de véu ou tecido mais resistente, como se fosse a rede. Caixa de fósforos, recheada de pedras, servia de goleiro.

Mamãe gritava: Vão tomar banho; venham almoçar. Perdíamos a noção do tempo, entretidos com os botões. Depois, cansados de brincadeira tão monótona, brincávamos de bola no meio da rua. Um sossego, pois não havia trânsito de carros.

Sentia-me leve e feliz. Tinha irmãos com quem brincar. A mãe em casa. Zeneida ao lado. Muita fé em Deus e na Santa Madre Igreja, que nos livrava do comunismo ateu. Esse catolicismo vindo de muito antes, de um tempo quase esquecido. As missas aconteciam de madrugada. Saía de casa em jejum, para poder comungar. E, de tanto carregar pesos - missais, turíbulos, castiçais - terminava passando mal. Diversas vezes desmaiei, fui ao chão. Isso me deixava aniquilado. Pois o espetáculo se dava aos olhos de todos. Pensei, mais tarde, sofrer de epilepsia. Certamente contribuía para o desmaio o cheiro de velas acesas. E de hóstia e mofo. Aqueles paramentos do padre,

guardados em gavetões, cheiravam a naftalina. Pequenino, acolitava missas todos os dias. Decorei aquele latinório terrível, em curso exaustivo ministrado por padre ou ajudante: *Dominus vobiscum. Et cum spiritu tuo. Introibo ad altare Dei.*

Anos depois, no colégio dos padres salesianos, num dia muito quente, fizemos, os alunos externos do colégio, passeio a pé. Talvez a sítio dos padres. Longe da cidade. Não me lembro da ida. Pode ter ocorrido cedinho, antes de o sol raiar de todo. Não sei quanto tempo lá passamos e o que lá fizemos. Lembro-me bem da volta. Caminhamos por estrada durante mais de hora, debaixo de sol de derreter os miolos. No mesmo dia ou no seguinte? Não, não teríamos dormido lá.

[❧]

Tia Nazaré (irmã de meu pai),
eu nos braços de minha mãe
e Zeneida (sobrinha dela)

Da Bola de Meia ao Rádio

TODAS AS CASAS me pareciam enormes. Tetos muito altos, chão de tijolo. Quando chovia ou o sol esquentava demais, brincávamos de bola na sala ou nos quartos. Os chutes desajeitados levavam o objeto para o forro de pano pintado de branco. E nem adiantava cutucá-lo com vara. Se um dia, pedreiro ou pintor levasse escada e atendesse nossos rogos, ou quando papai mandasse trocar o forro, talvez conseguíssemos reaver o brinquedo. Mesmo assim, estariam endurecidos, mofados, rasgados.

Mamãe tinha horror a esses globos. Menos aqueles das cartilhas: bala, bela, bila, bola, bula. Ora, como seria possível viver sempre a estudar? Se tirávamos notas baixas, três dias de castigo. No quintal não havia lugar para jogos e brincadeiras. Todos os espaços ocupados por fruteiras, plantinhas e animais para engorda. O gato caçava borboletas, ratos e passarinhos, a correr e saltar entre as bananeiras. Sumia, voltava, miava, brincava,

desaparecia de novo ou para sempre. Até surgir outro. Um dos últimos deve ter sido Mimi. Preto, olhos verdes, sapeca, arranhava as bananeiras, dormia debaixo do limoeiro, escondia-se atrás das moitas, perdia-se por dias e dias, reaparecia a miar, faminto. Os porcos roncavam no meio da lama. As lagartas infestavam a horta.

Na cidade, poucos meninos conheciam esferas de couro. Em compensação, todos tinham "bolas-de-meia" ou "bolas-de-pano". O envoltório do recheio consistia sempre em meia longa. Podia ser usada e até furada. O recheio variava entre algodão, pano e papel. Não serviam para jogos em chão de terra. E menos ainda em dias de chuva. Jogava-se nas calçadas. Quando não o futebol, simples chutes de um lado para outro da rua. As paredes serviam de anteparo e, ao mesmo tempo, de linhas de gol. Às vezes, dois jogadores de cada lado. Um chute para cada "time" (dupla) ou jogador. Vencia quem fizesse determinado número de gols. Ao vencedor cabia jogar, em seguida, com outro "time" ou jogador. Eu conseguia ser dos melhores nos chutes e nas defesas. Saltava, quase voava, em busca do objeto. Elogiavam e eu me enchia de orgulho. Sim, quando crescesse, iria jogar no Fortaleza. Por muito tempo, sonhei ser goleiro profissional.

O sonho, no entanto, cedo se desfez, e de forma melancólica. Um fracasso! Tudo começou (pode ter sido antes ou por outro motivo), quando fui alijado das quadras de futebol de salão, por engolir sete frangos numa só partida. Chamaram-me de frangueiro, e nunca mais me convidaram a entrar no pequeno estádio. Frustrado com o meu futebol, deixei o campo e me postei na plateia. De ator me fiz espectador.

A mania de tirar fotos (nunca, porém, desejei ser fotógrafo) vem de menino. Dediquei-me a recortar fotos de jogadores e times estampadas em jornais e revistas. Colava-as num caderno usado. Dos futebolistas cheguei a atrizes de cinema, animais, carros, arranha-céus. Passava tardes a catar pedaços de revista no "lixo". Em terreno ao lado das salas de aula do colégio. Teriam pertencido aos alunos internos. Uma vez encontrei um "suporte", espécie de cueca mais resistente. E me tornei usuário dele, para me defender de pancadas nos jogos.

Até descobrir na mercearia de papai e tio Quincas um monte de jornais velhos. Fiquei encantado com aquele manancial de fotos. No entanto, eles me alertaram logo: Nada de levar jornais. Da primeira vez, consegui, a muito custo, arrancar uma ou duas páginas e levá-las por baixo do calção. E quase todo dia voltava ao local do crime. Horas e horas a folhear os diários. Até descobrir os suplementos literários. Minha curiosidade se voltou, então, para o universo das letras. Embebia-me de todos os suplementos, com sofreguidão. O jogador cedia lugar ao leitor.

No colégio dos padres havia "muro" a separar os alunos internos dos externos. Aqueles vinham de outras cidades, sobretudo de Fortaleza. De famílias ricas. Nós, os da cidade, éramos quase todos pobres, filhos de comerciantes locais, como eu e Edinardo, de funcionários públicos etc. Nunca os dois lados se misturavam. Brincavam em pátios separados. Até na igreja, construção contígua ao colégio, a separação se manifestava. Os bancos destinados aos internos se situavam na parte mais próxima do altar. Apesar disso, fomos convidados a participar dos folguedos e jogos de fim de sema-

na no colégio. Entrávamos por pequeno portão, que ia dar na escolinha para crianças carentes, moradoras da periferia. Havia muitas mangueiras e o rio corria bem próximo a uma cerca. Os internos jogavam futebol em campo grande, com traves, rede, uniformes, chuteiras, globos de couro. Nós ficávamos ao largo, com os meninos mais pobres. Aquilo me pareceu excessivamente pesado. Nunca havia chutado esferas de couro. Meus pés só conheciam bolinhas de meia. O capim molhado e alto me feria os dedos.

[❧]

Modelos, Livros, Jornais Velhos

Alguns habitantes da pequena cidade serviram de modelo para a criação de personagens. Amadeu me parecia figura enigmática. Andava a cavalo pela cidade. Candidatou-se a vereador pelo partido de Plínio Salgado. Não conseguiu eleger-se. Conheciam-no como poeta, boêmio, desocupado. Redigia sonetos líricos para "supostas" namoradas. Os mais românticos possíveis. Em encadernação grande, de registro contábil ou de atas, não sei bem. Guardei alguns versos. Em soneto muito cheio de rimas triviais, o poeta se lamentava e culpava certa moça, a quem chamava de "mulher de Putifar". Até hoje não sei quem foi essa mulher. Nem sei por onde andam os sonetos de Amadeu. Guardo poucas memórias dele.

Outro poeta chamava-se Aluísio. Meu irmão e ele se mostravam muito amigos. Contudo, nada de homossexualismo. Unia-os apenas o gosto pela poesia. Seriam os poetas da cidade. Os personagens Rui de Alencar, de

"O julgamento de Rui", e Lucas Thaumaturgo, de *Os luzeiros do mundo*, são um pouco eles.

Havia outros rapazes esquisitos em Baturité. Um deles só aparecia em roupa de linho branco, camisa de mangas compridas, e uma das mãos metida no bolso das calças. Algum defeito físico, certamente. Filho de padeiro português, dono da maior padaria da cidade.

Esse jovem da mão defeituosa morava na praça de Santa Luzia, onde se localizavam as melhores casas da cidade. Como o Hotel Canuto. Na praça havia coreto, bancos, árvores e jardins. Ao fim das tardes, íamos a ela passear. Ver as flores e as outras crianças. Eu teria cinco ou seis anos. Morávamos na avenida Dom Bosco. Quase esquina da referida praça. Casa grande, enorme, com quintal, saída também pelos fundos. Do outro lado da rua houve, durante algum tempo, oficina para conserto de carros. Então, havia na cidade um ônibus velho e rudimentar, um jipe de guerra e caminhões de outras praças. A oficina teria existido somente em sonho.

O mundo, porém, não funcionaria, se sobre a terra objetos, coisas e construções não se locomovessem ou servissem aos homens. Como o trem. E como seria ele? Ouvia o apito, via a fumaça, sentia no chão o solavanco da máquina nos trilhos. Imaginava-o gigantesco, feito de ferro, irrefreável. Ninguém poderia pará-lo. Nem o mais forte dos homens. Só freava quando queria. Aquietava-se, por uns minutos, na estação, para receber e despejar passageiros com suas malas, seus sacos, suas mercadorias. Irritado com tanta demora, dava apitos estridentes e partia de novo, pelo flanco da cidade, onde só havia mato. Rumava para o sertão ou para a Capital. Eu subia ao parapeito da janela, contudo não conseguia

vê-lo. Sabia de onde vinha: do Potiú. E onde ficava o Potiú? Como seria? Lá ficavam as casas das raparigas (prostitutas). Mulheres e crianças da cidade (o centro) nem sequer olhavam para lá. Como se fosse o inferno.

Esse cenário e seus personagens recriei, sem nunca os ter visitado. Fantasiei os tais cabarés e como se comportavam as raparigas, certamente firmado em conhecimentos adquiridos mais tarde, em Fortaleza. Uma das personagens fictícias dessa grei mais frequente em minhas obras é a cafetina Ana Souto, de *Os luzeiros do mundo* e de outras aventuras.

Os grandes arranha-céus me fascinavam. Passava horas a catar restos de revistas no "lixo", principalmente em terreno ao lado das salas de aula do colégio dos salesianos. Até descobrir na mercearia de papai e tio Quincas monte de jornais velhos. Encantei-me com aquele manancial de fotos. No entanto, pai e tio logo me alertaram: nada de levar os jornais. A muito custo, consegui, da primeira vez, destacar uma ou duas páginas. E quase todo dia voltava ao local do crime. Passava horas e horas a ler e ver jornais. Até descobrir os suplementos literários. Então, minha curiosidade se voltou para a literatura. O jogador de bola cedeu lugar ao leitor. Roubava os cadernos e os levava para casa. Havia neles contos, crônicas, poemas, artigos de Artur Eduardo Benevides, Braga Montenegro, Eduardo Campos, Francisco Carvalho, Fran Martins, João Clímaco Bezerra, João Jacques, Milton Dias, Moreira Campos, Otacílio Colares, Otacílio de Azevedo e não sei mais quem. Muitos anos depois, eu os conheci, quase todos.

[❧]

Eu na mesma pracinha

De Heróis e Bandidos

Dos GIBIS eu sabia desde muito cedo, antes mesmo de por eles me interessar. Via-os de longe ou de relance, nas mãos de outros meninos. Não podia, no entanto, me aproximar deles ou tocá-los. Apesar disso, na rua, nas calçadas, andavam de mão em mão, sebentos, sujos, rasgados, lidos às escondidas. Como surgiam, quem os vendia, quem os conseguia? Os garotos mais velhos, mais calejados, mais danados tinham o primeiro acesso a esses objetos tão desejados. Os outros, como eu, ficávamos para depois.

Não sei quando conheci o primeiro gibi. Lembro-me, sim, de Búfalo Bill, Tom Mix, Roy Rogers, Bill Elliott, Rocky Lane, Durango Kid, Hopalong Cassidy, Flecha Ligeira, Cavaleiro Negro, Zorro, Capitão Marvel, Tarzan, Sobrinhos do Capitão, Mandrake e tantos outros heróis. Eu adorava os caubóis e suas aventuras. Todavia, logo me fascinaram as fábulas nas selvas afri-

canas, terras de pigmeus e animais ferozes. E os ambientes sombrios, fantásticos, irreais, de seres como o Fantasma.

Seja como for, fascinei-me pelos semideuses dos gibis desde a primeira visão-leitura e, durante muito tempo, me deliciei com aqueles combates. E me tomei de ódio aos apaches, comanches, sioux e todos os aborígines. Seriam comparsas de bandidos, assaltantes de diligências (as carruagens puxadas a cavalo), assassinos. Na escola, aprendíamos a louvar e admirar Borba Gato, Raposo Tavares, Anhanguera, entradas e bandeiras. Os nativos – selvagens, brutos – significavam estorvo à civilização. Ensinaram-nos isso: matar índio resultava em novos caminhos. Os primitivos representavam atraso, fraqueza. Bandeirante queria dizer progresso e força. Os verdadeiros super-homens. Matavam mil indígenas num minuto.

Meus amigos conheciam todos os faroestes. Um deles descobriu maneira de ver pedaços de filmes. Conseguia, talvez no lixo, alguns centímetros de tira. De lâmpada comum queimada arrancava-se a tampa e retirava-se o conteúdo. A seguir, enchia-se com água o diminuto recipiente. Contra a luz de lâmpada acesa, punha-se a folha junto à lâmpada queimada. Resultava disso a projeção do negativo na parede. Como simples fotografia.

Apesar de ter aprendido tanto, nunca tinha ido a cinema. Se um dia pus os pés naquela sala cheia de cadeiras e uma tela branca enorme, deve ter sido em sonho. Minha primeira visão de uma tela grande não se deu num cinema, mas no pátio do colégio dos padres, para ver um documentário sobre a Revolução Cubana.

Nesse tempo, eu tinha mais pavor do comunismo do que do inferno. Vivia dentro das igrejas.

Não sei se se comemorava data religiosa ou cívica. As cadeiras ou bancos foram dispostos no pátio, ao ar livre. Ao chegar, o serviço de alto-falante transmitia valsas de Strauss. Depois descobri o nome de uma delas: Danúbio azul. Certamente só havia aquele disco no colégio. Ou então o discotecário gostava de valsa. Enquanto quase todos assistiam à película, eu e alguns amigos "descobríamos" o outro lado da escola. No comando, Severiano, o líder de todas as bagunças. Aproveitamos a escuridão (como a dos cinemas) e, sorrateiramente, descemos uma escada. Fomos dar noutro pátio, reservado aos alunos internos. Do outro lado havia conjunto de salas. Seriam os dormitórios. Nas paredes encontramos armários repletos de biscoitos, doces, guloseimas diversas. Não tenho certeza de termos arrombado portas. Fomos bandidos por alguns minutos.

Anos depois, já em Fortaleza, todos os sábados ou domingos, eu, Edinardo e Ailton íamos ao Cine Moderno ou ao Majestic. Vestíamos a melhor roupa e nos portávamos com a maior gravidade, como se fôssemos à igreja. Saíamos de casa no início da manhã. E não nos importávamos com o tipo de fita. Afinal, tratava-se de passeio, diversão. Aprendi a odiar japoneses e alemães - os bandidos da 2ª guerra. E a venerar os norte-americanos. Brincávamos de imitar os atores. Tentávamos reproduzir suas falas: "What's your name?" "My name is Barrabás".

Dona Nenen ou Francisca, minha mãe,
em Fortaleza,
início dos anos 1970

No Ringue com Éder Jofre

NUNCA FUI entusiasta do pugilismo. Nunca presenciei uma luta de boxe. Nunca lutei, nem em sonho. Quando muito, ainda menino na Vila de Monte-mor o Novo d'América, já esquecido dos ancestrais tapuios, me engalfinhava com garotos, derribava-os ao chão e me sentia o grande vencedor. Ou quando ia ao Cine Odeon e me embasbacava diante de *gladiatores* romanos, que se matavam feito galos de briga, para deleite do imperador, seus asseclas e suas concubinas.

Num dia de 1957, ingênuo feito pinto recém-saído do ovo, enquanto folheava revistas (*O Cruzeiro*) e jornais velhos, vi um jovem de calção, luvas, num ringue. Quem seria aquele duelista? As manchetes estampavam a resposta: Éder Jofre, o "Galinho de Ouro", campeão na categoria "peso galo". Explorei reportagens e notícias. Falavam do novo fenômeno do boxe, do garoto do Peruche, o boxeador invencível, o pugilista capaz de derrubar todos os contrários, o pequeno e

franzino gladiador brasileiro. Mais tarde, me tomei de admiração por lutadores históricos. Como Spartacus ou Espártaco, na tela do cinema, a combater o sistema de escravidão no Império Romano. Parecia majestoso na sua coragem, muito mais imponente do que o monarca. Mais corajoso, porque contra ele e seus companheiros avançava o mais poderoso exército da Terra. Para mim, Éder Jofre também representava esse embate contra os poderosos, os donos do poder, os reis.

Não me empolgava nem um pouco saber da ligação do lutador com o clube São Paulo. Na verdade, eu preferia o Santos de Manga, Zito, Dorval, Jair da Rosa Pinto, Pelé, Coutinho e Pepe. Mais do que essa agremiação, eu admirava o Botafogo de Servílio, Garrincha, Didi, Zagallo, Quarentinha e Nilton Santos. E, por muitos anos, me mantive torcedor desses dois clubes, até me bandear definitivamente para um só grêmio de futebol, o Fortaleza

Então tive um sonho espetacular e inesquecível. No tablado, Éder Jofre e outro atleta saltitavam, olhavam-se, à espera do início da pugna. O juiz consultava o relógio, andava para lá e para cá. Ginásio lotado. Gritaria, apupos, palavrões. Incentivos de massacre: "Derruba, acerta o queixo, chuta, mata". Parecia o Coliseu. Fitava os olhos ao meu derredor. Onde se achava o imperador? Cadê a rainha? E a favorita do soberano? Iniciava-se a refrega. O paulista vestido de gladiador romano. Socos, socos e mais socos. O adversário cambaleava. A multidão aplaudia e queria mais. Exigia sangue: "Sangra, sangra esse galo estrangeiro!" Pois o rival vinha de fora. O "galinho de ouro" assentava um golpe frontal com o punho. O contendor se combalia. Nosso

boxista acertava um direto e fazia o oponente oscilar feito pêndulo de relógio desregulado. O povo estrugia no anfiteatro. O árbitro se impacientava e se postava entre os dois esportistas. Éder ministrava um cruzado (um cross) no pobre rapaz e, por pouco, não lhe arrancou a cabeça. Também me contaminava de entusiasmo, porém temeroso de um acidente mais grave. Se o juiz não interferisse com maior rigor, Jofre terminaria matando o forasteiro. Pois logo lhe acertou um gancho. Alguém gritou junto a mim: "Mais um *hook* nele, para acabar de vez com isso". Um torcedor mais macabro sugeriu, aos gritos: "Aplica um *uppercut*". Só depois descobri o significado da palavra: golpe desferido de baixo para cima, visando a atingir o queixo do oponente. A plebe aplaudia e queria mais. Exigia sangue: "Sangra, sangra o galo estrangeiro!" Como se não bastase, o paulista infligia uma série de socos com ambas as mãos, ao mesmo tempo. Gritavam: "Isso mesmo, um jab-direto nele". O povaréu ia ao delírio. As arquibancadas pareciam prestes a desabar. Todos queriam sangue, morte. Exigiam não só golpes no rosto e no abdome, mas também abaixo da cintura. "Acerta os colhões dele". O brasileiro batia sem parar, não com fúria, ódio ou desejo de morte. O concorrente se defendia, como podia. Só faltava pedir socorro ao juiz e aos espetadores. Ora, estes queriam o seu fim. O galinho espiou para mim. Lembro-me muito bem daquele olhar. E ele parecia ser meu irmão mais velho. Acontecia então o nocaute. O homem jazia no chão, atordoado ou desacordado. O árbitro ergueu o braço de Éder e proclamou sua vitória. As pessoas urravam. Sentia-me aéreo, como se tivesse também levado um golpe na cabeça. Tentava me afas-

tar da plateia. Não conseguia. Agarravam-me. Debatia-me, conseguia me livrar das mãos suadas e dava um salto espetacular. Ia cair no meio do ringue, ao lado do boxeador inerte e do vencedor, que me abraçava e erguia, como um troféu. E gritava: "É este o nosso grande vencedor". O público se calava. Qual o significado daquilo? Acordava, examinava o teto, chovia, a água escorria pelas telhas. Pelos punhos da rede, via o mundo escuro. Galos cantavam canções eternas no quintal de minha casa e nas vizinhanças. O canto parecia vir de muito longe. Era madrugada. Tentei dormir de novo. Não consegui, a pensar no pugilato ocorrido havia pouco. Depois, já não chovia, peguei no sono. Os galos ainda cantavam sem parar. Nunca mais sonhei com lutas. E nunca mais vi Éder Jofre.

FORTALEZA, 28 DE JUNHO DE 2012

[❧]

Trapo Humano

Não nasci em Fortaleza. Sou dela filho adotivo. Minha mãe natural é Baturité. Onde vivi até os 13 anos de idade. Foram 13 anos de namoro ou flerte com a Capital. Sim, flerte. De longe ("Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte") eu a desejava, adolescentemente, de dia e de noite. Considerava-a deitada à beira do mar. Esparramada no vasto e morno leito de areia. Passava horas e horas a mirar fotografias de jornais e livros: a praça do Ferreira, o cine Diogo, o Excelsior Hotel. Como era o mar? E as ruas, as avenidas, as alamedas, os bulevares? Teriam carroças, charretes, automóveis? Ou tudo não passava de mentira de fotografia? Punha a vista nas curtas, mirradas e sonolentas avenidas de minha cidade e cochilava.

Deu-se, então, a chegada de 1958, ano da mais braba seca do Ceará, do Nordeste, do Brasil, do mundo. Recordo episódio de meu primeiro dia em Fortaleza. Pegamos o trem, eu e meus dois irmãos menores.

Iríamos visitar José, irmão maior, bancário, morador de hotel da rua Senador Pompeu e, certamente, cheio de dinheiro. Bem cedo nos vimos na hospedagem. Ou teríamos dormido lá? Chegamos, eu e Ailton (não me lembro de Edinardo no local), e para lá nos dirigimos. Seria apenas para vê-lo? Não sei o motivo da visita. Manhã brilhante e nova para mim. Via o centro da Capital pela primeira vez. José precisava sair para trabalhar. Estaria de volta ao meio-dia. Ficássemos no quarto, a apreciar a via, os veículos, o movimento das pessoas. Então escancaramos a grande janela. E me estarreci pela primeira vez na vida: tantos automóveis, de todas as cores, feitios e marcas, todos estrangeiros. E o povo a ir e vir, apressado, buzinas, gritos, chamados, convites. O burburinho da Capital do meu País. Isto é, do meu Estado. Da janela de um hotel. Na rua, muitos carros estacionados e em movimento. Rumores nunca imaginados. Eu tinha 13 anos e só conhecia o mundo por meio de publicações. Desci para ver os autos. Quase me perdi. Onde ficava a entrada do prédio?

Vêm-me às têmperas a cama, o armário, a janela do quarto. E eu e Ailton a olhar para tudo aquilo, curiosos. Contudo, nada dizíamos um ao outro. Seria por vergonha de nossas ignorâncias? Nunca conversei com Ailton sobre isso. Ele morreu uns 14 anos depois, em Brasília. Abandonado pelo próprio José, e alcoólatra.

Depois daquela manhã, tivemos outros contatos. Aliás, não sei se ele, José, se achava no quarto, se saiu, se chegou. Só guardei na retina a rua vista da janela, os carros, os transeuntes. Aquele burburinho nunca visto e ouvido.

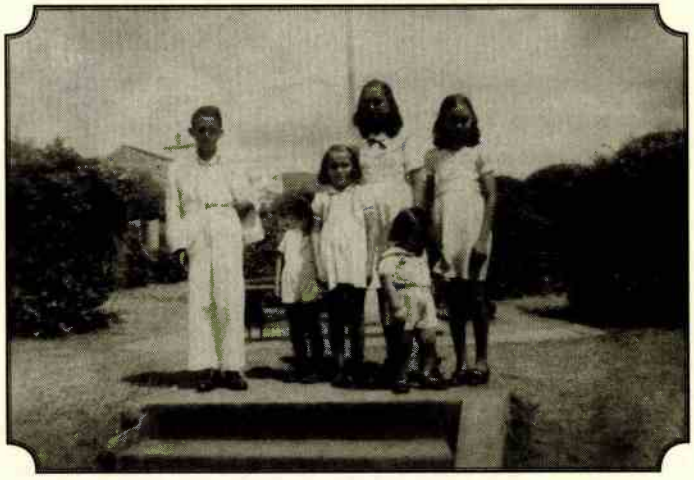
Regressamos a Baturité (e então percebi a pequenez da minha cidade natal). Da janela de casa, tentava

avistar o cine Diogo. Só via mato e morro. Quando voltaremos a Fortaleza, mãe? Como naquele tempo adultos não davam ouvido a crianças, só fiquei sabendo da mudança para a Capital uma semana antes da viagem. Assim como da decisão de meu pai ficar no interior com uma das minhas irmãs, matriculada num colégio de lá. Não havia mais explicação. A família se dividia em duas. A maior parte se instalou na rua Conrado Cabral, no Monte Castelo, proximidade da avenida Bezerra de Menezes. Casinha estreita, com cheiro de tinta. Rua calçada com pedras toscas. Não passavam carros, aqueles Packards e Cadillacs vistos na Senador Pompeu no ano passado. Não circulavam nem sequer ônibus. Pois íamos a pé, à noite, até o Liceu do Ceará, onde nos tinham matriculado no primeiro ano ginasial. Meus colegas, todos adultos, só falavam em sexo. E eu sentia sonolência. E medo. Perto da meia-noite (como se já fosse madrugada), o apito final nos mandava embora. E lá regressávamos, eu e Edinardo, apavorados. Todavia, não vimos um só assaltante durante todo o ano. Nenhum ser vivo no caminho, para nos atormentar. A não ser o corpo de uma mulher (estaria morta ou apenas dormia o sono dos bêbados?) estendido no chão, em certa noite. Corremos e chegamos à casa, sem fala.

Passados mais de cinquenta anos, ainda vejo aquele trapo humano perdido no meio da minha noite infantil.

FORTALEZA, 21 DE MAIO DE 2012.

[❧]



Meus irmãos José, Ailton, Izeida,
Alda, eu e Lúcia
(mesma pracinha e mesma data de 1947)

Pândegas e Peripécias

FAZÍAMOS BAGUNÇA o tempo todo. Até durante as aulas. Turma maravilhosa, alegre, inteligente: Severiano, Edinardo, Jonas, Vicente, Célio, Osvaldo e outros. O primeiro, apesar de baixinho, moreno, narigudo, magrinho, exercia sobre nós grande influência. Parecia o mais experiente: fumava, bebia, conhecia mulheres, cantava e, sobretudo, viera de outra cidade. Não de qualquer cidade, mas de Camocim.

Nossa vida se fazia de contínua pândega. Não ouvíamos os professores. Falavam das Montanhas Rochosas, e nós no charco das ilusões adolescentes. Lembravam as guerras napoleônicas, e nós metidos em briguinhas de um minuto. Liam fábulas: *"Fame coacta vulpes alta in vinea / Uvam appetebat summis saliens viribus; / quam tangere ut non potuit, discendes ait: / "nondum matura est; nolo acerbam sumere"*. E nós não queríamos saber de uvas nem de raposas.

Perdidos em nossas irreflexões, coaxávamos, cricrilávamos, urrávamos, bichamente tornados. E lançávamos bolotas de papel às cabeças dos mestres.

Ao fim de algum tempo, todo o malfeito ocorrido em sala de aula nos imputavam. O castigo consistia, geralmente, em expulsar o insubordinado da sala. E colocá-lo de pé, durante algumas horas, diante de coluna do edifício.

Certa feita, recebemos castigo mais enérgico. Fomos proibidos de frequentar as aulas durante uma semana. Ou praticamos travessuras em demasia, ou o professor e o diretor quiseram dar basta naquilo.

Durante toda aquela semana, agimos como se nada tivesse acontecido. Acordávamos à mesma hora, vestíamos o uniforme, pegávamos livros e cadernos, e seguíamos rumo à escola. Diante do portão, nos despedíamos dos colegas e seguíamos para cá e para lá. Íamos ao bairro das prostitutas, ao cemitério, aos arredores da cidade. No terceiro dia, já não havia mais para onde ir. E poderíamos nos tornar conhecidos do povo, ser reconhecidos por algumas pessoas. Nossos pais jamais poderiam saber daquilo.

Em um desses dias, resolvemos subir à serra. Ir aos Jesuítas, como chamávamos o sítio do seminário dos padres. Só assim passaríamos mais facilmente outra manhã. Pois andávamos feito fugitivos, amedrontados, a ver "inimigos" por todos os lados. No meio do caminho, tivemos a sorte de encontrar um ônibus. Pedimos carona. Nele iam estudantes conhecer a escola jesuítica. Contamos mentiras e, assim, passamos mais uma manhã.

Com vida tão voltada para o descaso pelos estudos, nenhum de nós poderia ter sido aprovado. No entanto, eu me entranhava de todas as letras, ia das fábulas latinas aos poetas franceses.

Reuníamo-nos três ou mais amigos, após o jantar, em banco de praça, para conversar e cantar. Cantávamos canções gravadas por Nelson Gonçalves: "a flor do meu bairro tinha o lirismo da lua". Severiano tencionava chamar a atenção de uma garota. Ela, porém, nunca aparecia à janela, sequer. Parecia viver prisioneira na casa. Como as princesas dos contos de fada, presas em castelos, nas torres.

Quando as portas e janelas das casas iam se fechando e só restavam nossas vozes na rua, íamos para nossas casas. Na noite seguinte, voltávamos ao banco da praça, para recordar as peripécias do dia no colégio, planejar outras maluquices e cantar sambas-canções e boleros.

[❧]

José em Brasília
(outubro de 1959)

Primeiros Rabiscos

Por influência dos irmãos Ailton e Amadeu, engendrei sonetos, durante algum tempo. Apesar de não amar ainda, também me pus a chorar de infelicidade amorosa. Contudo, preocupava-me apenas com a forma e a rima. Um desses sonetos, anos mais tarde, 1964, tive a ousadia de remeter a jornal de Fortaleza. Imprimiu-se, talvez por artifício de Otacílio de Azevedo, com algumas modificações: "Ser poeta é ter no peito a tormentosa/ Chaga funesta em ânsias retratada.../ É ver em tudo a forma mais formosa/ E num sonho incensar a coisa amada!"

A seguir, passei a garatujar uns relatos alegóricos, filosóficos talvez. Deles nasceu meu primeiro livro, *Itinerário*. Exemplo desse tipo de literatura é a peça divulgada em *O Saco* nº 1 (abril de 1976) - "Em que deu a sabedoria do homem que transformava estátuas em seres vivos" - depois reescrita em forma de auto versificado e intitulado "Juízo final". Os personagens chamavam-se Homthues

e Estrangeiro. Essa fase logo chegou ao fim. Em vez de Brucutus, Cônegos, Jeovás, Platões, Pompeias, inventei um João aleijado e ensandecido por anos de prisão, um José Cristiano suicida, e mesmo um Ele e uma Ela que se unem e separam. Em fevereiro de 1977 revelei narrativa de linhagem totalmente diversa daquela: "Detalhes interessantes da vida de Umzim", saga de retirantes nordestinos. Minha incursão pelo "regionalismo" não é posterior a 1977. Pois "Umzim" saiu em *O Saco*, no ano anterior. Carlos Emílio tem alguma "culpa" nisso, apesar de muito mais novo. Ele só falava do Ceará, do Brasil, apesar de ler Joyce e outros "ingleses" no original. Falava muito de Guimarães Rosa, também. São desse período os personagens nordestinos do segundo e terceiro volumes de enredos curtos, embora em alguns deles a geografia e o tempo sejam imprecisos, como em "O grande jantar", situado em corte europeia, logo após a descoberta da América.

Enquanto me abismava nos clássicos, escrevia ou tentava compor ficções de variados feitios. Eu guardava na gaveta dezenas desses manuscritos desde 65. Algumas delas foram reunidas em livro em 74. As demais eu as rasguei.

A primeira tentativa de arranjar história mais longa se deu em 62. Todavia, pareceu-me realista em demasia, e eu já (ou sempre) buscava o avesso do realismo ou o fantástico, o alegórico, o picaresco.

Outros ensaios de romance surgiram. Todos não passaram de esboços. Eu queria o novo, porém sem deixar de lado José de Alencar, os índios, os sertanejos, as rebeliões, as matanças, o Conselheiro, o cangaço. Do passado até as cidades grandes, o cosmopolitismo, a selva urbana, a violência nas cidades, o caos.

Difundida a primeira reunião de contos, conheci alguns escritores novos, como Renato Saldanha, Gerim Cavalcante, Carlos Emílio, Airton Monte, Gilmar de Carvalho, Paulo Veras, Yehudi Bezerra. E continuei a rebuscar alegorias e a enviá-las para jornais, a partir de 1976. Algumas delas reuni em *Tempos de mula preta*, outras em *Punhalzinho cravado de ódio*. Quase todas foram reescritas, depois de exibidas em jornais e revistas. Algumas receberam outros títulos.

Minha mudança para Brasília talvez tenha servido para sedimentar em mim o ânimo de enveredar por uma escritura regional. Seria saudade da terra natal, da família, dos amigos? São desse tempo as primeiras aventuras baturiteenses, cearenses, extraídas da memória: "Cavalos de Troia", "Romos", "O castigo de Deus começou ao meio-dia" (depois apenas "O castigo de Deus") e "Impossível contar a história de Palma", verdadeira confissão de incapacidade ou impossibilidade de recriar o passado de minha gente.

Em carta de 24 de abril de 77, Carlos Emílio me dizia: "Precisamos, portanto, duma recapturação de nossa pré-história (é isso que eu estou fazendo), reinaugurar a cosmovisão do índio, dos seres desaparecidos e que viveram nessa terra muito antes de nós, os invasores, um retorno às fontes populares (cordel, autos, histórias narradas oralmente, os mitos da terra, da água, do ar e do fogo do povo (...)".

Essa fase baturiteense é também a fase das novelas ou romances, iniciada com *A guerra da donzela*. Na verdade, o primeiro projeto indianista surgiu em 1976 e contaria a guerra entre brancos e nativos no decorrer dos séculos XVII e XVIII, travada nos ser-

tões nordestinos e, especialmente, no Ceará. O personagem principal seria autor (meu *alter-ego*) de uma saga indianista. Um conflito dentro de outro. Teve muitas versões, sofreu cortes, modificações profundas, e nunca vingou. Dele surgiu, de forma resumida, *Os guerreiros de Monte-Mor*. O enredo é simples.

[ ]

A Fúria da Paixão

Muita gente faz do sábado de Aleluia uma grande festa pública. E se diverte à tripa forra. Espécie de carnaval de um dia. Essa gente festeira sai às ruas com o único fito de malhar e queimar bonecos de pano, papel e palha, chamados Judas. Tal festa é conhecida desde alguns séculos por "malhação do Judas". Dizem ter se originado na Península Ibérica.

Enquanto no interior das igrejas é celebrada a ressurreição de Cristo, nas ruas acontece a tal festa profana. Dentro das igrejas estão padres e leigos. Nas ruas brincam apenas os leigos.

Segundo a Bíblia, Judas Iscariotes, um dos doze apóstolos, traiu Jesus, e recebeu por seu ato o pagamento de trinta dinheiros. E em seguida suicidou-se. A tradição cristã fez de Judas criminoso repelente. E os cristãos lhe dedicam ódio mortal. Daí a malhação e queimação de bonecos que o representam. Trata-se, na verdade, de encenação, teatro. Não há texto, apenas

ação. Os atores anônimos espancam, insultam e, finalmente, queimam o ator principal - o boneco. Armados de paus, os cristãos, furiosos, investem contra Judas. E, num átimo, o estraçalham. A tragédia se consuma no enforcamento e na queimação do boneco. A turba delira, ri, gargalha, satisfeita, vingada. A cena lembra a Idade Média, a cremação de bruxas, infiéis, vítimas da sanha de Torquemada. Pode lembrar ainda tempos mais remotos: os primeiros homens frente a frente com as feras. Armados de paus e archotes na grande noite da Terra. Macacos em evolução. Há, porém, pequenina diferença entre uns e outros. Os primatas enfrentavam feras, enquanto os malhadores de Judas encaram bonecos. Essas festas populares viram notícia nos meios de comunicação. Em tal cidade o festejo começou de madrugada. No bairro fulano de tal a brincadeira terminou na polícia. São também atração turística. Europeus bem comportados, sadios e endinheirados desembarcam, aos grupos, e, armados de curiosidade e filmadoras, registram nossa barbárie tropical. Assim também seria há 2000 anos. Gente vinda dos cafundós da Gália - belgas, aquitanos, celtas - chegava à sede do Império Romano para aplaudir a morte de gladiadores no Coliseu. Ou o suplício e o martírio de cristãos nas garras dos leões. E Marco Túlio Cícero, indignado, clamava: *"O di inmortales! ubinam gentium sumus? in qua urbe vivimus? quam rem publicam habemus?"* Sua indignação, no entanto, tinha outra origem - Catilina. Dizemos, então: "Ó deuses imortais, em que terra estamos, em que mundo vivemos?" E quem são os alegres foliões de hoje? Certamente um ou dois deles leram a Bíblia. E nenhum outro livro. Conhecem a História de Judas pela boca dos padres. Acreditam,

porém, vingar a morte de Cristo, ao malharem insensíveis bonecos. Para eles, judeu significa inimigo do Deus cristão. Não têm a mínima noção da História. O Império Romano? Sim, houve um "rei" chamado Nero que incendiou Roma. Essa e outras histórias de heróis e monstros Hollywood contou e recontou. Esses vândalos de hoje terão, no mínimo, o reino dos céus. E serão capazes de queimar livros, de destruir cidades e de louvar a morte de Lorca, de Giordano Bruno, de Guevara.

[❧]

Amadeu, o irmão mais velho
(1958, talvez em Brasília)

Fossas

A MOÇA mal me conhecia, apesar de sermos vizinhos havia mais de ano. Tocou a campainha e, mal abri a porta, pôs-se a contar uma tragédia: sua cozinheira cometera crime horrível. A princípio, não lhe dei ouvidos. Dei-lhe todos os olhos. Talvez não estivesse lúcida. Bater-me à porta àquela hora da manhã, para contar-me sonho ruim, sem me conhecer direito, só podia ser atitude de biruta.

Aos poucos, porém, fui a deixar de lado essa mania de ver neuroses em tudo e em todos. Ora - e eu sem perceber - a moça queria apenas me conhecer, fazer-se amiga. Ofereci-lhe café. Ficasse à vontade, entrasse. Sim, aquilo bem podia dar em namoro. Pela primeira vez, desde que vim arribado da seca, retirante letrado e bem apessoado, alguém me procurava para bate-papo. E logo aquela moça bonita. Não me lembro dos detalhes, mas tenho certeza de que meus olhos dançavam e meus lábios sentiam cócegas. E ela a falar pelos coto-

velos, a contar a história da doméstica malvada, assassina. Levei os óculos à cara e só então percebi o choro da pobrezinha. E a enorme desgraça ocorrida em sua casa. Cego que sou e só sei ver neuroses e sexo! Transformei-me às pressas, como quem muda de máscara, e, cheio de remorsos, bradei interjeições e impropérios. Uma desgraça, uma desgraça! Como a querer consolar a pobre patroa e a punir a vil doméstica.

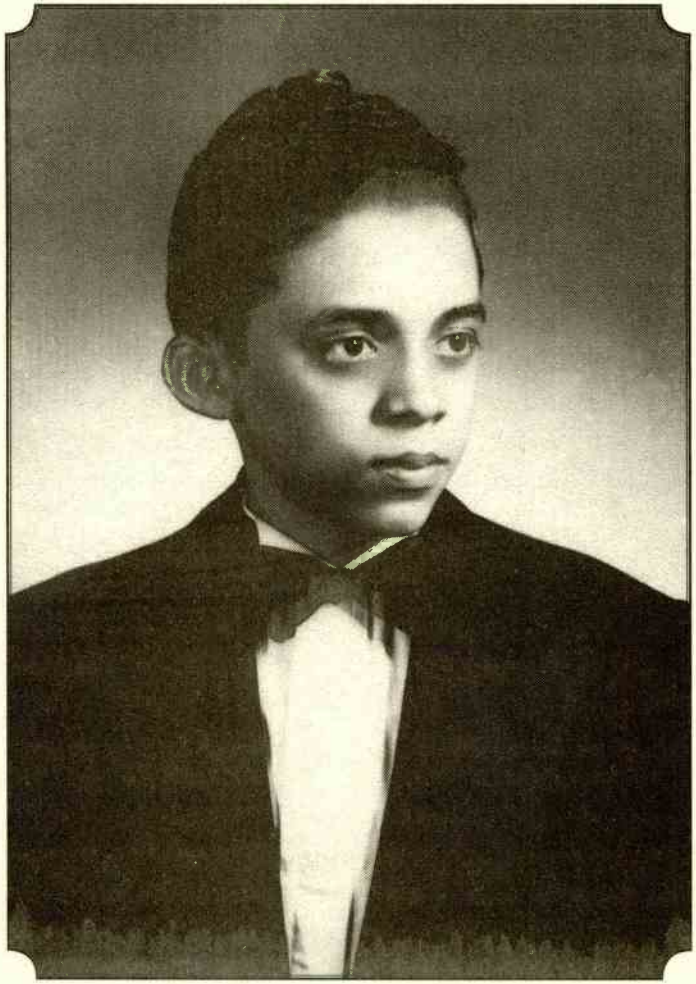
Quando ela se foi, sem socorros, fechei a porta, sem ânimo, e caí no sofá, a remoer angústia de gente besta, ainda não acostumada às pequeninas desgraças cotidianas. A doméstica desalmada que lançara ao vaso sanitário o fruto de seu pecado, como se fizesse apenas necessidade fisiológica. O bichinho que caíra, vermelho, na brancura infecta, a contorcer-se de morte, a clamar o primeiro e o último apelo à vida. E lá descera pras profundas das fossas, a morrer de catinga.

Refazia mentalmente a tragédia, quando me chegou a ideia de escrever a história da curta vida – do ventre à latrina – de um feto.

Já agora, depois de dia de trabalho, dou por esquecidos a angústia de minha bela vizinha, meus ímpetos adúlteros, o prazer de sentir-me cercado de gente conversadeira, o pequenino ódio à criminosa, e, ainda, a fúria literária. Ficou essa ruminação de jumento cansado, duas cangalhas de rapaduras nos lombos feridos, a caminho da feira. Entretanto, o que rumino não é o feto não tornado ser. Remoo cá com meus neurônios é aquela quase-menina fugida dos interiores da vida e que veio bater nesta Brasília ainda tão criança e já tão cheia destas absurdezas. Aquela mocinha que deixou os pais a plantar batata nos Cafundós do Judas e fugiu

de casa para ser doméstica na cidade grande. Aquela cabocla que fugiu para o futuro do fogão a gás e nunca mais carregar lenha às costas. A mestiça que, de tanto lavar prato, esqueceu os planos antigos de um dia ser gente também. A caipira que se aventurou a namorar motoristas e, sobretudo, o prazer macabro de engendrar um ser, para depois sufocá-lo de vergonha numa sentina qualquer. A brasileirinha que deixou o sertão distante, cheia de enganos, para vir se encher de desilusões em Brasília. E agora sentir-se tão afundada na fossa (como dizem na gíria), deprimida, culpada, criminosa, ao pensar que poderia amamentar um filho, em vez de vê-lo morto de catinga numa fossa alheia.

[❧]



Meu irmão Ailton,
em pose de "formatura" do curso ginasial
(Baturité, 15/11/1957)

Minha Doença Infantil do Esquerdismo

Minha mãe ia à igreja todos os dias e esse costume transmitiu aos filhos. Fez-me participar do catecismo e, após a primeira comunhão, inscreveu-me como coroinha. Acordávamos de madrugada (não seria todo dia, mas apenas aos domingos). Eu ajudava o padre a rezar a missa. No altar, a carregar o missal de lá para cá. Em jejum, para poder comungar. Em muitas ocasiões, tive breves desmaios e caí ao chão.

Em tempos de festa (padroeira, Semana Santa, Natal), viam-se procissões quase infinitas. À noite, quermesses, povaréu, multidão, igrejas cheias de fiéis, cânticos, sermões. Em algumas de minhas composições mais longas, como "Ícaro", se vê o povoléu católico.

Como todos de minha geração, fui "educado" para ser anticomunista. Inicialmente, pelos padres e os católicos da cidade. Falavam muito no "perigo comunista". Vi documentários da Revolução Cubana, tornei-me leitor assíduo da revista *Readers Digest* e outras

propagandas. O pasquim católico A Verdade, fundado por Ananias Arruda, em 1917, de circulação semanal ou mensal, trazia artigos de profunda indignação de padres e leigos com o que acontecia no Leste Europeu. A democracia burguesa me proporcionou, no entanto, a oportunidade de conhecer o outro lado da moeda. Para começar, descobri nas bancas o jornal Novos Rumos.

A Revolução Cubana, a renúncia de Jânio Quadros, a resistência ao golpe militar em 1961 me levaram aos livros e periódicos socialistas. Eu e meus manos Ailton e Edinardo chegamos a nos fazer vendedores de edições do Partido Comunista. Líamos todos os jornais de oposição, como A Liga, de Chico Julião.

Em casa, criamos novo Brasil. Nossa morada, tosca, significava miniatura do Brasil. Brincávamos de fazer política. Inventamos partidos. Compúnhamos a mão jornais (murais) e realizávamos eleições. Gatafunhávamos artigos incendiários e os colávamos nas paredes. Tornava-me deputado, líder da oposição de esquerda.

Nesse tempo, devotava-me aos escritos de toda ordem e tentava bosquejar artigos, crônicas e poemas. Abandonamos os cinemas e nos dedicamos à política. Primeiro em casa, depois nos voltamos para a rua. Surgiu, então, um grupo de discussões políticas. Proposta bem rudimentar. Quase nada fizemos. Éramos eu, Ailton, Edinardo, Joatan, Autami e moça de quem esqueci o nome. Fazíamos discursos, pichações e breves comícios. Contra o governo estadual (apoiávamos, com reservas, Jango) e o capitalismo.

Morávamos em ruazinha perdida nos cafundós da Capital cearense. Quase sem móveis. Apenas alguns

daqueles trazidos de Baturité. A mesa grande para as refeições não caberia na casa pequena. Papai a deu a algum parente. Na nova casa havia mesinha na sala, birô velho, dado a Ailton por um primo. A partir dessa época, Edinardo se envolveu com marginais e terminou preso. Eu pretendia seguir seus passos, mas, por temor, não saía de casa, agarrado aos livros.

Tudo isso acabou em 1º de abril de 1964. Joatan até fugiu de Fortaleza. Deve ter se embrenhado na serra de Baturité. Muito mais tarde, esses fatos ou esse período histórico me induziram a conceber *Os luzeiros do mundo*, que nada tem de autobiográfico ou memorialístico.

Faz quase 30 anos aquela aventura. E para mim aconteceu há pouco. Guardo tudo com nitidez de detalhes. A cara de Joatan, a mesinha na sala, os compêndios deixados por Amadeu, a casa pequena, a rua pobre, nossos rabiscos revolucionários.

Nunca chegamos a nos entender. Tornei-me, aos poucos, pró-chinês ou, mais precisamente, antiestalinista. Ailton se dizia socialista e contrário ao "comunismo" da China e da URSS. Joatan parecia apenas "democrata burguês". Mais tarde, eu e Edinardo participamos de um grupo trotskista.

Em 1967, estudante do Colégio Municipal de Fortaleza, voltei à militância política, sem deixar de lado a arte. Não por querer me dedicar à leitura e à escrita. Empegava-me nos livros, por prazer e entretenimento, e escrevia, por necessidade interior. Estudava à noite e bebia cachaça. Um colega de classe me acompanhava nos tragos, antes de se iniciarem as aulas. Nesse tempo eu vivia – minha família – uma das mais agudas

fases da crise financeira iniciada nos anos 1950. Papai já não possuía nada. Morávamos em pequena casa alugada. Durante o dia, eu trabalhava na mercearia de um cunhado, a troco de alimento. Trabalhava pouco e lia muito. Não havia quase nada a fazer. Um freguês aqui, outro ali. Cheio de sonhos, tentava imitar clássicos estrangeiros. Em uma dessas imitações, havia um personagem copiado do *Capote*, de Gogol.

[❧]

Achados de um Menino Perdido

De certa forma, fui discípulo de Ailton. Adolescentes ainda, fazíamos versos, de preferência, sonetos. Os meus não valiam nada, e pouco depois mandei toda a papelada ao lixo. Os dele são alguns destes agora reunidos em livro, pela primeira vez, passados tantos anos de sua morte. O que restou de tudo o que escreveu, apenas 30 poemas, alguns contos e fragmentos diversos. Há poema datado de 1957, quando chegava aos 15 anos de idade. É verdade que são inúmeros os casos de escritores que escreveram obras-primas quando bem jovens. Porém, a maioria dos adolescentes deixa de lado as veleidades literárias também muito cedo. Não foi o caso de Ailton, logicamente. Porque tinha talento. Sua poesia é de bom nível. Não por saber metrificar e rimar, como todo bom poeta o sabe. Ailton sabia métrica e rima porque lia e estudava. Lia os bons poetas, como Castro Alves, um de seus ídolos. Sabia de cor páginas inteiras do Poeta baiano. Escreveu poe-

mas de excelente extração, a lembrar os românticos. Aliás, o vocabulário de Ailton é quase sempre romântico. E rico. E os versos românticos são o melhor dele. Quando pretende fazer poesia político-social, como em "Desperta, Brasil", só nos resta lamentar.

Como dizia, há muito mais riqueza nos versos de Ailton que apenas rima e métrica. E houve tempo em que abandonou uma e outra, quando leu os modernistas. Nada dessa poesia sobreviveu às intempéries de sua atribulada vida. Não foram centenas ou milhares de poemas, pois cedo largou a pena. Talvez por volta de 1968, quando mais se aventurou pelo penoso caminho do alcoolismo. Versos de Castro Alves, Maurice Rostand e Júlio Maciel aparecem em epígrafes a poemas de Ailton. E isto demonstra a variedade de suas leituras. Do primeiro já falei. O segundo deve ter sido encontrado em alguma antologia da poesia francesa. O terceiro é tido como um dos bons parnasianos cearenses e, à época das leituras de Ailton, podia ser encontrado nas livrarias e bibliotecas públicas. A produção poética de Ailton daria grosso volume. Restou, porém, pequena parte. Com certeza, seus primeiros versos. Há soneto de 64 e três de 65. Os demais são de datas anteriores, ou não estão datados. Ou seja, a maioria de seus poemas foi escrita entre os 15 e os 18 anos de sua vida. Escreveu também prosa de ficção. Apenas quatro contos se salvaram: "Santa Caçada", "O Touro", "O Careca" e "O Presente da Professora". Os onze fragmentos encontrados podem ser de contos e romances. Quase todos sem títulos. Ailton quase sempre não usava vírgulas e pontos nos versos. Em algumas ocasiões tentei suprir estas

"falhas". Porém, o uso de maiúsculas no início dos versos dificultou-me a tarefa. E se não me é dado este direito, que me perdoem. Há também palavras ilegíveis nos manuscritos e nas folhas datilografadas. Outras foram suprimidas pelo datilógrafo. Repito: o que sobrou é apenas amostra do que escreveu Ailton. Sua obra mais importante desapareceu. Talvez no incêndio doméstico que quase o matou, em Brasília, onde foi viver (e morrer) no início dos anos 1970. Sua morte clínica se deu no dia 22 de outubro de 1974. Dois anos mais velho do que eu, Ailton Alves Maciel nasceu em Baturité em 7 de março de 1943. Desde cedo mostrou-se arredio à rua, às brincadeiras com outros meninos, ensimesmado. Cursou o ginásio com os padres salesianos. Então estudava-se quase tudo, até latim. E também francês e inglês. Além do mais, em casa havia alguns livros de boa literatura. Em 1957 completou o curso e viajou a Belém do Pará, onde os novos ginasianos comemoraram o grande feito de suas vidas. Ao regressar, escreveu o relato da viagem. Em seguida matriculou-se na Fênix Caixeral, tradicional colégio de Fortaleza, onde cursou o clássico. Eram anos difíceis para nossa família. Precisava trabalhar e deixar de estudar. A Universidade ficava para depois. Ou para nunca. Em 1964 trabalhava num restaurante italiano e se dizia nacionalista. Com o golpe, veio mais uma decepção. É desse período o início de seu namoro com a bebida, que nunca mais largaria. Porém, ainda teve momento de soerguimento: em 1970 ingressou na Universidade. Porém, não chegou a concluir o Curso de História, na Faculdade de Filosofia do Ceará. Talvez já fosse tarde demais.

Pois logo resolveu abandoná-la. Até porque já sabia quase tudo o que os livros da escola continham: Antropologia, História, Psicologia, Etnologia, Filosofia, Português etc. Sabia até Matemática, que lecionava a meninos e rapazes do bairro. Chegou a manter pequena escola para estudantes em dificuldades. Em dois textos em prosa, Ailton fala da grande vontade de ver seus versos publicados em livro. E também do desejo de vê-los em lugar seguro, eles que sempre andaram "perdidos por aí", como ele próprio - menino perdido no turbilhão da vida.

[ ]

Contos Rudimentares

Minha primeira exposição de letras – *Itinerário* – ocorreu em 1974, em edição acanhada, por gráfica de Fortaleza. Em 1981, a Secretaria da Cultura do Ceará aprovou a impressão de *Tempos de mula preta*, a segunda. O número de exemplares suplantou o do primeiro volume, mas também não alcançou o mercado. Em 1986, o governo investiu no terceiro – *Punhalzinho cravado de ódio* – nas mesmas condições. Ou seja, os três estão de há muito esgotados. Seus raros leitores talvez nem existam mais. Além disso, quase todas as peças foram reescritas. Algumas tiveram até os títulos mudados. E, por serem relatos curtos em tomos de poucas páginas, resolvi reuni-los num só calhamaço. O primeiro de uma série.

No artigo "Do Ceará, um Borges", Francisco Miguel de Moura, referindo-se a *Itinerário*, observou: "Recomendo-o, sobretudo, aos jovens, pela concisão do estilo, poeticidade do desenvolvimento, concretu-

de e brevidade dos exercícios ficcionais. Há surpresas de finura na linguagem, de aproveitamento máximo dos temas, de finalização - acho até que por esta última qualidade se caracterizam. Parecem, a maioria, propositalmente reduzidos ao final, talvez como impacto de estrutura, talvez como motivação poética. Fábulas, anti-histórias, crônicas do sentir e do ser, vão do alegórico ao zombeteiro, mas não descem ao anedótico, eis algumas das estratégias usadas no seu movimento de criação. Teria lido Jorge Luis Borges? Certamente. Leitura bem aproveitada, revertendo-se em riqueza e consciência. Digo certamente porque seria julgar mal dizer que um bom contista deste século não leu Borges. Maciel, como nós outros, terá lido o suficiente para não cair em imitação. E não caiu, nem deste nem de outros, por grandes que sejam". E finaliza: "Contos como "Aqueles homens tristes" e "As irreversíveis lavas do Vesúvio" podem e devem ser incluídos em antologias do conto daqueles anos e dos melhores contos do Brasil - no futuro. É preciso, porém, que os críticos, professores e historiadores leiam os homens da província".

Opiniões como esta são suficientes para me fazerem reeditar meus primeiros livros.

[❧]

Guerreiros Fictícios e Aventuras Reais

Em meados do século XIX, inicia-se mais um movimento nativista no Brasil. Semelhante à Inconfidência Mineira, à Conjuração Baiana, à Confederação do Equador. O palco dessa nova rebelião é a serra de Baturité, no Ceará. Forma-se exército revolucionário, composto de apenas três soldados: João da Silva Cardoso e seu neto José, ambos descendentes dos índios jenipapos, e um nativo da tribo xocó. Suas armas mais poderosas são morcegos das cavernas. A intenção do grupo é criar um país. Talvez império. Ou república de índios. A epopeia jocosa desses rebeldes. Seus planos, suas lutas, seus fracassos. Contudo, não se trata de romance histórico. Melhor chamá-lo de romance picaresco. Porque seus personagens principais - o Regimento Cardoso - são bufões. Aventureiros imaginários de período de muitas aventuras, farsas, bufonarias. O século XIX brasileiro, e cearense em particular, é cheio disso. Inicia-se com a chegada do naturalista Feijó às terras do Ceará. Sua missão: achar salitre para a fabricação da pólvora portuguesa.

A primeira aventura político-militar, no entanto, se dá em 1817, com a Revolução Nativista de Pernambuco, similar nordestina da Inconfidência Mineira. O movimento se estendeu por outras províncias do Norte. Na vila do Crato, mais tarde deixada de lado, com o aparecimento do Padre Cícero de Juazeiro, José Martiniano de Alencar (pai do romancista), Tristão Gonçalves e outros heróis e farsantes proclamam a república. A patuscada não dura uma semana e resulta no enforcamento dos primeiros republicanos do Brasil.

Em 1822 dá-se a grande farsa da aclamação de Pedro I. Dois anos depois, o imperador dissolve a Constituinte e faz irromperem novos focos de rebelião. No Ceará instaura-se a segunda república, que adere à Confederação do Equador, ou República do Equador, também de curta duração. Alguns aventureiros e farsantes ditos nativistas e republicanos esquecem as batalhas e voltam ao palco para as farsas da monarquia. Uns são conservadores, apelidados de caranguejos; outros, liberais, alcunhados de chimangos ou ximangos. E brigam pelos papéis principais. Em meio a tantos aspirantes a chefes, surgem aqui e ali truões, como o lendário padre Alexandre Francisco Cerbelon Verdeixa, chamado de Canoa Doida, por andar caído para diante, a cabeça baixa a pender para um lado, passadas curtas e muito rápidas, como informa João Brígido.

Baturité foi também palco dos acontecimentos do resumo de linhas atrás, quando ainda se chamava Vila de Monte-mor o novo d'América. Antes de 1764, no entanto, denominava-se simplesmente Missão da Serra de Baturité, onde foram reunidos índios das tribos canindés, paiacus, jenipapos e quixelôs, todos tarairiús, uma das famílias de tronco independente dos tupis e gês. A dos cariris habitava o território cearense. A formação da missão se deveu, sobretudo, a solicitação feita em 1739 às autoridades de Pernambu-

co pelo capitão-mor dos jenipapos, Miguel da Silva Cardoso. Em 1858 a vila passou a cidade e, no ano seguinte, aportava em Fortaleza a barca francesa Splendide, procedente de Argel, com 14 dromedários, a seguir conduzidos a Baturité, onde viveram por algum tempo. Outra farsa imperial.

Como levar a sério História tão repleta de farsas e bufonarias? Assim também *Os guerreiros de Monte-mor*, com seus personagens tão bufões quanto os bufões reais (ou imperiais).

Outro projeto meu constituiria a saga de várias gerações de caboclos (descendentes de índios) da serra de Baturité, desde a eliminação da aldeia até o século XX. Seria romance longo, um *roman-fleuve*. Desmembrado, esse arcabouço deu origem a quase todas as novelas e romances, como *A guerra da donzela, A busca da paixão, Os varões de Palma e Os luzeiros do mundo.*

Criada Palma, outras tramas foram inventadas, todavia já sem nenhuma ligação ideológica com o desígnio inicial, como *O cabra que virou bode, A rosa gótica, A última noite de Helena* e *Carnavalha*. Quase todas escritas até 1990. É desse período minha paixão pelos temas indígenas, sobretudo a epopeia dos povos primitivos do Nordeste e do Ceará, em particular. Escrevinhei, então, tragédias como "Santa Sekiki", em 1979.

Passada a euforia indianista, voltei-me para a recriação ou a invenção de Palma e seus habitantes. Aqui e ali, aproveitei fiapo de memória, como em *A rosa gótica*. Agarrado a esses fragmentos, deixava-me embalar pela fantasia, como em *Os luzeiros do mundo*. Na verdade, quase todas as minhas garatujas vêm da imaginação, são pura invenção, sem nenhum vínculo com a realidade.

FORTALEZA, 2008.

[❧]

Eu e minha mãe, no Parque de Brasília
(provavelmente 1980)

Personagens Históricos: Episódios Imaginários

A MAIORIA de minhas composições surge por acaso, de inopino. Não devo ser diferente dos outros copistas. Não busco nada, não corro atrás de enredos ou personagens. Eles, uns e outros, vêm, num piscar de olhos. Não os cato nas ruas. Eles se entregam a mim como folhas mortas, papéis velhos, cacos de vidro, esterco. Acolho alguns. Lapido-os, lavo-os e faço deles arte literária. Outros, porém, não existem nem como ideia ou, se existem, estão bem enterrados ou perdidos nas páginas de velhos alfarrábios. Fui procurá-los nas enciclopédias, nos dicionários, nas biografias, com os compêndios de História. Teci-os com o objetivo de exibir alguns personagens históricos, não como seres superiores, extraordinários, mas tão-somente como seres humanos. Sejam aqueles tidos como seres negativos (Nero, Hitler, Chang-Kai Chek), sejam os seus opostos (Jesus Cristo, Darwin, Freud, Hitchcock, Gandhi). Ou ainda aqueles que ora são bandidos, ora heróis ou san-

tos (Anchieta, Lampião, Padre Cícero). Todos seriam protagonistas de breves episódios imaginários. Na sua pequenez de humanos. Na sua fragilidade de seres de metro e pouco de altura no universo de bilhões de estrelas. Na sua dimensão humana.

Além de relatos com protagonistas famosos, reais, elaborei também ficções com protagonistas fictícios (embora os reais também sejam fictícios), ao lado de personagens reais em papel secundário. Brincadeira com a História, portanto.

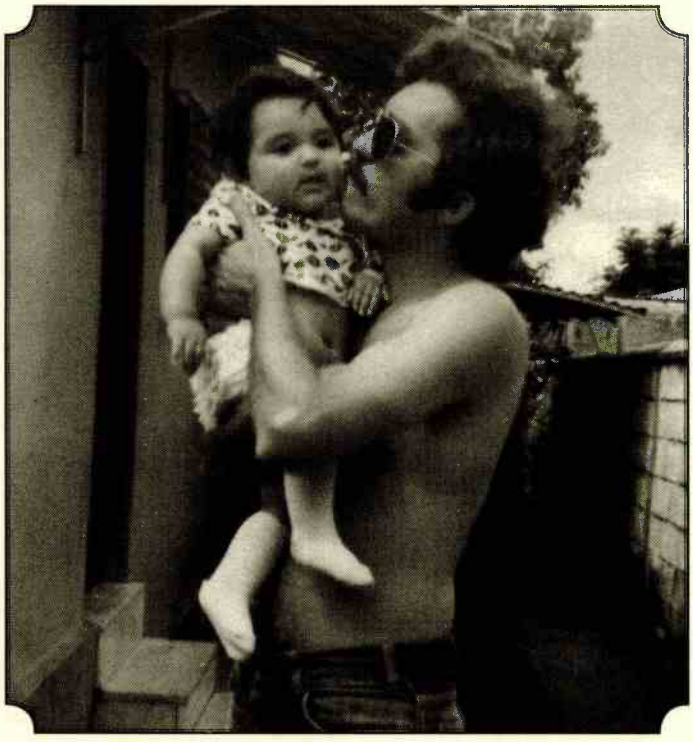
Esses minúsculos dramas são anteriores a 1998, pois alguns deles reuni naquele ano, para participar de concurso. O resultado se chama Pescoço de girafa na poeira (Bolsa Brasília de Produção Literária, 1998), reproduzido no ano seguinte. Dele faziam parte as seguintes peças até então inéditas: "Um sonho cartesiano"; "A ideia de matar Pilatos"; "A divisão do mundo"; "Desastre sobre o labirinto de Creta"; "As infinitas pernas de Wellington"; "Um coveiro monstruoso"; "A fome de Malthus"; "Bicho amarrado para morrer"; "Bicho asqueroso"; "Conselho de Luís XVIII"; "Espumas e estrelas"; "Belo céu, vero céu"; "Por culpa de Anouilh"; "Lampião à italiana"; "Pintando o sete na Bélgica"; "Rato sonâmbulo"; "Vers sans rimes"; "Concórdia na órbita da Terra"; "Falsificadores e canibais"; e "Uma página de Robbe-Grillet".

Da proposta inicial faziam parte as narrativas acima relacionadas e mais estas, cuja divulgação em jornais e revistas se deu a partir daquele ano, até 1998 (ou permaneceram na gaveta), razão pela qual não foram incluídas no volume vencedor do concurso: "Apenas um episódio"; "Um camarada brasileiro"; "O verda-

deiro e único Ingenieros"; "Caro rosto"; "Entre dançarinos"; "O gato preto de Darwin"; "A invisibilidade das pulgas"; "A inexistência do escudo de ouro"; "O canto de Nero"; "Irmãos"; "Maldita galinha sagrada"; "O embusteiro"; "O insidioso inseto vermelho"; "Sapos nojentos"; "O guardião da China"; "A voz do urso faminto"; "A arma divina"; "Louvado seja Alá"; "As mulheres e o fogo"; "Delírios de um jovem judeu"; "Voto de castidade"; e "A reduzida cópia de Samael". Recentemente teci "*Urbi et orbi*", com a intenção de dar título pomposo ao repertório.

FORTALEZA, OUTUBRO DE 2008

[ ]



Nioche (minha filha) e eu
(Guará, Distrito Federal, fevereiro de 1979)

Prêmios e Agruras

Não é nada fácil ganhar prêmios literários. Concorrem centenas, às vezes milhares de inventores de fantasias e reles escrevinhadores. Seriam necessárias dezenas de julgadores. Ou alguns anos, para dar tempo aos três (quase sempre são apenas três) leitores/julgadores. Não há possibilidade de se fazer a leitura de todos os textos, no tempo estipulado. Resultado: terminam vencedores os mais íntimos da sorte. Certamente, a maioria não está incluída nesse rol. Seus rebuscos não chegam a participar do jogo. São jogados ao lixo, antes do início da refrega. Uma seleção prévia – a leitura de um parágrafo, duas ou três frases, alguns versos – é o suficiente para dar ao julgador uma vaga ideia do valor ou desvalor da lengalenga. Contudo, não quero me alongar nessa litania de leituras e sortes. Seria novela sem fim. Por isso, passo logo à fase seguinte do concurso: o recebimento dos prêmios. Para tanto, tenho a contar quatro curtos episódios, dos quais fui protagonista ou participante.

Primeiro: em 1990 participei do "XXII Concurso Nacional de Literatura", categoria romance, promovido pela Secretaria de Cultura do Distrito Federal. Inscrevi *A última noite de Helena*. Em alguma tarde, enfastiado de processos, crimes, petições, abri um jornal. A notícia do prêmio me chamou a atenção, apesar de não me lembrar mais de minha participação no concurso. O redator anunciava os nomes dos ganhadores e os títulos dos gregotins premiados nas diversas categorias. Havia a foto de homem desconhecido por mim: "Fulano de tal, vencedor na categoria romance, com *A última noite de Helena*". Tomei susto medonho. Ora essa, alguém havia inscrito obra de título idêntico ao de minha novela. Não acreditei em coincidência. Como sou sempre pessimista, aventei a hipótese de confusão dos julgadores. O ganhador seria mesmo aquele homem da foto. O equívoco teria sido cometido apenas em relação ao título. Ou alguém teria levado à redação do jornal uma relação dos títulos separada dos nomes dos autores. No dia seguinte, tive direito a foto, além de página inteira. O repórter lembrou o engano cometido e se perdeu nos meandros de minha vida de escrevedor.

A segunda parte da história é menos cômica: de posse do cheque, fui ao banco. O caixa pediu minha cédula de identidade e berrou: "este nome não confere com o nome constante do cheque." Na ordem de pagamento haviam anotado "Nilto Maciel". O "Fernando" havia sido suprimido. Não recebi o dinheiro, depois de passar duas horas na fila. Recebi-o, sim, dias depois.

Segundo episódio: participei do "Concurso Graciliano Ramos de Romance (1992-1993)", promovido pelo Governo do Estado de Alagoas, com *Os luzeiros do mundo*. A notícia me chegou por telefone. Numa noite, bateu-me à

porta uma vizinha. Ligação para você. Na sua casa? Sim. Por que isso? Não sei. Passei da minha sala à da moça, ainda desconfiado. Alô, quem fala? A voz se disse organizador do concurso ou diretor da Faculdade de Letras. Atarantado, imaginei o pior: galhofa de algum amigo. O sujeito parecia mais feliz do que eu. Dava parabéns, queria me abraçar, me beijar. Mantive-me íntegro na austeridade nordestina. Finalmente deu por encerada a comunicação: Aguardasse ofício. O prêmio consistia em algum dinheiro e na edição do romance. Aguardei a comunicação por alguns dias. Depois esperei o documento bancário. Passaram-se dias, semanas. Decidi remeter cartas e telefonar. Aquelas não foram respondidas. Ao telefone, o outro ou a outra nunca sabia de nada. "Isso deve ser com o doutor sicrano; aguarde um minuto, por favor." Passavam-se minutos e mais minutos. "Ele mandou dizer que é para o senhor aguardar o cheque aí em Brasília". Gastei fortuna com telefonemas. E finalmente o papel bateu à minha porta.

Terceiro episódio: em 1996 participei do "Prêmio Cruz e Sousa de Literatura", promovido pelo Governo do Estado de Santa Catarina. Despachei pelo correio *A rosa gótica*. O prêmio consistia em dinheiro e na edição do livro. Fiquei sabedor da premiação por telegrama passado por Iaponan Soares. Gato escaldado, peguei avião e fui a Florianópolis. Levava comigo também procuração passada pelo poeta Anderson Braga Horta, ganhador do prêmio de dramaturgia. Apresentei o documento a eficiente funcionária: guardou numa gaveta a procuração, em vez de torná-la pública. Na solenidade de entrega dos prêmios, o primeiro nome a ser pronunciado não poderia ser outro, senão o de meu amigo. Dirigi-me à mesa, o governador me apertou a mão, fui aplaudido pelo público e voltei à

cadeira. Mal me sentava, o orador anunciou o prêmio de romance. Ainda com o cheque do Anderson à mão, me encaminhei à mesa. Houve estupefação geral. Como explicar aquilo? Eu era Anderson ou Nilto? Iaponan tratou de me socorrer, aos gritos: "Este é o Nilto mesmo, garanto".

Quarto episódio: também em 1996 participei do "VI Prêmio Literário Cidade de Fortaleza", promovido pela Fundação Cultural da Capital cearense. Enviei "Apontamentos para um ensaio". A notícia da premiação me foi dada pelo poeta Diogo Fontenelle. Viajei a Fortaleza em janeiro de 1997. Falaram-me da esmagadora vitória eleitoral do prefeito situacionista, dos enormes gastos com a campanha eleitoral e, logicamente, da falta de recursos financeiros para saldar compromissos assumidos pelo antecessor. Portanto, não havia dinheiro para o pagamento dos prêmios. Fui procurado por inúmeros jornalistas e instado a fazer de público a cobrança da dívida prefeitoral. Às vésperas (dois meses depois) de regressar a Brasília, exatamente duas horas antes da partida do avião, recebi o tão cobiçado cheque. Em livro seriam reunidos o meu relato e os outros nove classificados. Seriam, se...

Apesar dessas agruras, estou entre milhares de sonhadores que participam de concursos, não dão ouvidos ao azar e têm certeza da perenidade de suas criações. E sabem não ser nada fácil ganhar prêmios. Ganhar, receber e ver cumpridos os regulamentos. Sobretudo o artigo mais lido: "O prêmio consiste em tantos dinheiros e na reprodução do manuscrito vencedor".

Agora peço, ao leitor paciente, permissão para me retirar. Preciso ler direitinho novo regulamento de concurso.

[❧]

Breve História de uma Antologia do Conto Marginal

Queda de Braço: uma antologia do conto marginal foi editada no Rio de Janeiro, em 1977, pelo Club dos Amigos do Marsaninho (pessoa jurídica fictícia criada por Glauco Mattoso), em colaboração com o Movimento de Intercâmbio Cultural (criação de Nilto Maciel). A capa é de Flávio Tâmbalo, com utilização de desenho de Ricardo Augusto Rocha Pinto (originalmente publicado como pôster na revista *O Saco*, número 3, de julho de 1976). Há duas epígrafes: uma (brincadeira) de Glauco, assinado como Glauco Mattoso "de Santana": "Um país que tivesse 845 contistas insuportáveis seria genial", e outra de Antônio Torres: "A gente não pode esquecer também que é da quantidade que se faz a qualidade". Escrevi uma das dobras do volume. A outra é assinada por Antônio Carlos Villaça. A apresentação é de Glauco, embora o seu nome não apareça. Em tom de brincadeira, faz algumas perguntas: "Uma antologia do conto marginal? Mas o que é antologia? O que é conto? O que é marginal? O que é uma

antologia do conto? O que é o conto marginal? Marginal existe? Antologia existe? Existe o conto?" Mais adiante responde uma destas perguntas: "Marginal aqui não designa propriamente o conto, mas o autor, assim considerado face a uma conjuntura bestsellercrática. Isso não implica necessariamente em anonimato ou ineditismo, mas vale alertar que mesmo os trabalhos já publicados em livro o foram à custa e por iniciativa dos próprios autores."

Desde o início do projeto, optamos por escritores jovens ou mais velhos, de todos os recantos do Brasil, que escrevessem contos e não tivessem oportunidade de publicar. Feita a seleção, tivemos amazonenses, baianos, espírito-santenses, cariocas, cearenses, fluminenses, gaúchos, goianos, maranhenses, mineiros, paulistas, piauienses e potiguares.

Origens

Depois de 1964, os centros acadêmicos (substitutos dos grêmios estudantis nas faculdades) se tornaram a principal fonte de manifestação cultural e política da juventude brasileira. Publicavam-se revistas e jornais, quase todos por mimeógrafo. Após o Ato Institucional nº 5 (1968), com a intensificação da repressão policial às atividades políticas, culturais e artísticas, os centros e diretórios acadêmicos foram fechados ou abandonados (fisicamente). Os estudantes voltados para a literatura se "apossaram" dos mimeógrafos "esquecidos" e passaram a editar jornais literários. Iniciou-se uma febre nacional nos jovens. Era o surgimento da chamada imprensa nanica, marginal ou independente. Havia pelo menos um desses pequenos veículos em cada cidade grande e média do Brasil. E todos se comunicavam, pelo correio.

Fortaleza era, até o surgimento de *O Saco*, uma cidade muito tranquila, onde os jovens leitores só falavam de Jean-Paul Sartre, Gabriel García Márquez, Dalton Trevisan. Em 1974 publiquei minha primeira obra, Itinerário. Não conhecia um só escritor. Não frequentava redações de jornais. Mas sentia necessidade de propagá-lo. Então passei a procurar as pessoas, a ler jornais, a participar de bate-papos. O círculo se alargava. De tanto vasculhar a vida, "aproximei-me" de pessoas de outras cidades, até mesmo estrangeiras. Mandavam livros, revistas e jornais. Eu nada tinha a oferecer, a não ser meu pequeno Itinerário. Por que não criar um jornal?

É desse tempo (1974/75) *Intercâmbio*, impresso em papel-ofício, com poemas, contos curtos, notícias de literatura, que editei por algum tempo

O *BOOM* DO CONTO E A IDEIA DE UMA ANTOLOGIA

Tive então a ideia de uma coletânea de contos. Vivia-se o chamado *boom* do conto. Viam-se contos em todos os jornais e revistas, grandes, médias e nanicas. Até mesmo as de nu feminino, como *Playboy*. Eu não queria, porém, uma antologia cearense, mas nacional. Não queria repetição, contos bem comportados, mas uma antologia do conto marginal. Por coincidência, na mesma ocasião, no Rio de Janeiro, Glauco Mattoso anunciava um projeto semelhante ao meu. Glauco era participante do grupo de poetas "marginais" que publicava em periódicos alternativos. Compunha versos satíricos e, como muitos poetas, editava um jornalzinho feito em mimeógrafo e distribuía por aí. Decidimos unir forças. Realizaríamos juntos o projeto. "Vamos re-

unir quem nunca tenha publicado nada em livro, só em jornaizinhos ou revistas, e selecionamos o que a gente achar de melhor". Divulgamos notícias na imprensa (a nanica e a grande) de todo o País. Em pouco tempo, tínhamos em mão centenas de páginas de contos, semi-contos, anticontos. Quem seria o editor? "Não vamos ter editora, porque somos marginais".

Os contistas

Quem eram (são) os contistas marginais? Além dos organizadores da "antologia", que também participaram como contistas, foram estes os "marginais" de *Queda de Braço*:

A. Rosemberg

Cearense (passou a assinar Rosemberg Cariry), fez imprimir alguns livros até se decidir pelo cinema, como diretor, com filmes polêmicos, de inspiração sertaneja ou nordestina.

Adrino Aragão de Freitas

Amazonense, então com duas obras editados. Seguiram-se muitos outros no gênero contos. Passou a residir em Brasília.

Airton Monte

Cearense, inédito em livro até aquele ano. Editou contos, crônicas e poemas. Dedicou-se à crônica diária para o jornal O Povo, de Fortaleza. Um dos melhores contistas nascidos no Ceará.

Alciene Ribeiro Leite

Mineira, também inédita naquele momento. Na sua bibliografia constam diversos livros.

Alda Abrantes Cabral

Carioca, de 47. Científico. Residente em Goiânia. Na Internet: Alda da Piedade Abrantes Cabral, nascida a 31-3-1947 na freguesia do Minhocal no concelho de Celorico da Beira. Em 1950 emigrou com os seus pais para o Brasil. Regressou com 27 anos.

Almir de Vasconcellos

Baiano, nascido em 1925, autor de *Ovo*, publicado em Portugal, e nenhuma outra informação.

Ângela José

Fluminense, inédita até então. Em nota assinada por Luiz Zanin, no estadao.com.br/blogs, de 15/3/2007, a "jornalista, crítica de cinema e diretora do Cine Sul", autora de "Olney São Paulo e a Peleja do Cinema Sertanejo", teria morrido aos 51 anos de idade.

Benicio Medeiros

Fluminense, jornalista, formado em Letras e Direito. Dedicou-se ao jornalismo. Apresentou *A poeira da glória* (1998), *Brilho e sombra* (2006) e *A rotativa parou* (2009), nenhum deles de contos.

Carlos Emílio Corrêa Lima

Cearense, estudante de letras. Dedicou-se exclusivamente à literatura, como poucos outros. Tem editados contos, romances e ensaios.

Carlos Eugênio Baptista

Carioca, de 60, estudante de colégio. A única informação recente na Internet é a de que é roteirista, professor de cinema, TV e vídeo e mestre em Comunicação.

Celso Eduardo Moliterno Franco

Carioca, de 54, estudante de Biologia. Mais tarde, publicou livros de poesia. Conheci-o pessoalmente em Brasília, muitos anos depois.

Cineas Santos

Piauiense, jornalista, poeta e contista. Como "agente cultural", editou jornais, criou movimentos, fundou editora e livraria. Tem livros de contos, poemas, humor, cordel, infantil.

Dionísio Pereira Machado

Goiano. Formou-se em Direito. Vasta bibliografia, sobretudo de contos e romances. Conheci-o pessoalmente em Goiânia, no início dos anos 1980.

Domingos Rimoli

Mineiro, de 1928, inédito. Não tive mais notícia dele.

Eduardo Dobbin

Fluminense, estudante de letras, inédito. Não tive mais notícia dele.

Edvar Costa

Cearense, de 51. Formado em letras, dedicado ao teatro. Tornou-se professor da Universidade do Vale do Acaraú e pesquisador (artesanato, literatura de cordel etc).

Fernando Tatagiba

Espírito-santense, jornalista, poeta e contista. Colhi esta informação em texto de Wilson Coêlho, na Internet: Nascido em 1946, em São José do Calçado-ES,

e falecido em 1988, em Vila Velha-ES. Deixou inéditos contos, poemas, infantil e outros gêneros.

Firmino Martins Galvão

Maranhense, de 1926. Poeta e contista inédito. Dele também não tive mais notícia.

Francisco Sobreira Bezerra

Cearense, tinha inédita segunda reunião de contos. O primeiro intitula-se *A morte trágica de Alain Delon*, de 1972. Ao correr dos anos, fez imprimir coleções de contos e romances. Passou a residir em Natal.

Helenara

Gaúcha, de 1915. Não forneceu nome completo, o que dificulta pesquisa na Internet.

Hélvio Antônio de Oliveira

Goiano, arquiteto, poeta e contista publicado. *O arquiteto*, contos, é de 1978.

Hugo de Almeida Souza

Mineiro, jornalista, contista. *Globo da morte* saiu em 1975. Não consegui outras notícias dele.

Idalécio Vitter Moreira

Gaúcho, jornalista e professor. Faleceu em 2004. Deixou *Fragmento* (contos e crônicas), *A quatro mãos*, *O Silêncio dos Homens* e o inédito *Os votos do Padre & Outras estórias*.

Jackson Sampaio

Cearense, um dos criadores da revista *O Saco*. Dedicou-se à cátedra e à psiquiatria, sem esquecer a poesia.

João Bosco Sobreira Bezerra

Cearense, estudante de Medicina. Formou-se, porém não se dedicou à literatura.

João Carlos Duarte de Melo

Carioca, 1957, vivia em São Paulo. Não tenho notícia dele.

Jolivaldo Freitas

Baiano, dedicava-se ao jornalismo, ao teatro e à literatura. Tinha "pronto" um livro de contos. Estreou em 1976 com *Cemitério de Cães Noturnos*, contos. Publicou também poemas e uma novela.

Jorge Medauar Jr

Paulistano, contista inédito. Tornou-se publicitário. Filho do escritor Jorge Medauar.

José Antunes de Lima

Na antologia não há nenhuma informação. No site Usina de Letras colhi isto: Goiano, 1942, escreveu *Capoeirão* (contos, 1974), *Gravatás* (1976) e outros livros. Formou-se em jornalismo. Faleceu em Goiânia, 1987.

Julio Cesar Monteiro Martins

Fluminense. Estudou na Sorbonne, realizou dois filmes, poeta e contista. Dono de algumas obras, sobretudo contos, no Brasil e na Itália. Tornou-se professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira na Itália.

Lúcia Afonso

Mineira, psicóloga, contista e poetisa. Não encontrei notícia de publicações suas.

Luiz Fernando Emediato

Mineiro, jornalista, contista premiado, inédito. A seguir, publicaria diversas reuniões de contos e se tornaria grande editor.

Luiz Guedes

Paulista, nascido em 1951, redator publicitário, poeta e contista. *O capitão Cometa não existe mais* é de 1976. Não consegui notícia recente dele.

Maria Amélia Mello

Carioca, formada em Comunicação, poetisa publicada. Editou os contos de *Às oito, em ponto*. Por seu trabalho na área editorial, recebeu o prêmio Faz Diferença, concedido pelo jornal O Globo, em 2007.

Mário Galvão

Fluminense, 1940. Poeta e contista. Conheci-o em Brasília, no final dos anos 1970, a caminho da cegueira. Não tive mais notícia dele.

Mário Newton Filho

Carioca, 1921. Tinha vários contos inéditos. Em 1957 publicara os poemas de *Ilha Solidão*. Outros volumes de versos se seguiram.

Neusa de Oliveira Peçanha

Fluminense, 1935. Professora de Português. Contista e poetisa. Recentemente, 2007, participou de concurso literário em Angra dos Reis.

O. Reyex

Paulista, formado em letras pela USP, poeta e contista. Membro do Club dos Amigos do Marsaninho, ou seja, amigo de Glauco Mattoso. Não sei mais nada a respeito dele.

Octávio Ribeiro de Mendonça Neto

Paulista, engenheiro, alguns contos na imprensa. Tornou-se professor doutor de faculdade de Administração e Economia. Nenhuma notícia de publicações suas.

Paulo Augusto

Potiguar, dedicado a música, teatro, jornalismo, poesia (uma obra publicada), romance (inédito). Militante do *gay power*. Não tenho notícia de livro de contos. Em recente notícia (2011), residia em Natal.

Paulo Garcez de Sena

Baiano, 1943. Poeta publicado. Conheci ao tempo da revista *O Saco*, em Fortaleza e Salvador. Dedicou-se à poesia. Faleceu em 1998.

Paulo Veras

Piauiense (vivia em Fortaleza, quando o conheci), formado em letras. Os contos de *O cabeça de cuia* são de 1979. Faleceu em 1983.

Paulo Veríssimo

Carioca, dedicou-se ao ensino de História e Geografia, bem como a teatro, cinema, televisão e jornalismo. Poeta e contista inédito. Não consegui notícia recente dele.

Reinaldo Rodrigues de Sá

Paulistano, dedicado à música, ao desenho e à literatura. Tem publicado poemas em *sites* como Recanto das Letras (2011) e participado de concursos.

Reinoldo Atem

Piauiense, radicado em Curitiba. Poeta e contista. Publicado em *O Saco* nº 6. Considerado um dos mais importantes poetas do Paraná, por Miguel Sanches Neto, em artigo de 1997.

Rogério Menezes

Baiano, dedicado ao teatro. Inédito como poeta e contista. Publicado em *O Saco* nº 3. Não consegui outras informações.

Rogério Ruschel

Gaúcho, redator publicitário, jornalista, contista. Publicado em *O Saco* nº 7. Não tenho notícia recente dele.

Vicente Fernando Giannella

Paulistano, estudante de colégio, dedicado ao teatro e à literatura. Não consegui nenhuma notícia de sua vida literária pós-77.

Victor Cintra

Cearense, poeta publicado, meu amigo. Lia muito, formou-se em letras, dedicou-se à cátedra.

Conclusão

Como se vê, poucos daqueles escritores se dedicaram ao conto. Alguns optaram por outros gêneros. A maioria, no entanto, desistiu das letras ou não teve oportunidade de publicar livro. Há também os que faleceram cedo.

Todos, porém, "exprimem a realidade nossa, querem atribuir identidade à nossa gente, dão testemunho de algumas verdades (entre elas, a de que as gerações mais novas escrevem, e escrevem com garra, pra valer). Nesta antologia está o Brasil todo, expresso pelos seus novos contistas", como afirma Antonio Carlos Villaça, na primeira aba de *Queda de Braço*.

Fortaleza, maio de 2011.

[❧]

Quadro no qual aparecem fotos de alunos
do Curso Prático de Datilografia (Baturité, 1943),
sendo Luiz Maciel, meu pai,
o quinto da esquerda para a direita da primeira fila

A Revista *O Saco*

A história da Literatura Cearense é rica em movimentos e grupos literários, desde os primeiros tempos. E assim permanece. Depois do Grupo Clã, foi a vez dos concretistas e, em sequência, a criação do Grupo Sin de Literatura, composto de poetas e ensaístas, como Barros Pinho, Linhares Filho, Roberto Pontes, Horácio Dídimo, Pedro Lyra, Rogério Bessa e outros. No final dos anos 1970, com o fim dos suplementos literários nos jornais de Fortaleza, os novos escritores também se reuniram, não em grupo fechado, mas com o objetivo de publicar seus poemas e contos, principalmente. Surgia a revista *O Saco*.

Um dos mais substanciosos estudos sobre a revista *O Saco* é de Alexandre Barbalho: *Cultura e Imprensa Alternativa: a revista de cultura O Saco* (Editora da Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2000). Outros escritores também se manifestaram sobre este assunto em artigos.

Em 1976 um grupo de escritores criou *O Saco*, "revista mensal de cultura". A partir do nº 5, tornou-se "uma revista nordestina de cultura", apesar de, desde o primeiro número, publicar colaborações de escritores de todo o Brasil e até do Exterior. A Revista apareceu como novidade, não somente no Ceará, mas no Brasil. Diferente das outras, as de então e as do passado. Porém, não tínhamos pretensão de fazer escola, de ser antiacadêmicos ou revolucionários. Pois escritores mais velhos, com livros editados, também foram publicados. Nunca nos acusaram de ser um grupinho, uma igrejinha, porque desde o primeiro momento tratamos de publicar não somente os jovens, mas também os mais velhos. Não fazíamos objeção a esta ou aquela tendência literária. Passamos a publicar gente de todo o Brasil e até do Exterior. Assim como escritores mortos. Apesar disso, sempre surgem problemas com colaboradores, por diversos motivos, em periódicos literários. Alguns críticos, como Pedro Lyra e José Alcides Pinto, andaram criando umas briguinhas com poetas e contistas publicados na Revista. Mas nada muito sério.

O Saco não surgiu por acaso. A ideia de uma revista literária apareceu muito antes de 1976. Queríamos publicar nossas obras. Onde iríamos editá-las? Para as editoras do Rio de Janeiro e de São Paulo não existíamos. Dois anos antes, um grupo de escritores, entre eles Renato Saldanha, Carlos Emílio e eu, trocava ideias sobre como resolver o problema da falta de espaço na imprensa para a publicação de poemas e contos dos jovens. Decidiu-se organizar e publicar uma coletânea de contos dos novos escritores cearenses. Seis meses se passaram e a ideia não se concretizava. Por que não uma revista

literária? Proclamou-se, então, em Fortaleza uma reunião de escritores. Compareceram somente três: Carlos Emílio, Roberto Sérgio, que faleceu pouco depois, e eu. Seria preciso uma convocação pela imprensa. Emílio escreveu um artigo, "Chamada Geral", publicado na *Gazeta de Notícias* de 6/7/1975: "Foi iniciado um movimento que revitalizará nossa literatura". Mais adiante argumenta: "Precisamos fundar uma revista, não só de um grupo de amigos, mas sim de todos nós" (...). Citava alguns nomes, que depois participaram de *O Saco*. À primeira reunião compareceram cerca de 70 pessoas. A maioria desejava a realização de um show no Theatro José de Alencar. Espécie de feira de arte, com música, teatro, exposição de artesanato, cordel, fotografia, desenho, livros. Sucederam-se outras reuniões, e sempre a mesma torre de babel. A revista não vingou nem o *show* se realizou. Decepcionado, resolvi agir sozinho. Criei o jornal *Intercâmbio*. Sem recursos financeiros, imprimi o primeiro número em mimeógrafo. Iniciava-se uma fase de intensa troca de ideias e impressos com pessoas de todo o Brasil. Nas grandes e médias cidades havia pelo menos um jornalzinho cultural ou literário mimeografado, herança do movimento estudantil de 1968. Em pouco tempo, eu me correspondia com escritores de todo o País. A ideia de uma coletânea de contos ressurgiu. Vivia-se o chamado *boom* do conto. Não mais uma antologia cearense, mas nacional. Uma antologia do conto marginal. Quase todos os jovens escritores eram marginais, independentes, e os jornais nanicos. Por coincidência, na mesma ocasião, no Rio de Janeiro, outro marginal, Glauco Mattoso, anunciava um projeto semelhante ao meu. Decidimos unir as forças para a or-

ganização da antologia, a seleção dos contos. Divulgamos notícias na imprensa (a nanica e a grande) de todo o País. Em pouco tempo, tínhamos em mão milhares de páginas de contos, semicontos, anticontos. Feita a seleção, Glauco cuidou da edição do livro: *Queda de Braço – Uma Antologia do Conto Marginal*, publicado somente em 1977, após o fechamento de *O Saco*.

Mesmo com o fracasso das grandes reuniões, Carlos Emílio não desistia da ideia de uma revista impressa em *off-set* e de circulação nacional. Intercâmbio não passava de um reles jornalzinho mimeografado, de distribuição restrita, sem a menor importância. Quem financiaria, então, projeto tão caro? Manoel Coelho Raposo e Jackson Sampaio, livreiros e escritores. Carlos os conhecia, eu não. Realizadas algumas reuniões, decidimos criar uma editora e a revista. A capa seria um saco plástico ou de papel e dentro dele viriam textos impressos em folhas, folhetos de cordel, fotografias, o diabo a quatro, tudo solto. Achei a coisa horrível. Finalmente, chegamos a um consenso: em vez de um saco, um envelope de papel amarelo, como capa; em vez de tudo solto, quatro cadernos (poemas, contos, artigos e desenhos) impressos, embora não colados, costurados ou grampeados. E o nome da revista? *O Saco*. Imaginei saco de gatos, riram, mas não me levaram a sério.

Passados mais de 30 anos, ainda se fala (no restrito círculo literário, é claro) de *O Saco*, no Ceará e no Brasil. Fundado por Manoel Coelho Raposo (poeta e livreiro na época), José Jackson Coelho Sampaio (escritor, livreiro na época e psiquiatra), Carlos Emílio Barreto Corrêa Lima (escritor e estudante de Letras na época) e Nilto Fernando Maciel (escritor, publicitário e estudan-

te de Direito na época). Para criar legalmente a revista, foi preciso constituir uma empresa: Opção Editora Promoções e Publicidade Ltda, da qual faziam parte as quatro pessoas há pouco mencionadas. Para criarmos a revista, precisamos fundar uma editora comercial. Entretanto, sua única função foi esta. Nunca editou livros. A sede funcionava numa sala alugada no centro de Fortaleza. Por lá passavam todo dia escritores, artistas plásticos, compositores, teatrólogos etc. A gerência coube a Raposo, o verdadeiro financiador do projeto. O primeiro número de *O Saco* é de abril de 1976, com quatro cadernos e 32 páginas. O último (sétimo) saiu com data de fevereiro de 1977. Anos depois, Raposo mandou imprimir o número oito, por sua conta e risco, sem a participação dos outros fundadores da revista.

O conselho editorial sempre foi composto, na prática, por Carlos Emílio, Jackson Sampaio e Nilto Maciel, embora apareçam como "assistentes" no primeiro número. Não havia um ouvidor. Os três solicitavam colaborações, liam e faziam a seleção. O editor, Edmundo de Castro, era apenas o jornalista que emprestava o nome para o cargo, exigido por lei. No segundo número estão os três como membros da "organização", ao lado de Raposo. Constam como membros do conselho editorial Nilo Firmeza - Estrigas (artes plásticas), F. S. Nascimento (literatura) e José Edmundo de Castro (jornalismo), nomes muito conhecidos em Fortaleza. No número quatro, o nome de Antônio Girão Barroso substitui o de Nascimento. Além do conselho editorial (pro forma) e de nós fundadores, havia uma plêiade de colaboradores permanentes, como os escritores Airton Monte e José Maria Mapurunga, o artista plástico Hum-

berto Gomes Magalhães, responsável pela programação visual da Revista, e correspondentes em diversas capitais e mesmo no exterior.

Nunca apreciei as principais características da revista: a comercial, empresarial, e a relativa ao formato. Ficção, do Rio de Janeiro, seria um bom modelo. Eu pensava uma revista simples, alternativa, feita por escritores novos e sem vez no mercado editorial. Tanto insisti nessa ideia que mais tarde, em 1991, criei *Literatura*.

E a tarefa de cada um em *O Saco*? A Raposo caberia a administração financeira. Eu e Carlos Emílio nos encarregaríamos da correspondência com escritores e da coleta de colaborações. Carlos e Jackson cuidariam da seleção final, entrevistas, viagens para contatos etc.

O nome *Saco* tinha um sentido amplo ou um senso de amplitude. No entanto, não se tratava de um movimento ou de um grupo com ideias de movimento literário. Nossa pretensão era uma só: editar uma revista. Sem muitas restrições. Nada de bairrismo, regionalismo, nacionalismo. Nenhum "ismo". Não queríamos um grupo, uma igrejinha, uma coisa regional. Um saco onde coubesse tudo ou quase tudo, todas as manifestações culturais e artísticas. Em razão disso, criou-se um caderno de desenhos, poesia visual, crítica literária, jornalismo cultural.

No dia 2 de abril de 1976 saiu às bancas o primeiro número. Falou-se em sucesso. Muitos foram os jornais do País que noticiaram o surgimento de *O Saco*, desde *Opinião*, *O Pasquim* e *Jornal de Letras*, passando pelas revistas *Escrita* e *Ficção*, jornais estaduais, como *Folha de Goiaz* e *A Tarde* (Salvador), assim como os da chamada grande imprensa do Rio e de São Paulo. Os contatos

com os editores das revistas literárias eram permanentes, especialmente com Wladyr Nader, da *Escrita*; Salim Miguel, da *Ficção*; Luiz Fernando Emediato, da *Inéditos*, sem falar nos editores das folhas literárias dos jornais e de pequenos jornais culturais, que eram muitos naquele tempo.

A festa, no entanto, duraria pouco. O último número, o sétimo, é de fevereiro de 1977. Ao deixar de circular, a Revista largou sementes no chão. De início, sabíamos que, sem publicidade, a revista não sobreviveria. E nunca conseguimos grandes anunciantes. Nossa revista não atingira os milhares de leitores dos diários. O primeiro número teve distribuição precária. Houve encalhe. A partir do segundo, conseguimos chegar às bancas das principais cidades do País. Como se fez isso, se a tiragem era de seis mil exemplares? Eis aí a razão principal do nosso fracasso. *O Saco* não podia ter distribuição nacional. Por que não concentramos nossas atividades no Ceará ou mesmo no Nordeste?

O editorial do número quatro explica as dificuldades enfrentadas desde o primeiro momento: "O período de gestação da editora e do nº 1 foi de quase um ano, ano alimentado por desconfianças, medos, falsos rebates, fraquezas (...). O Departamento de Polícia Federal, em Brasília, nos solicitou fotocópia de todo o material já composto e montado para aprovação e liberação do registro. Com isto conseguido lançamos nosso barco (...). Outra informação que tínhamos era de que Brasília só fazia tais exigências, em se tratando de revista literária, no nº 1. Quando o nº 2 já ia ser entregue à Gráfica para impressão fomos notificados de que estávamos sob regime de verificação prévia, regime

este causado por matéria publicada no caderno Prosa do nº 1 e que ofendia a moralidade".

As tiragens foram de alguns poucos milhares, sempre num crescendo. O primeiro número alcançou sete mil exemplares, como se lê no editorial do número 2: "Agradecemos, na oportunidade, a quantos nos prestigiaram com suas presenças no lançamento d'*O Saco*, como igualmente aos que adquiriram a nossa revista, que teve seu primeiro número (seis mil exemplares para venda nas bancas e mil comprados pela Secretaria de Cultura e Promoção Social) esgotado em poucos dias." O primeiro distribuidor da revista foi a empresa Distribuidora Cultural de Publicações, de Fortaleza, que fazia a distribuição nas bancas. Iniciou-se também o sistema de assinaturas. Como se vê num comunicado no primeiro número: "Considerando a necessidade de valorizar o trabalho intelectual, oferecemos, inicialmente, uma assinatura anual da Revista ao autor de cada matéria (escrita e visual) publicada". A partir do segundo número, a distribuição ficou a cargo da Distribuidora Edésio, também de Fortaleza. No editorial do número dois está dito que se pretendia "circulação nacional". Entretanto, a quarta capa é um anúncio da Superbancas Ltda, empresa paulista de distribuição de jornais e revistas, com uma chamada "Distribuidora nacional de *O Saco*". A partir daí a revista passou a circular nas grandes cidades do Brasil.

[❧]

O Grupo Siriará

DOIS ANOS depois do fechamento de *O Saco*, surgiu o "Grupo Siriará". No dia 14 de julho de 1979, publicou-se o "Manifesto Siriará".

Explica-nos João Brígido que "a palavra primitiva ouvida ao índio era ciri-ará." E esmiúça a formação da palavra: "Ciri, na língua guarani, quer dizer andar para trás e o selvagem, fazendo dum fato uma substância, chamou a todo câncer marítimo ou caranguejo - *ciri*." E mais adiante: "ará é adjetivo significando claro, branco, alvacento, etc etc." O "C" primitivo de ciri transmudou-se depois no "S" de siriará, para, em seguida, por síncope, dar Siará. Uma revanche fonética trouxe de volta o "C" e deu Ciará. E, por último, Ceará, apesar de o povo continuar a pronunciar Ciará.

Siriará foi um grito novo contra muita coisa. E, logicamente, a favor de outras tantas. Por exemplo: "contra a ritualística de um passado literário que formal e conteudisticamente não mais representa a realidade

nordestina do momento". Não se tratava, evidentemente, de uma nova Semana de 22. Era um grito a favor da democracia, entendendo-se como tal a prática dos direitos nacionais e regionais, individuais e de classe. Não um berro regionalista, um aboio para ser ouvido no Sul e lá fora, como um exotismo. "Somente dentro dessa roupagem nos permitem lançar nacionalmente nossa 'mercadoria'", está no manifesto.

As ideias básicas do Movimento eram, segundo o Manifesto: 1) Contra a ritualística de um passado que formal e conteudisticamente não mais representa a realidade nordestina do momento. Viva Graciliano, José Américo, Zé Lins do Rego, *O Quinze* de Rachel, João Cabral, Grupo Clã... Viva. Como lição, roteiro, experiência. Superação, não supressão. A seca e o sonho continuam. A favor de um texto terra (conteúdo); de um texto mestiço (forma); de um texto Siriará (intenção e linguagem). 2) Contra o colonialismo interno do sul e a condenação regionalista da literatura nordestina. A favor de uma literatura sem vassalagem, nordestinagem, inferioridade. Pensar e sentir o Nordeste e ter o direito de perguntar pelo Brasil. E não somente o Nordeste, território à parte. 3) Contra modelos e formas de pensar e escrever importados – impostados, impostos – pastagem alienante da culturália tupiniquim mal pensante. A favor de uma literatura brasileira brasílica. Autóctone. Sem totens nem tabus. Sem "fervor reverencial" à cultura da solene mamãe Europa e adjacências e/ou do executivo caubói do Arizona. O universo situado a partir de um discurso e uma linguagem crítica que reflitam a nossa própria situação/condição histórica. Pensar e sentir o Brasil no mundo. E o mundo no Brasil. A fa-

vor de uma escritura nordestina/brasileira, brasileira/planetária. Força centrípeta e centrífuga da linguagem. Da literatura. Da História. Da sabedoria cosmo-nativa. 4) Contra toda forma de opressão, de repressão política e/ou cultural. Fora, fuuu - a máscara policialesca da moral e dos bons costumes (literários). Fora a censura planaltina. Fora, fuuu - todas as patrulhas. E todos os pulhas ideológicos e literários. Queremos a verdade e a sinceridade. Ainda que tarde. Pra tudo rimar com Liberdade. A favor de uma literatura de combate, de questionamento, de indagação. De si mesma. Do indivíduo. Da sociedade. Do Brasil D. R. isto é, Depois de Rosa. Aqui e sempre. AVE, PALAVRA."

Assinaram o Manifesto os seguintes escritores: Adriano Spínola, Airton Monte, Antônio Rodrigues de Sousa, Batista de Lima, Carlos Emílio Correa Lima, Eugênio Leandro, Fernanda Teixeira Gurgel do Amaral, Floriano Martins, Geraldo Markan Ferreira, Jackson Sampaio, Joyce Cavalcante, Lydia Teles, Márcio Catunda, Maryse Sales Silveira, Marly Vasconcelos, Natalício Barroso Filho, Nilto Maciel, Nirton Venâncio, Oswald Barroso, Paulo Barbosa, Paulo Véras, Rogaciano Leite Filho, Rosemberg Cariry e Sílvio Barreira.

Além do manifesto, vastamente publicado, o movimento editou livros; promoveu um seminário, com a leitura e discussão de textos dos seus membros; participou de encontros com estudantes; publicou uma revista-antologia e um suplemento especial no jornal *O Povo*, edição de mais de 20 mil exemplares, criteriosamente elaborado, com fotografias, biografias, depoimentos e textos de todos os seus integrantes, além do manifesto; encenou peças. Surgiram propostas como a veiculação

de um jornal e a organização de uma antologia de escritores cearenses.

Na opinião de Dimas Macedo, no ensaio "Literatura e Escritores Cearenses" (*Crítica Imperfeita,* Imprensa Universitária, Fortaleza, 2001), o Grupo Siriará não deixou "uma contribuição significativa, enquanto movimento de renovação estética e literária. Foi uma atitude muito mais do que um grupo literário com disposição de aglutinar uma proposta concreta de ação ou coisa que o valha. Mas é indiscutível também que do Siriará provêm alguns dos melhores escritores cearenses da década de 1980, com raízes num período bem anterior, que remonta à criação da revista O Saco, uma das mais originais publicações brasileiras das últimas décadas".

Epistolário Hoje: Muita Comunicação, Pouca Literatura

1. Meus papiros

"Amigo Chico Lopes. Li tua carta longa, cheia de ensinamentos. A gente vai envelhecendo e ficando sábio. A gente lê na juventude para ficar sábio. Depois vê que a sabedoria não serve para quase nada. Agora estou em estágio em que não pretendo mais ficar sábio. Por isso, leio quase nada. Não tenho mais vontade de ler. E muito menos de escrever. (...) Estou em fase ruim, meu amigo. Começo a ler e logo sinto enfado. Para que ler mais? Recebo opúsculos todo dia. Acho-os todos ruins, fracos, deformados de nascença, sem talento, sem imaginação. Leio-os porque me pedem opinião, prefácio, orelha. Agora mesmo ando a namorar uns contos de... (omitirei o nome, para evitar aborrecimentos). Muito fracos. Sim, todavia não posso negar o pedido de prefácio e vou me esforçar para lê-lo. E assim acontece sempre. E assim vou me desiludindo cada vez mais".

Isto é trecho de mensagem eletrônica minha ao contista Chico Lopes. Poderia ser epígrafe desta evocação. Serve também para me expor, falar de minha angústia de escritor, das minhas preocupações. E é assim que todo dia me correspondo com alguns amigos, há alguns anos, desde quando criei um endereço virtual e, aos poucos, fui deixando de redigir em folhas de papel, as antigas cartas, missivas ou epístolas.

Antes de chegar aos *e-mails*, aos *blogs*, aos *sites*, ao admirável mundo novo da Internet - no qual estou metido até o pescoço, quase a me sufocar, preciso dar voltinha ao passado, a passado não muito distante. Não retrocederei à escrita cuneiforme, aos desenhos rupestres, aos tijolinhos, aos papiros, a Gutenberg. É história mais recente. Pelo menos, para mim. Recuarei apenas ao tempo de minhas iniciações literárias.

Após a divulgação de *Itinerário* (1974), criei o jornal *Intercâmbio*. Havia tempos, mantinha contato com diversos "nanicos" (jornais, mimeografados) de todo o Brasil. Comunicavam-se uns com outros, formando cadeia. Cada um irradiava os nomes dos demais. E, assim, todos os "editores" (jovens escreventes) se conheciam: de norte a sul, de leste a oeste. E com eles me correspondia. Não me lembro de qual deles me aproximei primeiro. Havia também jornais feitos em tipografia, conhecidos como "independentes" ou "marginais". Naqueles se estampavam poemas, narrativas curtas, notícias do mundo literário. Tudo trabalho de uma só pessoa. Os independentes (pequenas empresas, grupos de jornalistas) tomavam posições políticas ou adotavam determinadas diretrizes ideológicas, de oposição à ditadura militar. Alguns se vendiam em bancas: Pasquim, Movimento, Opinião, Abertura Cultural etc.

O *Jornal de Letras*, dos irmãos Elysio, João e José Condé, criado em 1949, no Rio de Janeiro, é caso à parte. Nele sonhava me ver publicado. No entanto, não conhecia diretores e colaboradores, nomes muito importantes para mim. Para me aproximar, passei a mandar notícias do Ceará. A primeira delas saiu em maio de 75 e se intitulava "Semana de estudos". Como não se tratava de matéria assinada, ousei falar também de mim. Na edição de julho daquele ano, os editores do JL me concederam mais espaço e difundiram as notícias por mim expedidas, no mesmo bloco em que aparece Pedro Lyra, com citação de nossos nomes como correspondentes, embora com erro no meu. De qualquer forma, tornara-me correspondente do mais importante veículo de letras do Brasil. Na edição de setembro, o espaço reservado ao Ceará é assinado por Nilto Fernando Maciel e na de dezembro retirei o primeiro nome (não me decidira, ainda, por nome artístico).

Reconhecido como jornalista, em 76 publiquei notícias, artigos e até editoriais no *Unitário*, de Fortaleza. Pelo menos, dois artigos assinados: "A literatura cearense hoje" e "Os novos tempos da literatura". E duas reportagens, também assinadas: "Medo do Quinze: a simplicidade em Raquel de Queiroz" (4/7/76) e "Di Cavalcanti: o pintor das mulatas". Dei a conhecer também crônicas, algumas sem assinatura ("Praça do Ferreira"), outras assinadas ("O rádio e os outros", "Comerciária: realidade e sonho" e "O marceneiro"). A seguir, colaborei em periódicos de outras cidades, como *O Popular* e *Folha de Goiaz*, de Goiânia; *Tribuna da Imprensa*, do Rio de Janeiro; *Correio Braziliense*, de Brasília; e *Diário do Comércio*, do Recife.

É desse período minha amizade com diversos escribas novos de todo o Brasil. A maioria deles nunca

sequer vi, excetuados os brasilienses (não de nascimento, pois todos vinham de outros Estados). São daquele período Glauco Mattoso, Enéas Athanázio, Francisco Miguel de Moura e poucos outros. Com Glauco mantive intensa correspondência durante alguns anos, ele com suas folhas mimeografadas, como *Dobrabil*, repletas de poemas e contos satíricos. O catarinense Enéas é anterior ao *Saco*. Supunha-o tipo corpulento, de estatura gigantesca. Isso, entretanto, não me preocupava. Sobretudo, porque jamais o veria. Não precisaria quebrar o pescoço para olhar em seus olhos. E se o visse? Pois ele costuma andar pelas bandas do Norte e do Nordeste do Brasil. É desses seres que pensam o Brasil como conjunto harmônico de povos desarmonizados pelas elites políticas e financeiras. E o vi em Balneário Camboriú, em dia de chuva do ano 2000, se não me engano. Quando abriu a porta do apartamento, não acreditei estar diante dele, aquele homenzinho quase miúdo. O piauiense Chico Miguel (não gosta de ser chamado de escritor piauiense, mas brasileiro) é também miudinho. De olhos azuis, branco como vela. E alegre como o goiano Salomão Sousa. Conheci Chico desde os tempos das revistas *Ciranda* e *Cirandinha*, por ele editadas, e *Intercâmbio* e *O Saco*. Entretanto, quiseram os deuses nos fazer abraçar em Havana, já em 2000. Bebemos muito, contamos muitas piadas, passeamos de triciclo e carro norte-americano modelo 1950, sem falarmos uma vez sequer na Revolução Cubana.

Com os brasilienses mantive boa amizade desde minha chegada à Capital Federal. Lembro-me sempre de Salomão Sousa, Guido Heleno, Emanuel Medeiros Vieira, Adrino Aragão, João Carlos Taveira e muitos outros. O primeiro vivia na minha casa, e eu na dele. Jornalista

por profissão, devotava-se a ler os melhores pergaminhos e a lapidar poemas. Além disso, se dedicava a rir. Ria quando nos víamos, de alegria. Ria quando conversávamos, até quando o assunto fosse guerras, misérias humanas, os males do mundo. Rir para ele era (e deve ainda ser) a forma de dizer: apesar de tudo, estamos vivos. Indicou-me e apresentou-me criadores de quem nunca me aproximara, como Robert Musil. De alemães eu só conhecia Hoffmann, os irmãos Grimm, Thomas Mann, Goethe, Hesse e outros poucos. Salomão, diferentemente de mim, conhecia todo mundo. Lia, comentava e, se encontrasse interesse no interlocutor, emprestava o livro, sem receios. Falava de Goiás a todo instante, em saudade sem fim de sua terra. Íamos com muita frequência a Goiânia, para encontros com homens de letras locais, como Valdivino Braz, Miguel Jorge, Aidenor Aires, Brasigóis Felício, Alaor Barbosa, Yêda Schmaltz, Antônio José de Moura, Dionísio Pereira Machado, quase todos vindos dos tempos dos jornais nanicos.

O mineiro Guido Heleno é outro amigo daquele tempo. Participava de tudo: discussões, encontros, seminários. Sempre a contar piadas. Outro amigo do riso. O catarinense Emanuel Medeiros eu também conhecia (seus livros) desde Fortaleza. Grandalhão e de voz potente, assustava os mais raquíticos e tímidos. Entretanto, sua exaltação não o tornava áspero. Só o vi perder o controle emocional uma vez, quando amigo nosso o ofendeu com palavras, em bar. Adrino Aragão, amazonense, também se iniciava no palco dos impressos, com a mesma euforia dos outros. Depois foi perdendo o ânimo, como acontece com todos.

A lembrança desses amigos e daqueles acontecimentos tem razão de ser neste escrito. Pois as epístolas

vindas deles e as remetidas por mim foram se transformando, aos poucos, em bilhetes, até chegarem à forma chamada mensagem eletrônica. Missiva se iniciava com o nome da localidade onde o missivista se encontrava e a data. Prosseguia com expressões como "Caro amigo fulano". Eu escrevia cerca de 30 comunicações por mês. Não havia tanta pressa. Falávamos de literatura, sonhos literários, acontecimentos culturais. A organização da antologia *Queda de braço* se deu toda por epístola. Tenho centenas delas (umas enviadas por mim, outras por ele).

Nunca fiz contagem do número de cartas saídas de meu punho ou oriundas de meus amigos. Tenho milhares delas em pastas e caixas. A maioria não encerra nenhum valor artístico e, muito menos, histórico. E por que as conservo? Talvez para me agarrar ao passado e me sentir vivo. Algum valor poderia ter a correspondência com Glauco, se *Queda de Braço* fosse publicação mais valiosa. Missivas de colaboradores das revistas *O Saco* e *Literatura* também poderão guardar alguma valia.

2.
Correio eletrônico

É recente minha adesão ao correio eletrônico. Talvez tenha ocorrido já neste milênio. Então fui, aos poucos, substituindo a carta tradicional pelo *e-mail*. Hoje me correspondo com centenas de copistas de todo o Brasil, com maior frequência do que ao tempo dos correios e telégrafos. Ou da caixa postal. Quem se lembra da caixa postal? Todo escrevinhador precisava de uma dessas bocetas mágicas. E me lembro da sofreguidão de todo dia, ou quase todo dia, no rumo do prédio dos correios. Dirigia-me à agência, quase a correr, chave à mão. Subia os

degraus e me abaixava para introduzir a pequena chave na abertura da caixinha embutida na parede e de lá retirar dezenas de missivas, jornais, revistas, publicações em geral. Não ir ao correio me causava angústia tão grande como a do homem impossibilitado de visitar todo dia a nova amante. Ou a do internauta impedido de ligar o computador doméstico e obrigado a ir a uma *lan house*.

Reconheço: estou viciado em correio eletrônico, em *site*, em *blog*. Mal desperto (estou a despertar cada vez mais cedo), lavo o rosto e corro à sala onde repousa um microcomputador. Ultimamente, nem o desligo mais à noite. Vou direto às mensagens. Dou início ao expurgo dos indesejados, cerca de 90% delas. São ofertas de produtos, empréstimos financeiros, viagens ao redor do mundo em 80 dias, tentações, arapucas. Restam sempre de dez a 20 nomes conhecidos e um ou outro nome novo. Chegam-me poemas, contos, crônicas, resenhas, artigos, ensaios. Todos me pedem opinião. Alguns querem resenha. Outros, prefácio. Dificilmente consigo dizer não. Fico com pena. Mas, humano que sou, termino por arranjar frases horríveis. Tais palavras já me renderam boas inimizades. Uns passam anos sem falar comigo. Riscam meu nome dos seus cadernos. Outros tecem desaforos: "Quem você pensa ser, seu Nilto? Só porque rabiscou uns livrinhos, se imagina professor?"

Toda essa perturbação só acontece porque também sou editor. Sempre o fui, desde menino. Em casa, arabescava, com meus irmãos, jornais e os colava nas paredes. Nossa mãe gritava: Parem com isso, estão sujando as paredes. Mais tarde, experiente, criei o jornalzinho mimeografado Intercâmbio, ao qual me referi no início deste depoimento.

Muitos dos meus correspondentes nem sabem de minha mania de escrever. Brindam-me com epístolas

(isto é, mensagens) e só me falam de si mesmos: Quero lhe revelar meus poemas, para inserção em seu *site*. Outros expedem historinhas e solicitam exposição no *Jornal do Conto*. Ora, não sou dono dele. Sou apenas ajudante de Soares Feitosa, criador do maior sítio de poesia de Língua Portuguesa, o *Jornal de Poesia*. Há alguns anos me convidou a recriar, com ele, o *Jornal do Conto*, inserto no próprio JP. Aceitei o convite, com uma condição: se me fosse dada a única função de captar composições ficcionais. Logo na primeira semana, enviei arquivo de mais de 500 peças. Ele se apavorou. De onde vinham tantas narrativas? Como eu conseguia conhecer tantos contistas? Na verdade, apenas juntei as ficções exibidas na revista *Literatura* (de longa duração: 17 anos).

Esse periódico é de minha fase mais recente como editorador. Minha última experiência nessa atividade. Refiro-me a jornal ou revista impressa. Porque continuo editor, embora virtual. (Falarei do *blog* "Literatura sem fronteiras" mais adiante, ao final desta explanação).

A revista *Literatura* nasceu em 1991 e durou até 2008. Com ela, vivi as duas fases recentes da correspondência: a da comunicação em papel, escrita a mão ou máquina de datilografia; e a da mensagem virtual. Em 1991, correspondia-me com alguns redatores, muitos do Ceará (ou residentes em Fortaleza) e outros do resto do Brasil. Boa parte deles conhecia desde os tempos das revistas *Intercâmbio* e *O Saco*. Aos poucos, consegui me adaptar aos novos tempos. Comprei computador e aprendi rudimentos de computação: como usar o *Word* (sobretudo, digitação), como arquivar textos e navegar na Internet. Criei endereço postal e me dispus a enviar mensagens para amigos. Ora, como se daria isto, se eles não conheciam computador? Voltei, então, às mensagens tradicio-

nais: "Meu amigo fulano, comprei computador. A partir de agora, faremos nossa correspondência por *e-mail*. Informe, por favor, o seu endereço virtual". Recebi alguns desaforos: "Se você não quer mais se corresponder comigo, vá às favas". "Vão você e seu email para a ponte que caiu". "Prefiro morrer na solidão, a deixar de lado as cartas e me bandear para esse tal email."

Até hoje, muitos não se deixaram conduzir ao campo da informática. Ainda recebo missivas como antigamente. Só mudaram os envelopes. Não vejo mais aqueles de bordas verde-amarelo. De vez em quando, redijo epístola-padrão e despacho aos amigos. No computador, só mudo a data e o nome do destinatário. Trato de assuntos variados, de interesse de todos, muito mais notícia do que confissão: "Prezado amigo sicrano. Esta semana recebi convite da Academia Brasileira de Letras, para proferir conferência..." Isto, contudo, tem ocorrido uma vez por ano. Com os mais conservadores (os alheios ao e-mail) correspondo-me por telefone. São poucos. Ainda bem.

Como disse, minha rotina se inicia às oito horas da manhã. Leio e respondo as mensagens do dia ou noite anterior (porque ninguém traça letrinhas às seis horas da manhã, a não ser os mais loucos), passo ao meu *blog*, mergulho nos comentários e posto (isto é, mostro) a primeira colaboração: poema, conto, artigo, crônica etc). Ao final da tarde, é a vez da segunda. Os colaboradores são quase sempre os mesmos, há anos, desde os primeiros tempos do *blog*. Surge um ou outro, de vez em quando. Como imprimi quase todos os meus esboços, só me edito uma ou duas vezes por mês. São crônicas, artigos ou entrevistas decorrentes de leituras ou para formar mais um livro.

3.
LITERATURA SEM FRONTEIRAS: UM *BLOG*

O *blog* "Literatura sem fronteiras" tem me rendido boas amizades. Quase todo dia aparece novo leitor, que comenta algum texto do *blog*, me faz perguntas ou se diz interessado em me conhecer. Não há comentários malevolentes. Se os há, não chegam ao meu conhecimento. As perguntas são de toda ordem: se tenho endereço de fulano, se posso fazer resumo de *Vidas secas* ou de *Jubiabá* ou de *Felicidade clandestina* (ousadia de estudante preguiçoso), se me disponho a elaborar prefácio para seus tantras ou suas alegorias. Quase tudo nego, menos a informação.

Os leitores (chamados de seguidores) do *blog* são, em média, 100 (cem) por dia. Quando divulgo crônica ou artigo (faço isso duas vezes por mês), envio mensagem aos meus "leitores" e lhes solicito leitura. Nesses dias, o número de visitas sobe para 200 ou mais. Bom número, comparado com o de leitores de meus cartapácios. Cada um deles deve ter sido lido por cerca de 300 pessoas. Não me refiro aos romances nomeados como literatura paradidática (*A guerra da donzela, Os guerreiros de Monte-mor e O cabra que virou bode*), objeto de grandes tiragens, por serem adotados em escolas de todo o Brasil. Entretanto, de leitores deste último guardo más lembranças. O título seria *Os pecados daquele domingo*. O impressor, no entanto, não gostou dele e propôs título mais atraente. Talvez porque pensasse nas crianças e não quisesse assustá-las. Fez sugestão de dez nomes e terminamos optando por *O cabra que virou bode*. Chegado às escolas, iniciou-se minha *via crucis*. Certa tarde, recebi envelope, com lacre da editora. Projetei, imedia-

tamente, gordo cheque, repleto de zeros, como pagamento de direitos autorais. Rasguei o envelope, ávido de dinheiro. Nesse tempo, eu comia o pão que o diabo amassou. (Desculpem-me tantos lugares-comuns, mas preciso ser bem didático, para não incorrer no pecado da inverossimilhança.) Por baixo do envelope rasgado encontrei outro envelope. Estranhei aquilo. Com caligrafia torta, o lado do destinatário pareceu-me comum: "Para Nilto Maciel, a/c Editora Global". Do lado oposto, o nome da remetente e o endereço. Não presumi quem fosse. O nome não me lembrava ninguém. Algo como Gertrudes Geremek. A cidade, do Rio Grande do Sul, fez-me sentir famoso. Rasguei, com delicadeza, as bordas do envelope. E me pus a ler os garranchos: "Senhor escrevedor. Costumo ler os livros que a escola onde estuda minha filha me faz comprar para ela. Li o seu, esse amontoado de sacrilégios". Enchi-me de curiosidade e interesse pelo assunto, embora assustado. "Pois saiba, senhor, que o inferno o aguarda, com mil demônios, armados de espetos fumegantes, prontos a espetá-los em sua carne apodrecida pelo pecado". Pus-me a rir. Aquilo me parecia loucura. O que eu tinha concebido de tão grave para a fé cristã? "Como pode o senhor crucificar um bode, comparando-o a Jesus?" (Referia-se ao final do capítulo "Inquisição": "Ouvissem bem: pretendia fazer uma cruz e nela pregar aquele filho de uma égua. Ninguém gritou, nem ousou censurar a pretensão do dono do sítio. Havia estupefação nos olhos de todos. Como crucificar um bode?"). Condenado sem defesa, guardei a carta, e me julguei no Inferno.

Porém, deixemos para trás essas historinhas engraçadas e voltemos ao presente. As pessoas que querem me conhecer são quase todas do sexo feminino. As

primeiras mensagens são informais, citam títulos famosos (para demonstrar erudição, suponho) e *blogs* literários. As segundas não mencionam mais títulos, mas apenas a cidade onde vive a missivista. "Moro numa cidade pequena. Aqui todo mundo se conhece. Não há privacidade." As terceiras se reduzem à casa onde reside a autora da missiva: "Moro com meus pais. Eles são muito chatos. Se pudesse, morava em Fortaleza, para todo dia ir à praia." Na quarta, a missivista se faz mais íntima de mim: "Ontem sonhei com você. Quando nos veremos? Estou doida para conhecê-lo." Não alimento tais devaneios. Nunca irei a Ponta-Porã conhecer Maria das Mercês ou a Itacoatiara ver de perto Iracema Sampaio.

Outras dessas correspondentes são mais idosas. Também iniciam a amizade pelos alfarrábios: "*Estou lendo El amor en los tiempos del cólera*". Na segunda mensagem, deixam de lado a erudição e falam de solidão: "Meu marido só quer saber de cerveja, futebol e televisão." Obsequiam-me com fotos (não sei se recentes) delas (muito louras, sorridentes, em trajes sumários, à beira de piscinas) e dos filhos adolescentes ("meus amores"). E me fazem perguntas embaraçosas: "Você não quer conhecer a nossa cidade? Garanto que irá se apaixonar. Temos quarto amplo, com algum conforto. Januário gosta muito de visita, principalmente de meus amigos literatos. Sabe quem esteve aqui no mês passado?"

4.
Meus correspondentes

Depois de mais de 40 anos de promiscuidade com a arte da palavra escrita, ainda não aprendi a tratar bem as cartas. Escrevo-as com desleixo, voltado apenas para a informação, sem nenhuma preocupação com o estilo.

Em troca, meus correspondentes também só me legaram observações sem valor. Guardo uma ou outra de maior valimento. A maioria não vai além da informação ou não passa de documento pessoal. Quando muito, escrito de circunstância. As mensagens de hoje também não passam de bilhetes, muitos deles redigidos às pressas e, por isso, descartáveis. Entretanto, algumas pérolas (se assim posso chamar) se salvam no rolar das águas, na correnteza da comunicação verbal. Algumas dessas mensagens são verdadeiras crônicas. Outras, projetos de poemas.

Alguns amigos me despacham epístolas longas e muito ricas. Posso citar pelo menos os nomes de quatro deles: Francisco Carvalho, Valdivino Braz, Astrid Cabral e Chico Lopes. São misto de crônica, poema e ensaio. Como não sou o guardião de seus escritos, não os guardo. A não ser que consiga escrever resposta à altura deles. Nesse caso, costumo salvaguardá-los. Tenho alguns deles em arquivo. Querem ver alguns?

O primeiro vem de Astrid Cabral. Vejamos trecho: "Meu caro Nilto. Li de uma tacada, com essa avidez que a boa ficção provoca. O livro tem todos os ingredientes para prender o leitor. Um personagem misterioso que se afasta da trilha comum e outros cuja vaidade simplória nos lembra muita gente. Mas o maior personagem da narrativa me parece ser a comunidade, já que ela está devidamente representada por todos os seus membros chave. Você nos dá um verdadeiro painel de nossas associações interioranas, tocadas por ingenuidade caricata, ao mesmo tempo em que nos devolve aquele clima da primeira metade do século no Brasil, quando o comunismo era uma espécie de alçapão do diabo. Lembro-me de que em 47, quando estive na casa das minhas

primas em Fortaleza, fui contar que pelo meu pai, meu nome seria Rússia (minha mãe é que não quis, embora soubesse de meninas com nome América e Argentina) porque o paizinho comungava dos ideais comunistas. Ao que uma das primas comentou: Ainda bem que o tio Alfredo já morreu. Eu é que quase morri ao ouvir tanta dureza. A prima era mesmo uma carola fanática, só que eu era uma menina sensível e não via no comunismo nenhum estigma, afinal a família de minha mãe, onde cresci, tinha muito mais abertura diante do mundo".

Uma beleza de análise. Ela se referia a *Os luzeiros do mundo*. Uma beleza a prosa de Astrid. Nem parece carta ou mensagem eletrônica. Mais parece memória. Astrid escreve sempre assim, com arte e clareza.

Outra escritora de minha admiração, com quem não mantenho (e deveria manter) correspondência mais frequente, é Ana Miranda. Tenho dela esta joia: "Querido Nilto, que ótimo receber notícias suas, e vindas sob a forma de um olhar sobre meu mais desprezado livro, o mais esquecido, abandonado, mesmo por sua autora. Considero-o uma espécie de marginal, em relação a minha obra, pois me sinto romancista, sinto-me expressa nos romances, mesmo sabendo que tudo o que fazemos nos compõe. E sou mesmo assim, cheia de abas, promontórios, maceiós, ilhas. Tenho uma geografia muito complicada. Gostei de sua visão do livro, concordo que seja um romance em que faltam apenas as conectivas da trama, e a trama em si, mas possui o motivo principal, permeando todas as páginas. E achei muito interessante a sua vontade de entender o comportamento, o significado do comportamento dos personagens. Um abraço muito afetuoso, da Ana Miranda".

Tenho missivas maravilhosas do imenso poeta Francisco Carvalho. Não as transcreverei, no entanto, para

deixar os leitores com água na boca. Para dar uma canja, apresento apenas trecho de comunicação minha a ele dirigida. "Meu prezado poeta Francisco Carvalho. Há dias quero lhe escrever, mas a preguiça toma conta de mim cada vez mais. Depois do surgimento do e-mail, quase não despacho mais cartas pelas vias tradicionais. É preguiça de sair de casa, enfrentar o trânsito, filas nos correios, aborrecimentos. A vida moderna vai nos afastando, aos solavancos, das tradições. Mas, esta carta não é para me lamuriar. É para agradecer o envio de exemplar de sua mais nova reunião de poemas: *O sonho é nossa chama*. E como vem a calhar, o título, a esta nossa conversa. A seleção dos sonetos está perfeita. E não poderia ser diferente, vez que você mesmo indica: sonetos escolhidos. Belíssima edição. Não preciso falar do repertório em si. Sempre que o leio, e o faço com frequência, sinto-me mais perto da poesia. Minha opinião sobre a sua poesia está sintetizada naquele velho artigo. E você nem precisa dela, tantos são os estudos de sua poética. Vinda de gente que entende do riscado. Não de aprendizes como eu. E muito obrigado pelo presente: chegou-me às vésperas do carnaval, e eu passei aqueles dias de folia a dançar em casa com seus versos. Obrigado, mais uma vez, pelo soneto a mim dedicado (p. 67)".

No primeiro parágrafo deste depoimento explico (ou justifico) o "fim melancólico" da missiva. Morreu, deixou saudades, lemos as epístolas literárias de homens célebres, mas, infelizmente, não formulamos mais cartas. Nem as recebemos. E os carteiros, coitados, agora só servem para fazer cobrança mercantil.

FORTALEZA, JULHO DE 2011.

[❧]

Coreto na praça de Santa Luzia

Conversa ao Pé do Computador

Em certo período da vida, eu sentia enorme prazer em conversar. O velho cavaco, a prosa solta, descontraída. Os amigos valiam tudo. Mais do que os livros. Passado algum tempo, pedi perdão aos meus papiros por tê-los trocado por adolescentes. Voltei a passar horas e horas com os olhos enfiados nas páginas amareladas dos impressos. Mais adiante, senti saudades dos companheiros afeitos a falar de sexo, violência, aventura, filmes, viagens, tudo invenção deles. Tinham crescido e já bebiam além do permitido, namoravam de verdade, viajavam mesmo. Eu largava os compêndios e corria para ouvi-los. Foi quando descobri uns sujeitos invisíveis. Seus nomes e endereços apareciam em jornais miúdos (chamados "nanicos", "marginais" ou "independentes"). Moravam em cidades distantes daquela onde eu vivia. Quase ninguém dispunha de telefone. Havia, contudo, o correio. Aprendi a rabiscar cartas. O calendário passava e a gente envelhecia com a rapidez

das mudanças. Então inventaram computador, Internet, *e-mail*, *blog*. E troquei o papel e a caneta das cartas pelas teclas. Hoje (e esse hoje vem de alguns anos) me correspondo (converso, como antigamente) com dezenas de pessoas. Uns são apenas colaboradores do meu *blog*. Expedem pelo *e-mail* poemas, contos, crônicas, artigos, resenhas. Pedem divulgação. Outros remetem suas publicações, solicitam leitura e avaliação. Tenho centenas deles em minhas estantes. São tantos que, aos poucos, conseguem afugentar meus primeiros mestres: José de Alencar, Camilo Castelo Branco, Alfred de Musset. Uns me enfastiam desde a capa, o título. Afundo a vista na primeira página, passo à segunda, sinto sede, corro à geladeira. Outros me enchem de alegria.

Tenho amigos e conhecidos por todo o Brasil. Vez por outra, me brindam com mensagens afetuosas e sábias, embora curtas. Inicio a relação por Ádlei Carvalho (conheci na Praia do Náutico, ele e sua esposa, entre cervejas e devaneios). Vive em Belozironte. Prossigo com minha conterrânea Aíla Sampaio, tão afetuosa que até me perdoa por não me fazer presente aos lançamentos de suas publicações. Alaor Barbosa que conheci em Goiânia ou Brasília, com dedicação exclusiva à arte literária. Astrid Cabral (Brasília, reuniões da Associação Nacional de Escritores), artesã de poesia singular, de contos enigmáticos e ensaios de verticalidade prodigiosa.

Há os que se mostram magnânimos nos comentários, seja a textos do mais diversos colaboradores do *blog*, seja a minhas crônicas (umas azedas, outras doces). Entre esses estão Belvedere Bruno (de Niterói), que me presenteia crônicas, contos e planos para romances; Carmem Presotto (de Porto Alegre), com sua editora

e seu *site* Vidráguas; João Carlos Taveira (mineiro em Brasília), amigo de longos anos, me fala de si mesmo e do mundo e se preocupa comigo; Jorge Tufic (acreano em Fortaleza), esse fenício de bigodes seculares, modesto em sua poesia magistral; Nirton Venâncio (cearense em Brasília), sua poesia suave e seu cinema agudo; Pedro Du Bois e Tânia Du Bois (gaúchos em Balneário Camboriú), poesia em prosa e verso. Suas mensagens são curtas e objetivas. Não se perdem em lengalengas adjetivadas (aqueles elogios falsos que pululam em croniquinhas e mesas de bar).

Uns são mais exaltados e impacientes, a exemplo de Carlos Gildemar Pontes (agora na política, sem esquecer a escritura); Carlos Trigueiro (que só recentemente conheci e já me apresentou a uns bons outros criadores, como Ivo Barroso) e Chico Lopes (que me parece familiar, quase-irmão, meio-mineiro, meio -paulista). Outros se fazem mais contidos ou recatados, à maneira de Clauder Arcanjo (entre Mossoró e o alto-mar), Cláudio Parreira (na correria da pauliceia desvairada) e Dimas Macedo (na calma de Fortaleza, entre a brisa do mar e os palimpsestos). Uns não passam semana sem me encaminhar colaboração ou mensagem: Adelto Gonçalves (o mais prolixo redator de resenhas ou recensões do Brasil), Emanuel Medeiros (o mais agitado barriga-verde de Brasília e da Bahia) e Inocêncio de Melo Filho (o mais calmo poeta lírico e fescenino do Ceará). Outros passam meses sem dar notícia: Batista de Lima (perdido nos corredores da Universidade de Fortaleza), Caio Porfírio Carneiro (entre gentes paulistanas e cosmopolitanas, depois de nascido e criado entre cabras e bodes no sertão cearen-

se), Chico Miguel de Moura (plantado em Teresina, a poetar e se corresponder com outros artistas do verso e da prosa) e Enéas Athanázio (sulista que gosta de conhecer o Brasil). Não permanecem em seus cantos, sem muitas cartas, por desídia ou outro defeito. É o jeito deles.

Há os que me dão conselhos ou orientações, sem se importarem com idade. Afinal, a sabedoria não está na juventude nem na velhice. Existem os que só se manifestam quando cutucados por mim. Todavia, suas mensagens vêm repletas de sabedoria. João Soares Neto, como empresário bem-sucedido, me ensina a pôr os pés no chão, quando quero voar mais alto (Ícaro). Jorge Pieiro, habitante invisível de Limoeiro do Norte (estive lá e não o encontrei), Fortaleza (estou aqui e não o vejo nunca) e Brasília (morei lá por 25 anos e nunca o vi entre as quadras), esse criador de mundos inabitáveis me puxa as orelhas, se me excedo na crítica aos nossos irmãos. Salomão Sousa (enfurnado em Brasília desde o princípio dela, conversador (eu não quis dizer conservador) como poucos. Sânzio de Azevedo (aposentado da cátedra universitária, a pesquisar as literaturas). Valdivino Braz (encantado por Goiânia e pelas mulheres do mundo). E Webston Moura (meu mais perfeito orientador em poesia, computação, artes plásticas, Russas, mesorregião do Jaguaribe, Ceará, Nordeste, Brasil, literaturas periféricas).

Alguns desses meus correspondentes têm *blog* e, por isso, quase não mandam colaborações. É o caso de Henrique Marques-Samyn (que acaba de desistir do exercício público da crítica literária, por falta de apoio); Ivo Barroso (plantado no Rio de Janeiro faz décadas,

quase calado, mas cuidadoso com o passado e o presente literários); Liana Aragão (do Ceará para Brasília, aplicada a tudo e a todos, com muita sensibilidade); Manuel Bulcão (de Fortaleza para os confins da Filosofia); Soares Feitosa (entre Fortaleza, Salvador e o resto do mundo, com seu jornal de poesia em expansão); William Lial (que abracei numa livraria, me obsequia com bilhetes de otimismo) e Wilson Gorj (abnegado inventor de ficções novo e editor apaixonado).

Outros não têm *blog* e prometem não me aborrecer mais, depois de criarem seus *blogs*. Enfado-me com seus queixumes, porque os quero ao meu lado, não os quero afastados de nossa grande grei, ainda que não tenha aptidão ou vocação para pastor, líder ou guru. Entre estes estão Carlos Nóbrega (muito alerta aos pulsares humanos, enquanto pareça acomodado no sofá das letras); Dimas Carvalho (que de vez em quando abandona, por uns dias, a cátedra, em Sobral, e vem à Capital ser boêmio e parceiro dos velhos hedonistas, como eu); Felipe Barroso (a lecionar e correr pelas ruas de Fortaleza); Franklin Jorge (arraigado em Natal, mas com os pés e as asas no resto do Brasil); Guido Bilharinho (entre a poesia e o cinema, a escrever com cuidado e dedicação); Luciano Bonfim (em Sobral, a cutucar uns e outros, inquieto nas ficções que urde); Luiz Martins da Silva (cearense em Brasília desde o início da Capital, a poetar com paciência e amizade); Mariel Reis (que me descobriu na Internet e agora descobre o mundo); e Napoleão Valadares (mineiro em Brasília, constantemente de olho nos camaradas mais antigos).

Há também os que remetem mensagens e colaborações em bloco: Hilton Valeriano (em Hortolândia,

São Paulo, a urdir aforismos e outros pensares); Silmar Bohrer (em Caçador, Santa Catarina, de poucas palavras e muita poesia); Teresinka Pereira (vivente nos States, saída de Minas Gerais, mas sempre atenta aos que daqui não saíram); e W. J. Solha (que conheci ao ler sua novela A canga, nos anos 70, e agora nos redescobrimos). São também reais os que só enviam recados de vez em quando, e aos goles (sucintas linhas nas mensagens): Aurivan Aragão (em Sobral, a estudar teorias literárias); Jarbas Júnior (cearense em Brasília, sem nunca se desligar dos conterrâneos e de sua terra); Ronaldo Cagiano (que conheci em Brasília e não me deixa esquecido); Ronaldo Monte (em João Pessoa, a clinicar e "cronicar"); Simone Pessoa (entre crônicas e histórias para crianças); e Tércia Montenegro (que pouco vejo, por mais que a procure pelas avenidas e alamedas da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção).

E mais diria, de mais amigos e conhecidos daria notícia, fosse minha memória boa, tivesse paciência para pesquisar e temesse a língua viperina de uns poucos.

Fortaleza, início de agosto de 2012.

[❧]

Homem Realizado ou Satisfeito?

Acordei satisfeitíssimo. E pensei: o que é um homem realizado? Segundo o Dicionário Houaiss, "realizado" é adjetivo da categoria "regionalismo", no Brasil, e significa "que conseguiu atingir seu(s) objetivo(s), cumprir sua(s) meta(s)". Portanto, realizado e satisfeito são sinônimos. Não para mim, neste momento. Explico: Todo dia ouço a velha pergunta idiota feita às crianças: o que você quer ser quando crescer? Os meninos respondem logo: jogador de futebol. As meninas não titubeiam: modelo. Meio século atrás, alguns de meus amiguinhos se encabulavam e demoravam a responder. Outros se empertigavam, sorriam e atiravam besteiras: vou ser maquinista de trem; quero ter um caminhão Chevrolet bem bonito; se não for padre, serve o Banco do Brasil; se a Igreja ou a casa do dinheiro não me quiserem, serei general do exército de salvação nacional. Ninguém queria ser Bach ou Alberto Nepomuceno, Cervantes ou Alencar, Van Gogh ou Antônio Bandeira.

Acordei hoje muito satisfeito. E pensei nos adultos, de meu tempo de menino, que se diziam homens realizados. Eu não conhecia os mendigos que pediam naco de farinha, os lavradores dos pés-de-serra, os tísicos que tossiam a vida. Esses só pude olhar de perto muito mais tarde. Os homens bem-sucedidos arrotavam depois das refeições, palitavam os dentes, limpavam os bigodes brancos, alisavam as panças. Diante de suas esposas, exalavam frases decoradas: sou realizado porque me casei com uma santa. Longe delas, marcavam encontros secretos com empregadinhas domésticas, iam, sorrateiramente, aos cabarés (casas de prostituição) ou visitavam, em sítios ou arrabaldes, suas concubinas. Homens realizados tinham casas de alvenaria, com mais de uma janela, posses, terras, automóveis, muitos filhos, dentes de ouro, cinturões grossos. Contribuíam para as obras pias da Igreja e se benziam quando falavam do perigo do comunismo ateu.

Não sou um homem realizado. Se fosse homem feito, para que me realizar? Ora, se me realizar, terei chegado ao topo do Everest, à beira do abismo, ao fim da picada. Certamente Camões sonhava outros lusíadas; Dante, outros paraísos; Shakespeare, novos otelos. Não, não sou satisfeito comigo, nem com o mundo. Tudo está para ser feito, realizado. Mesmo assim, acordei satisfeitíssimo. Principalmente porque existiram as mulheres com quem dividi o prazer da carne. Porque alcancei minha alforria mental, libertei-me das muralhas de Jericó, da moral puritana, das crenças infantis de paraísos perdidos. Escrevi minha história em muitos livros. Mais de 300 contos, em dez volumes. Nove romances. É certo que quantidade não é atestado de grandeza. Pois Augusto dos Anjos só deixou um livro. Sei disso. Mas estou (hoje) satisfeito comigo. Se tiver tempo,

escreverei mais e melhor. Não plantei árvores, embora me dissessem: o homem, para se realizar, precisa ter filhos, plantar árvores e escrever livros. Também tive filhos. Contribuí para a perpetuação da espécie ameaçada de extinção por ela mesma. E transmiti a quatro criaturas o legado da nossa miséria. Ora, posso ter gerado monstros como os pais de alguns de nossos irmãos. Que culpa tiveram as mães de Hitler, Mussolini, Stalin? No entanto, quanto mal fizeram aos homens! Pobres mães! Pobres netos! Pobres de nós que herdamos os campos de concentração, a moral cristã, judaica, muçulmana, religiosa. O ódio aos pobres e aos ricos, aos homossexuais e aos que nasceram diferentes da maioria. Não quero limpar o bigode branco com o lenço ou o guardanapo de linho com inscriçã romântica. Não quero o casamento até que a morte nos separe. Não quero me casar com santas que sentem nojo das prostitutas porque são pecadoras. Quero marcar encontros com empregadinhas, sem me esconder de ninguém, do guarda-noturno, do padre escondido atrás da porta da igreja, da beata que fiscaliza a vida alheia pela brecha da porta. Não quero dentes de ouro, quero dentes para morder a carne do pecado. Não contribuo para obras pias de igrejas pentecostais e pré-apocalípticas de pastores que decoram a Bíblia e enchem os bolsos das moedas dos pobres.

Sou um homem satisfeito com a Arte. Escrevo todo dia, leio todo dia. Não troco Chopin por nenhum carnaval. Não substituo Machado por álbuns de família. Adoro os noturnos e as capitus. Acordo cedo para ver o sol queimar o chão, para me ver dentro do espelho (embora me saiba feio), para esperar a visita (esperada ou inesperada) das moças de corpo e sangue expostos ao meu vampirismo de esteta. Todo dia converso com minhas quatro filhas. Todo dia me correspondo com meus amigos, que são centenas.

Não falarei deles, porque eles falam de mim a toda hora, na praça do Ferreira, no bar do Assis, no Ideal Clube, no clube do Bode, no *shopping* Benfica, na Unifor, na UFC, na UECE, nos campi universitários e campos de carvalho. E estão quase toda noite em minha casa, a fuçar meus livros raros, a me pedir prefácios e resenhas, a me fotografar e filmar, a fazer perguntas enigmáticas. Mas, como santo de casa não faz milagre, nenhum deles me chama de grande escritor, contista fabuloso, romancista de primeira linha, essas coisas que diz todo leitor sabido. Sei, porém, que se sentem próximos de quem se viciou em Poesia. E, para não se sentirem melindrados, farei citação de seus nomes: Airton Monte, Alves Aquino (O Poeta de Meia-Tigela), Astolfo Lima, Cândido Rolim, Carlos Emílio, Carlos Nóbrega, Carlos Vazconcelos, Carmélia Aragão, Clauder Arcanjo, Dimas Carvalho, Felipe Barroso, Inocêncio de Melo Filho, Jorge Pieiro, Luciano Bonfim, Manuel Bulcão, Mário Sawatani, Máxima Madalena, Pedro Salgueiro, Raymundo Netto, Robson Ramos, Tércia Montenegro e Urik Paiva. Outros, que admiro muito como pessoas e escritores, não me visitaram por falta de oportunidade (convite?), mas têm por mim amizade e admiração. Nada me devem e, por isso, não precisam escrever artigos a respeito de minha literatura (mas, alguns o fizeram). Refiro-me a Aíla Sampaio, Ana Miranda, Barros Pinho, Batista de Lima, Dias da Silva, Dimas Macedo, Eduardo Luz, Gilmar de Carvalho, Jorge Tufic, José Lemos Monteiro, Linhares Filho, Lourdinha Leite Barbosa, Natalício Barroso, Pedro Henrique, Roberto Pontes, Sânzio de Azevedo, Soares Feitosa e mais alguns habitantes superinteligentes de Fortaleza.

A maioria de meus amigos, porém, está bem longe de mim, em Curitiba, Santa Cruz do Sul, Teresina, Poços de

Caldas, Salvador, Jaguaruana, São Paulo e por este Brasil afora. Um é Chico Miguel de Moura, amante de Teresina, poeta feito do mais puro ouro da linguagem. Outro é Emanuel Medeiros Vieira, saído do Desterro, ido para Brasília, agora abraçado aos orixás da Bahia. O nunca visto Dércio Braúna, que escreve como um possuído pelos espíritos. O vetusto e lúcido Caio Porfírio Carneiro, perdido no feérico mundo cosmopolita da pauliceia. O baixinho Enéas Athanázio, viajante real e imaginário, sempre a partir do porto de Camboriú. O goiano Salomão Sousa, que se instalou em Brasília ainda menino para escrever poesia. Tantos e tantos, de todas as idades, de todas as cidades, que eu levaria um ano a lhes citar os nomes. Muitos deles nunca vi. Mas também nunca vi meus avós, Homero, Dante, Pessoa.

Alguns me exaltam as qualidades em resenhas e artigos. Como Francisco Carvalho, que escreveu isto: "Nilto Maciel consolidou seu prestígio como um dos melhores ficcionistas brasileiros da atualidade". E esta outra frase: "Nilto Maciel é atualmente, sem nenhum favor, um dos nomes mais representativos da moderna literatura brasileira". E mais esta: "Nilto Maciel é, sem dúvida, um mestre consumado do conto moderno. Não apenas pelo requinte no uso de todas as gradações e alternativas morfológicas da escrita literária. Como também, e, sobretudo, pela maneira engenhosa com que disserta sobre tendências e conflitos da subjetividade que navega 'a leste da morte'". Haja coragem para publicar opiniões desta natureza. Porque não são poucos os gênios literários brasileiros que frequentam os jornais, as revistas, as antologias, as listas dos dez melhores, dos cem melhores do século, as academias, os simpósios, os seminários, os grandes prêmios e se sabem de raça superior, porque escolhidos por jornalistas, críticos,

doutores em literatura, acadêmicos federais. Mas Francisco Carvalho, que não faz parte de patotas, está acima - muito acima mesmo - dessa maioria de mediocridades engalanadas e ousa contrariar o Código Canônico da Literatura.

O grande poeta não está isolado, porém. Outros pensam como ele. Liana Aragão: "Nilto Maciel é um dos grandes nomes da prosa contemporânea, ainda que negligenciado pela mídia e ausente das prateleiras das grandes livrarias". Adriano Espínola: "Nilto Maciel é outro contista vigoroso e surpreendente da nova geração. (...) inscreve-se ele no que de melhor temos no momento em matéria de contos no Brasil". Caio Porfírio Carneiro: "Nilto Maciel é um desses escritores que nascem feitos e irão até à morte em ascensão constante".

Os maledicentes dirão: Assim não vale, porque são seus conterrâneos. Vale, sim. Pois falam isso porque me leram, não porque são cearenses. Além do mais, desmentem o ditado do "santo de casa". Por outro lado, há os de fora do Ceará. Tanussi Cardoso: "*As Insolentes Patas do Cão* é um instigante e belo livro de contos que coloca o seu autor, Nilto Maciel, no rol dos grandes escritores deste país". Nicodemos Sena: "Nilto Maciel (...) é, sem dúvida, um mestre da nossa literatura de ficção, que merece ser lido por todos os brasileiros". João Carlos Taveira: "Portanto, para a obra de Nilto Maciel, posso usar tranquilamente as palavras finais do prólogo de Jorge Luis Borges a *A Invenção de Morel*, de Adolfo Bioy Casares: "Não me parece uma imprecisão ou uma hipérbole qualificá-la de perfeita." Fernando Py: "Hoje, Nilto Maciel é o escritor por excelência da narrativa curta brasileira, com seus textos enxutos, nos quais mescla com felicidade o bom-humor e o mistério, o picaresco e a carnavalização do cotidiano". Francisco Mi-

guel de Moura: "Nilto Maciel é um dos maiores escritores deste país". Silvério da Costa: "Há tempos vinha dizendo para mim mesmo que o Nilto Maciel era um dos maiores contistas brasileiros da atualidade. Minha dúvida consistia em saber se existia no Brasil alguém que o superasse na difícil arte de narrar histórias curtas".

Os maledicentes dirão: Assim não vale, porque são seus amigos. Vale, sim. Pois escreveram elogios porque me leram, não por serem meus amigos. Há sempre uma desculpa para os que não querem ver o Sol. Lembremos a fábula do lobo e do cordeiro: "Por que turvas a água que bebo?" Não sou cordeiro, nem lobo. Não estou falando de vítima e opressor. Estou falando de argumentos. Para os fingidos, os mentirosos, os pícaros há sempre um argumento.

Alguns serão mais maldizentes ainda: Esses nomes citados não são luminares da crítica. Se não são luminares, quem são os luminares? Os que ditam pautas de jornais e revistas? Os que indicam nomes para as listas dos dez mais? Ora, os cardeais só leem os nomes consagrados pela mídia literária (ou comercial), enquanto meus amigos conhecem os nomes indicados pela mídia, mas também sabem de Adriano Espínola, Caio Porfírio Carneiro, Chico Miguel de Moura, Fernando Py, João Carlos Taveira, Nicodemos Sena, Tanussi Cardoso (para citar apenas alguns nomes dos acima mencionados), porque outras dezenas de grandes poetas e prosadores brasileiros estão fora das listas elaboradas por doutores ou lobistas que desconhecem a literatura publicada por pequenas editoras.

Muitos outros se debruçaram sobre meus livros e os comentaram em resenhas e artigos: Adelto Gonçalves (que é doutor), Angelo Manitta (escritor e editor italiano),

Artur Eduardo Benevides, Astrid Cabral, Carlos Augusto Silva, Carlos Augusto Viana, Celestino Sachet, Chico Lopes, Di Carrara, Donaldo Schüller, Erorci Santana, Foed Castro Chamma, F. S. Nascimento, Henrique Marques-Samyn, Jaime Collier Coeli, Laene Teixeira Mucci, Nara Antunes, Nelly Novaes Coelho, Paulo Krauss, Paulo Nunes Batista, Ronaldo Cagiano e Valdivino Braz. Também os falecidos José Alcides Pinto, José Luiz Dutra de Toledo e Sérgio Campos, aos quais rendo homenagens. Nenhum deles me deve ou devia favores. Escreveram porque são escritores, são livre-pensadores, não têm compromissos com editoras, universidades, jornais.

Minha amizade com eles é real, realizada, feita, construída ao longo de livros e meses, cartas e temporais. Não são homens realizados. Não conseguiram ser maquinistas de trem, donos de caminhões chevrolets, terras, teres e haveres. Não chegaram a padres e muito menos a vestir farda. Nem fardões. São apenas escritores, como eu. Estou satisfeito comigo. Escrevi mais de duas mil páginas, livres de todos os fanatismos, de todos os moralismos. Acordo todo dia satisfeitíssimo porque sei da fartura de minha imaginação, de meu humor, de minhas dores, que são de todos. Por isso me pergunto: o que vou ser quando crescer? Não devo crescer mais. Embora ainda estude grego e latim, ainda leia os poetas latinos, ainda ouça Mozart, ainda me extasie diante de corpo feminino, ainda escreva crônicas para brincar comigo e com quem quiser me conhecer. Devo, sim, sair de férias e me preparar para o carnavalha de 2011.

FORTALEZA, 8 DEZEMBRO DE 2010

[ ]

Escritores Criativos, Imitadores, Aprendizes, Iludidos

No Ceará (e no resto do Brasil) surgiu um enxame de escritores neste começo de século XXI. E isto é excelente. Para os donos das gráficas, sobretudo. Aparecem todo dia poetas, contistas, cronistas, romancistas de todos os tipos. Recebo livros deles a cada tarde. Muitos se acreditam homens de letras, simplesmente porque aprontaram um livro, saíram vencedores em concurso, tiveram obra aprovada em edital e, munidos de uns reais, a publicaram. Quase todos desconhecem as normas gramaticais. Acham-nas estapafúrdias, obsoletas, dispensáveis. E, mesmo com o revisor gramatical à disposição de leigos e doutores, em qualquer computador, ainda assim só conseguem garatujar anotações como macacos amestrados. Zombam de quem os critica: "Não existe erro. Tudo está certo. São as peculiaridades de cada um".

Alguns desses borra-papéis se metem a amontoar orações, só porque conheceram Português na es-

cola, ouviram histórias de matutos, aprenderam a falar a língua materna (como os papagaios sabem gritar palavrões). Acham que basta produzir (eles não criam) uma história, como quem conta uma anedota num bar ou num salão de festa. Não há regras para eles. A elaboração frasal se dá primeiro como fala (mesmo que o locutor permaneça calado). Se sabe falar, sabe redigir. Para que ler romances, contos e poemas? Perguntei a um deles: "Quais os poetas de sua preferência?" Passou a mão na cabeça privilegiada e, como se pronunciasse a frase mais natural do mundo, peremptoriamente arrotou: "Não quero ser influenciado por ninguém. Não leio esse pessoal".

Certamente adquiriram noções de escrita e respeitam as normas da língua. Acham, no entanto, que poeta é quem esboça um amontoado de versos, a que chamam de poema ou poesia; contista é quem elabora história curta, com poucos personagens, breve trama etc; romancista é quem engendra história comprida, cheia de personagens, diálogos sem proveito, narrações áridas, com inumeráveis ações supérfluas, descrições físicas de seres, vias públicas, edificações etc. Quando conseguem seguir as trilhas dos escritores mais célebres (José de Alencar, modelo de romancista; Juvenal Galeno, modelo de poeta; Moreira Campos, modelo de contista), se acham pares deles: "Inspiro-me com frequência em Alencar; sou um seguidor fiel de Juvenal; oriento-me por Moreirinha". Batem no peito: "Mas pretendo ler Adolfo Caminha, Patativa do Assaré e Rachel de Queiroz".

Nenhum escrevinhador novo do Ceará é obrigado a conhecer todos os autores de sua terra. Nem precisa ler todos os principais. Pode até deixar de lado Oli-

veira Paiva, Juarez Barroso, Francisco Carvalho. Pode deixar para depois os conterrâneos e partir logo para o que vem de fora. É chique ler Mia Couto, Pepetela, Valter Hugo Mãe. Se preferir, pode ficar com Camões, Balzac, Dostoievski, Machado de Assis, Proust, Kafka, Fernando Pessoa e outros nomes célebres. Pode até nunca ler celebridades como Victor Hugo, Pusckin, Eça, Goethe, Thomas Mann, Graciliano Ramos. Pode deixar para depois Augusto dos Anjos, Mário de Sá-Carneiro, Virgínia Woolf, Guimarães Rosa, Garcia Marquez, Clarice Lispector, Saramago e mais uma infinidade de seres acima da média.

São tantos os caminhos à frente dos aprendizes que, às vezes, devem sentir imensa dificuldade de fazer uma escolha. Que tal compor poemas como Álvaro de Campos? Ou romances como *O Castelo*? Quem sabe, contos como os de Cortázar? É até mais fácil: basta seguir os modelos. "Mas aí - lamenta-se o jovem (ou velho) postulante à condição de escriba - serei um simples imitador, não terei voz própria". Por que, então, não criar um caminho próprio? Sim, o novo poema, o romance da era da Internet, o conto sem enredo ou sem pé nem cabeça. Lamento dizer que talvez não seja possível isto. E que um novo modelo poderá ser um fiasco. Modelos são como caminhos: podem levar ao brejo (com retorno humilhante); ao abismo (sem retorno); ao labirinto onde o Minotauro e outros monstros esperam o incauto aventureiro; a lugar nenhum; ao desespero onde se instalou a solidão dos incapazes; e, finalmente, ao suicídio. O pior, porém, é o inferno da ilusão, da crença de ter chegado ao eldorado, ao paraíso, à glória e aos píncaros da Arte.

É preciso ser franco em avaliação de arte (como em tudo na vida): nada de ludibriar os iludidos, passar mão na cabeça dos incompetentes, elogiar os medíocres. Porque eles não passarão disso, mesmo que aprendam gramática, figuras de linguagem, uso correto dos verbos. Mesmo que utilizem o maior número possível de vocábulos (em desuso, novos, neologismos etc). Mesmo que aprendam a ser claros, objetivos. Mesmo que saibam medir versos (que soneto não é apenas poema de quatorze versos), criar personagens, descrever ambientes, narrar ações e divagações (fluxo da consciência, monólogo interior, escrita automática e outras técnicas). Mesmo que inventem os mais excêntricos enredos ou tramas. Mesmo que queiram imitar a realidade, em descrição/narração de crimes hediondos, a miséria humana (repetir o naturalismo), o lado mais sórdido da vida. Não conseguirão nada de excelente: escrevinharão versinhos que os antigos gregos já anotaram; contarão historinhas de títulos pobres e até romances robustos, que não resistirão a um enxugamento mais exigente.

Recentemente li um desses livros de 300 páginas. Os diálogos reproduziam (ainda com travessões e verbos dicendi) falas totalmente supérfluas e enfadonhas, que poderiam ser eliminadas, sem prejuízo da narração. Com os cortes, o livro se reduziria a 150 páginas. As descrições também se mostravam desnecessárias: salas com sofás e mesinhas, mesas amplas com pratos e talheres, camas largas, em cansativos rabiscos. Extirpadas, por inúteis, reduziu-se o livro a apenas 50 folhas. As narrações se estendiam por parágrafos e mais parágrafos: encontros de casais, pessoas a conversar em salas, notícias de viagens, mortes, doenças. Tudo

como meros adereços, para que o leitor tivesse a ilusão de estar "vendo" passar diante dos olhos a vida oca de personagens miúdos e dispensáveis. Risquei-as, por desinteresse como leitor. Só restou o título. Como fosse pobre e comum, também o lancei ao cesto do lixo.

Sabe-se que o organismo dos seres processa os alimentos, aproveita o sumo (proteínas, carboidratos, vitaminas etc) e rejeita o resto: as fezes. Semelhante movimento ocorre na criação artística (especificamente na literária). O que fica é o diálogo ou o monólogo interessante, a descrição artística de ambientes e a narração de fatos essenciais à trama (no caso da prosa de ficção) ou a ruminação de fatos, gestos, falas, sonhos, projeções, imaginações (monólogo interior) pelo narrador. O resto é obra (no sentido de fezes), que deve ser lançado ao vaso e encaminhado ao esgoto.

Muitos desses escreventes nem imaginam que "um bom conto não se esgota em si mesmo como simples registro factual ou naturalista de um acontecimento. Ou como mera conceituação da realidade. Antes, ilumina a realidade, como síntese desta", na observação sucinta de Carlos Ribeiro, no artigo "Arte do efeito único: o conto", inserto em *À luz das narrativas: escritos sobre obra e autores* (Editora da Universidade Federal da Bahia, 2009). Que transcreve uma opinião de Julio Cortázar, para quem o conto "Não é ruim pelo tema, porque em literatura não há temas bons ou temas ruins, há apenas um tratamento bom ou ruim do tema. Tampouco é ruim porque os personagens careçam de interesse, já que até uma pedra é interessante quando dela se ocupam um Henry James ou um Franz Kafka. Um conto é ruim quando é escrito sem a tensão que deve se

manifestar desde as primeiras palavras ou as primeiras cenas. E assim podemos adiantar que as noções de significado, de intensidade e de tensão irão nos permitir [...] abordar melhor a estrutura mesma do conto".

Outros desses incautos escrevinhadores até conhecem teorias ou obras de especulação do fazer literário, como o *Decálogo do perfeito contista,* do uruguaio Horacio Quiroga. Ou os estudos de Edgar Allan Poe, bem como o ensaio *Alguns aspectos do conto,* de Julio Cortázar. Mas nada disso lhes serve de lição, porque são teimosos e incapazes de criar ao menos uma obra pequena (no tamanho) suficientemente digna de leitura mais demorada. E teimam em bater no peito e dizer: "Ganhei o prêmio de melhor livro de contos do Ceará; meu livro foi resenhado pelo ilustre acadêmico fulano de tal; o jornal X dedicou uma página à minha arte; sou considerado (não se sabe por quem) um dos melhores contistas do Brasil". E assim vivem e morrem na doce ilusão de que são escritores.

Fortaleza, maio de 2012.

[ ]

Vocação é Diferente de Talento

Meu primeiro livro (mirrado, de poucas páginas, capa de causar espanto, sem abas, cheio de erros tipográficos) saiu por uma gráfica de Fortaleza, em 1974. Lembro a letra daquela canção de Wilson Batista e Jorge de Castro, na voz de Nelson Gonçalves: "O navio apitou, paguei a despesa / A história se encerra / Adeus, Barcelona, adeus / Adeus, Dolores Sierra..." Paguei a despesa, programei lançamento num bar, convidei amigos da faculdade, do trabalho e vizinhos e me tornei escritor.

Passados tantos anos, quase nada mudou. Ou tudo mudou radicalmente? Talvez não haja mais meninas desamparadas no cais de Barcelona, a receber migalhas (pesetas) das mãos de homens que querem seus corpos mirrados, de poucas carnes, roupas quase em molambos, sujas. Agora os espanhóis vêm ao Brasil (ou, mais especificamente, às capitais do Nordeste), bolsos cheios de euro (eros), à cata de nossas meninas, nossas Dolores. Não vêm de navio, mas de avião. Por meu lado, ganhei alguns prêmios literários de âmbito nacional (não falo de menções honrosas ou especiais, mas de primeiro lugar) e

tive impressas histórias por empresas de São Paulo, Porto Alegre e Brasília. (Não estou falando de gráficas ou de supostas editoras que cobram do autor para reproduzir seus manuscritos.) Um avanço, certamente. Talvez não, porque ser publicado não tem lá grande valor. O que tem valor – ou não tem – é a obra literária.

Gráficas, pequenas ou supostas casas editoriais e organizações deste ramo, constituem uma pirâmide, tal qual ocorre com as chamadas classes sociais. Na base estariam as gráficas propriamente ditas; no meio, as pequenas instituições que utilizam os serviços daquelas (ou próprios) e aparecem como editores; no topo, as grandes empresas que investem na reprodução de narrativas – não arriscam capital em poesia – e as vendem a livrarias, bibliotecas, governos – leia-se escola pública – etc). Escritores, assim como críticos, professores de Literatura, jornalistas culturais, resenhistas sabem disso. Sabem, fazem a distinção entre esses tipos de negócio e estão cheios de preconceito. Para eles, o sujeito que paga a impressão de sua peça literária é escritor pequeno, miúdo, inferior. Nem vale a pena lê-lo. Cidadão publicado por editora de pequeno porte, o que custeia a edição de seu livro (como o de gráfica), é apenas escrevinhador, quase sempre principiante, jovem. Alguns têm talento, mas precisam amadurecer. E, se o conseguirem, logo assinarão contratos com megaempresas e se tornarão famosos, serão convidados para a Academia Brasileira de Letras, ganharão prêmios internacionais, darão entrevista aos grandes jornais e até a redes de televisão. Suas histórias terão edições em inglês, francês, espanhol, italiano, línguas compridas (mandarim, urdu, tailandês) e curtas (sueco, esloveno, javanês). Tudo verdade, tudo mentira.

Escritor talentoso se distingue do medíocre não pela firma que os divulga nem pela quantidade de idio-

mas para os quais suas obras são traduzidas. Imprimir manuscrito é mera consequência do escrever. O copista ou escrevedor pode passar anos e mais anos sendo louvado em jornais, revistas, programas de televisão, blogues, pelos resenhistas, jornalistas, arcebispos, generais, ginecologistas, deputados, beldades do cinema e da televisão. Pode ganhar prêmios à vontade, cadeiras cativas aqui e ali. Pode ser traduzido para mil e uma línguas e ganhar milhões de dólares. Continuará medíocre para sempre, até desaparecer de vez, ao morrer, como se nunca tivesse existido, como se nunca tivesse escrito uma página.

E por que isso? Porque não tem estilo. Escreve como a maioria. Não tem luz própria. Não tem dicção própria. Escreve como falam nas ruas, nos *shoppings*, nos corredores das universidades e dos jornais. Não ter estilo é escrever no presente (como se escrevesse novela de televisão). É ter medo de escrever no passado. Para ele, o leitor não quer saber de passado, mas de presente. Não ter estilo é escrever o dia a dia das pessoas ou dele mesmo. Não ter estilo é escrever histórias (romances e contos, principalmente, porque nem aos sussurros falam em poesia, poema, verso; ou passam bem longe disso) vulgares, lineares (alguns conseguem ludibriar leitores mais apegados a vanguardismos, com certos arranjos: diálogos internos, eliminação da pontuação, mudança do foco narrativo etc.) e excessivamente realistas.

Certo redator profissional (não direi o nome, para evitar constrangimentos) me dizia: "Nilto, nunca paguei para ser publicado. Pelo contrário, exijo direitos autorais. Escrevo por encomenda. Recebo pagamento adiantado. Não concedo entrevista, se não for pago". Custou a me dar os impressos. "Pedirei à casa. É de interesse dela. Acredito na hipótese de que lhe enviará um pacote".

Perguntou se eu poderia escrever uma resenha. Certo de estar diante de excepcional escriba (não digo de um gênio), tive vergonha de dizer: "Só escrevo a respeito de peças literárias de refinada elaboração" e terminei dizendo: "Sim, será um prazer para mim". Com muita dor de cabeça, li dois livros dele: um romance e um volume de contos. À mesa, outro contador de histórias pedante se entusiasmou e me ofertou três de suas obras-primas: "Se quiser escrever um artigo, não se faça de rogado". Não me benzi, por medo de ser chamado de carola.

Vejamos algumas frases das narrativas desses borra-papéis editadas por megaeditoras e digam se estou doido:

"O bar estava cheio quando ele chegou. Tinha resistido em sair de casa até quase às onze horas, quando finalmente decidiu. Era sábado, a noite estava bonita, e ele se sentia muito sozinho."

Não quero ser professor nem exigente demais. No entanto, olhem que feiura, que pobreza, que excesso de palavras e informações. O bar estava cheio? Só para realçar a solidão do personagem? Reparem na repetição do "estava". Vocês já terão ouvido muito isto: "A noite estava bonita". E se estivesse feia? O que dizer de "ele se sentia muito sozinho"? Não lhes parece muito nova, orginalíssima, a constatação do narrador? Não, não é preciso ser original o tempo todo. Porém, deixemos o leitor ler e ser inteligente.

Comparemos com outra "narração de bar" (de certo, escritor publicado por pequenas organizações do ramo editorial):

"Depois do terceiro conhaque, sentia no rosto a barba crescida e na cara toda a infelicidade do mundo, como se fosse Vicente Celestino. Voltava ao bar e aos discos e inundava a casa e a vizinhava de gritos: 'Já fui feliz e recebido

com nobreza até. Nadava em ouro e tinha alcova de cetim'".

Não quero me louvar, mas percebam o sentimento do personagem a ouvir o velho cantor. E a intertextualidade com a letra da canção.

A terceira frase é do segundo escrevinhador daquela conversa fiada:

"O menino nasce em casa, com parteira. Parto difícil e doloroso, ela estava mesmo bem. Lauro não aparece, fica a noite inteira no jogo, não conseguem tirá-lo de lá".

Não seria melhor "nasceu em casa"? Ora parto difícil e doloroso! Parto fácil e prazeroso só se for o da Virgem Maria. A separação das orações por vírgulas afasta para bem longe a beleza de nossa língua literária.

Confrontemos com outra "narração de parto" (de certo, escritor publicado por pequenas editoras):

"Tudo vão em mim. Os sonhos de ser mãe, de viver um amor eterno, de ser conduzida em carruagens de ouro – nenhum deles se concretizou. Porque Ezequiel é incompleto para mim. Nasceu, existe, mas é como se tivesse nascido depois de tudo ou existisse além de mim".

Clarice Lispector observou: "Vocação é diferente de talento. Pode-se ter vocação e não ter talento, isto é, pode-se ser chamado e não saber como ir".

E não falei de Machado de Assis e Graciliano Ramos. Seria ousadia demais. Tais cotejos não devem ser feitos. Embora morra de vergonha de falar de mim e de citar trechos de minha obra, prefiro fazer comparações comigo, que sou também aprendiz. Mas minha vergonha maior é de ler certas narrativas, de tão pobres, miseráveis, indigentes.

FORTALEZA, 14 DE FEVEREIRO DE 2011.

[ ]

Em Baturité

O Que Significa Talento?

Em literatura (e nas demais artes) há os imitadores. Não sabem (não conseguem) ir além dos modelos. Há também os que nem isso conseguem, mas insistem nessa labuta de Sísifo. Alguns deles estão em jornais e revistas, academias, catálogos de editoras, nos festins, nas congratulações. Arremedam os descobridores, os inventores e os próprios copiadores. Não vão além dos modelos, dos moldes. São conformados. Aceitam tudo como destino. Reverenciam, sorridentes, a seleção natural, a evolução das espécies, a reprodução. Se são cachorros, nunca se veem gatos. Ou não se sentem aves. Apenas latem.

Capazes de tudo, aprendem, com louvor, as normas gramaticais; leem todos os clássicos; conhecem idiomas (pelo menos dois: o de sua pátria e o das multidões); sabem tudo de cinema, teatro, arqueologia, mitologia, filosofia. Dão lições de quase tudo: o uso da vírgula, o desuso de palavras, a morte de Sócrates, a vida de Platão. Não admitem, nem em sonho, a pecha

de medíocres, copistas, conformados. Irritam-se, com facilidade, se criticados. Odeiam os críticos. Sentem-se pares dos descobridores e dos inventores. Nunca dizem "eles", mas "nós". Formam grupinhos, reúnem-se todas as noites. São gregários. Elogiam-se, riem muito, contam piadas, armam estratégias. Frequentam, juntos, bares e restaurantes, assim como salões de academias de letras, de retórica, de língua. São amigos uns de outros. Visitam-se amiudamente. Levam mimos para as esposas dos amigos, bonequinhas e bolinhas para os filhinhos dos compadres. Os de fora são os "bestas", os "metidos", os "doidos". Os de fora são os talentosos, descobridores e inventores da nova literatura.

Irmão gêmeo do típico escritor comum é o "gênio incompreendido", que escreve como se desenhasse labirintos. Para ele, é mais do que preciso enredar o leitor, confundi-lo, atá-lo com nós, sufocá-lo e matá-lo. O leitor é seu principal inimigo. E bate no peito: duvido da existência de alguém capaz de entender o que escrevo. Para ele, Fernando Pessoa é muito simples e, portanto, imitável: "Meu coração é um almirante louco / que abandonou a profissão do mar". Bom, é verdade, mas deveria ter sido mais complexo. Mais plexo, mais exo, mais lexo, mais oxel, mais xelo, mais loxe. Para deixar o leitor, o crítico, o estudioso completamente enredados nas teias da grande aranha do verbo.

À mesa desses privilegiados seres, sempre farta e barulhenta, sentam-se os seus seguidores, os seus bajuladores. São os incapazes de ler cem páginas de um clássico. Muito cansativo! Os que não conseguem aprender nada e gritam: Abaixo a ditadura da gramática! Os que envelhecem e não passam do versinho ado-

cicado. Os que veem em letras de samba ou de *rock* a poesia mais soberba. Os que acham que romance é uma história comprida. São os pobrezinhos da literatura, os miseráveis, os indigentes, os mendigos das letras. Destes, no entanto, nem é preciso dizer muito.

Os escritores comuns somos quase todos nós que convivemos com os pobres sonhadores e também com os talentosos. Com muita dedicação (e porque conduzem no cérebro algum gene diferenciado), alguns conseguem até engendrar uma ou outra obra valiosa. Assim como os talentosos geram muita mediocridade. Quase todos nós, porém, não passamos do soneto bem medido e rimado, do conto arrumadinho que constará de antologia estadual ou nacional, do romance estudado (por algum tempo) na Universidade.

Ao nosso lado, vivem os descobridores da boa literatura. "Viver ao lado" é modo de dizer. Sim, vivem na mesma cidade, são nossos vizinhos, mas não se misturam muito conosco. Em vez da vida social, preferem os livros. Nada inventam, porém sabem descobrir modelos (que a maioria nem percebe), artifícios de linguagem, entradas e saídas (de labirintos), técnicas de narrar e compor poemas etc. São os chamados "escritores talentosos", os capazes de fugir da pura imitação, do plágio e das lições da escola a que pertencem. São românticos que encontram o realismo (Machado de Assis), parnasianos que conseguem alcançar o simbolismo ou o modernismo (Augusto dos Anjos, Jorge de Lima), regionalistas que chegam ao universalismo (Graciliano Ramos, Guimarães Rosa). Não são muitos, razão pela qual são pouco vistos. E, quando percebidos, ninguém sabe sequer seus nomes.

Mais raros ainda são os inventores ou reinventores de literaturas. Também são chamados de gênios. Escrevem nova poesia, como Fernando Pessoa. Novo romance (ou nova prosa de ficção), como Kafka. Estes não vemos por aí, a não ser como estátuas ou em livros. Seria o caso também de James Joyce? Muito escritor torce o nariz: "Eu faço melhor do que ele. Invento coisas tão indecifráveis que até os hieróglifos do Egito se farão (faraós) fáceis (fósseis) diante delas. Nem Jean-François Champollion seria capaz de decifrar os meus finnegans wakes". E completa: "Na verdade, somos muito parecidos, eu e Joyce. Ele, por seus estudos; eu, por meus..."

Deixemos, porém, esses devaneios para trás. E concluamos este verborrágico passeio com algumas perguntas: Inventar e reinventar são verbos da mesma classe? Joyce reinventou Homero? Quem inventou a Grécia? É possível imitar o gênio? O que significa talento?

FORTALEZA, 1º DE MAIO DE 2012.

[ ]

Se Ficar o Bicho Pega, se Correr o Bicho Come

Segundo os antigos, se conselho fosse bom, ninguém dava. Todo dia, no entanto, recebo uma dezena desses manjares. Um dos mais frequentes é este: "Nilto, pare com essa besteira de criticar escritor medíocre. Não perca seu tempo com isso. Vá revisar os seus contos e romances, antes que seja tarde demais". Tenho plena consciência de que estou velho. É para não entregar a bolsa à insaciável e eterna ladra que persisto em escrever e estudar. O ofício de editor (o jornal *Intercâmbio*, anos 70; as revistas *O saco*, 1976/77, e *Literatura*, 1992/2008; e o *blog Literatura sem fronteiras*, desde setembro de 2005) não me deixa, porém, abandonar a pena. Pois toda tarde recolho (o carteiro lança pacotes sobre o muro) livros, com rogos de leitura e comentário: "Nem que seja uma linha". Os mais afoitos me suplicam prefácios ou pequenos textos para orelha. Chegam, por *e-mail*, diariamente, poemas, contos, crônicas, artigos, ensaios. Ora, para

publicar ou deletar, preciso lê-los. Não posso, portanto, deixar de passar a vista por obras medianas e de baixa qualidade.

Se não me engano, ouvi isto de Fabrício Carpinejar (em tom de brincadeira): "Adoro livros medíocres; aprendo muito com eles: aprendo, por exemplo, a não escrever como os seus autores". Shakespeare reescrevia peças menores. *Romeo and Juliet* tem enredo baseado na história em versos *The Tragicall Historye of Romeus and Juliet* (*A Trágica História de Romeu e Julieta*), de Arthur Brooke, retomado em prosa como *The Palace of Pleasure* (*Palácio do Prazer*), por William Painter. O imenso Cervantes, outro gênio a quem não se pode chamar de erudito, criou uma das obras-primas da humanidade, tendo, como ponto de partida, narrativas sem muito valor literário, as novelas de cavalaria. Não pretendo "melhorar" composições literárias reles nem imitar as criações superlativas. Leio os meus contemporâneos (a maioria) por obrigação de editor. Outros, por amizade.

Tenho me dado muito mal com tais serviços. Certo poeta fez imprimir uma seleção de versos e me solicitou um parecer. Li a versalhada toda e rabisquei umas observações. Em troca, o cidadão passou cinco anos sem falar comigo. Pouco antes de morrer, me pediu desculpas, reconheceu a fragilidade dos poemas apontados por mim como capengas (elogiei outros) e voltou a ser meu amigo. Era tarde demais. Outro me convidou a lhe arranjar um prefácio. Demorei um mês na labuta de redigir umas frases coerentes e verdadeiras. Pois o indivíduo não gostou nem um pouco do primeiro parágrafo e anunciou: "Obrigado pelo preâmbulo, mas será publicado sem as frases negati-

vas". Ao me mostrar insatisfeito com sua decisão, ele se zangou e até hoje não fala comigo.

Muitos desses escritores, principiantes ou maduros, se sentem tão insultados ou vilipendiados em minhas vistorias que se tornam meus inimigos. Como se eu cuidasse de suas feiúras físicas, de seus defeitos de personalidade, de seus aleijões de caráter etc. Nas crônicas, sim, não me atenho a obras de arte, mas a pessoas. Porque crônica pode ser arte.

Meu mal se iniciou logo depois da puberdade, quando rabisquei o primeiro artigo, uma nota "crítica", no afã de aparecer nas páginas dos jornais. De lá para cá, não pararam mais (meus colegas literatos) de me implorar uma palavrinha escrita. Consigo embromar alguns com promessas. Alego falta de tempo, morte de parente próximo, incêndio em casa, paralisia nas mãos, cegueira momentânea, doença grave. Os que insistem demais (já passou a cegueira? comprou móveis novos? conseguiu esquecer o morto?) terminam me convencendo de que mais vale decifrar os seus papiros do que tentar escrever contos.

Outro bom conselho que me dão sempre: "Não fale mal de ninguém. Se fulano é mediano, esqueça isso e faça um elogio. Criticar é apontar o dedo, acusar, censurar. E sabemos que quem aponta um dedo está apontando três para si mesmo". Infelizmente, não sei mentir, como dizia aquele personagem de Chico Anísio. Não sei enganar. Além disso, me avigoro como criador, à medida que vejo os defeitos dos outros, como o fazia Shakespeare. Essas leituras nos fazem distinguir o que é narrar do que é não narrar. Evidenciam, em letras maiúsculas, o que são narração inútil, diálogo descartá-

vel e descrição desnecessária. Fazem-nos ver de perto o que é pobre, feio e rudimentar, e disso nos afastar.

Infelizmente, ninguém aceita crítica. É natural, é humano. Ou não aceita o silêncio. "Por que você não escreve sobre meu livro?" Ou seja, se ficar o bicho pega, se correr o bicho come.

Para não me aborrecer mais e não criar outros inimigos, a partir de hoje, não tecerei nenhuma consideração (no sentido de apontar falhas ou defeitos), em artigo, resenha ou crônica, a impresso que me for enviado ou oferecido. Aqui se encerra minha desastrada carreira de crítico (ou censor, como dizem) literário de província. Lerei, sim, livros inteiros (se me cativarem); parte deles (se me aborrecerem desde as primeiras linhas). E apenas direi aos autores: "Adorei o seu romance, os seus contos, os seus poemas; estou conhecendo o seu escrito; muito obrigado pelo presente". Para que não insistam (não peçam opinião, uma reflexão qualquer, uma palavrinha, seja lá o que for), enviarei cópia deste artigo.

FORTALEZA, 21 DE JUNHO DE 2012

[❧]

Dados biográficos de Nilto Maciel

Nasceu em Baturité, Ceará, em 1945. Ingressou na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará em 70. Estreou com *Itinerário*, conjunto de contos, em 74. Dois anos depois, criou, com outros escritores, a revista *O Saco* Mudou-se para Brasília em 77. Participou da criação do Grupo Siriará. Regressou a Fortaleza em 2002. Editou a revista *Literatura*, de 1992 a 2008.

Obteve primeiro lugar em alguns concursos literários nacionais e estaduais: Secretaria de Cultura e Desporto do Ceará, 1981, com *Tempos de Mula Preta*; Secretaria de Cultura e Desporto do Ceará, 1986, com *Punhalzinho Cravado de Ódio*; "Brasília de Literatura", 90, categoria romance nacional, Governo do Distrito Federal, com *A Última Noite de Helena*; "Graciliano Ramos", 92/93, categoria romance nacional, Governo do Estado de Alagoas, com *Os Luzeiros do Mundo*; "Cruz e Sousa", 96, categoria romance nacional, Governo do Estado de Santa Catarina, com *A Rosa Gótica*; VI Prêmio Literário

Cidade de Fortaleza, 1996, Fundação Cultural de Fortaleza, com o conto "Apontamentos para um Ensaio"; "Bolsa Brasília de Produção Literária", 98, categoria conto, com *Pescoço de Girafa na Poeira*; "Eça de Queiroz", 99, categoria novela, União Brasileira de Escritores, Rio de Janeiro, com o livro *Vasto Abismo*.

Organizou, com Glauco Mattoso, *Queda de Braço – Uma Antologia do Conto Marginal* (Rio de Janeiro/ Fortaleza, 1977). Participa de diversas coletâneas, entre elas *Quartas Histórias* – Contos Baseados em Narrativas de Guimarães Rosa, org. por Rinaldo de Fernandes (Ed. Garamond, Rio de Janeiro, 2006); *15 Cuentos Brasileros/15 Contos Brasileiros*, edición bilingue español -portugués, org. por Nelson de Oliveira e tradução de Federico Lavezzo (Córdoba, Argentina, Editorial Comunicarte, 2007); e *Capitu Mandou Flores*, org. por Rinaldo de Fernandes (Geração Editorial, São Paulo, 2008).

Tem contos e poemas publicados em esperanto, espanhol, italiano e francês. *O Cabra que Virou Bode* foi transposto para a tela (vídeo), pelo cineasta Clébio Ribeiro, em 1993. Seus livros estão publicados por pequenas editoras brasileiras.

Livros publicados

Itinerário, contos, 1.ª ed. 1974, ed. do Autor, Fortaleza; 2.ª ed. 1990, João Scortecci Editora, São Paulo.

Tempos de Mula Preta, contos, 1.ª ed. 1981, Secretaria da Cultura do Ceará; 2.ª ed. 2000, Papel Virtual Editora, Rio de Janeiro.

A Guerra da Donzela, novela, 1.ª ed. 1982, 2.ª ed. 1984, 3.ªed. 1985, Editora Mercado Aberto, Porto Alegre.

Punhalzinho Cravado de Ódio, contos, 1986, Secretaria da Cultura do Ceará.

Estaca Zero, romance, 1987, Edicon, São Paulo.

Os Guerreiros de Monte-Mor, romance, 1ª ed. 1988, Editora Contexto, São Paulo; 2ª ed. 2011, Armazém da Cultura, Fortaleza.

O Cabra que Virou Bode, romance, 1.ª ed. 1991, 2.ª ed. 1992, 3.ª ed. 1995, 4.ª ed. 1996, Editora Atual, São Paulo.

As Insolentes Patas do Cão, contos, 1991, João Scortecci Editora, São Paulo.

Os Varões de Palma, romance, 1994, Editora Códice, Brasília.

Navegador, poemas, 1996, Editora Códice, Brasília.

Babel, contos, 1997, Editora Códice, Brasília.

A Rosa Gótica, romance, 1.ª ed. 1997, Fundação Catarinense de Cultura, Florianópolis (Prêmio Cruz e Sousa, 1996), 2.ª ed. 2002, Thesaurus Editora, Brasília.

Vasto Abismo, novelas, 1998, Ed. Códice, Brasília.

Pescoço de Girafa na Poeira, contos, 1999, Secretaria de Cultura do Distrito Federal/Bárbara Bela Editora Gráfica, Brasília.

A Última Noite de Helena, romance, 2003, Editora Komedi, Campinas.

Os Luzeiros do Mundo, romance, 2005, Editora Códice, Fortaleza.

Panorama do Conto Cearense, ensaio, 2005, Editora Códice, Fortaleza.

A Leste da Morte, contos, 2006, Editora Bestiário, Porto Alegre.

Carnavalha, romance, 2007, Bestiário, Porto Alegre.

Contistas do Ceará: D'A Quinzena ao Caos Portátil, ensaio, 2008, Imprece, Fortaleza.

Contos Reunidos (volume I) - reunião de Itinerário, Tempos de mula preta e Punhalzinho cravado de ódio - 2009, Ed. Bestiário, Porto Alegre.

Contos Reunidos (volume II) - reunião de As insolentes patas do cão, Babel e Pescoço de girafa na poeira - 2010, Ed. Bestiário, Porto Alegre.

Luz Vermelha que se Azula, contos, 2011, Expressão Gráfica, Fortaleza.

Menos Vivi do que Fiei Palavras, crônicas, 2012, Ed. Penalux, Aparecida.

Gregotins de desaprendiz, artigos e resenhas, 2013, Ed. Bestiário, Porto Alegre.

Marly, Marlene e Alfredo,
nossos vizinhos em Baturité,
na avenida Dom Bosco, em 1948

Li a História desses povos, dessas gentes. Mas li também Camões, a Bíblia, Alencar, Machado, cordel, Moreira Campos. E me pus a escrever também. Mais para relembrar aquele povo e seus descendentes. Para recriá-los. Ou mesmo criá-los, porque talvez nada exista. / NM

ISBN 659880239-5
editoraBESTIÁRIO